UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ANÁLISE CRÍTICA DE GÊNEROS DE POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA DA ÁREA DE INFORMÁTICA NO JORNAL ZERO HORA (2009)

TESE DE DOUTORADO

Tânia Maria Moreira

Santa Maria, RS, Brasil.

2012

ANÁLISE CRÍTICA DE GÊNEROS DE POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA DA ÁREA DE INFORMÁTICA NO JORNAL ZERO HORA (2009)

Tânia Maria Moreira

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de
Doutor em Letras.

Orientadora: Professora Drª. Désirée Motta-Roth

Santa Maria, RS, Brasil.

2012

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática
da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Moreira, Tânia Maria
Análise crítica de gêneros de popularização da ciência da área de informática no Jornal Zero Hora (2009) / Tânia Maria Moreira.-2012.
193 p.; 30cm

Orientadora: Désirée Motta-Roth
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, RS, 2012

1. Análise crítica de gênero. 2. Gêneros de popularização da ciência. 3. Jornal Zero Hora. 4. Organização retórica. 5. Intertextualidade. I. Motta-Roth, Désirée II. Título.

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Artes e Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Tese de Doutorado

ANÁLISE CRÍTICA DE GÊNEROS DE POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA DA ÁREA DE INFORMÁTICA NO JORNAL ZERO HORA (2009)

elaborada por
Tânia Maria Moreira

Como requisito parcial para a obtenção do grau de
Doutor em Letras

COMISSÃO EXAMINADORA:

_____
Désirée Motta-Roth, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

_____
Maria Eduarda Giering, Dra. (UNISINOS)

_____
Lia da Fonseca Seixas, Dra. (UFBA)

_____
Roséli Gonçalves do Nascimento, Dra. (UFSM)

_____
Vanessa Ribas Fialho, Dra. (UFSM)

Santa Maria, 19 de dezembro de 2012.

RESUMO

Tese de Doutorado
Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal de Santa Maria

ANÁLISE CRÍTICA DE GÊNEROS DE POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA DA ÁREA DE INFORMÁTICA NO JORNAL ZERO HORA (2009)

AUTORA: Tânia Maria Moreira
ORIENTADORA: Profa. Dra. Désirée Motta-Roth
Data e Local da defesa: Santa Maria, 19 de dezembro de 2012.

O presente estudo procura investigar, sob a ótica da Análise Crítica de Gênero (MEURER, 2002; 2006; MOTTA-ROTH, 2005; 2006) e com base em estudos sobre ciência e sua popularização (SOUZA SANTOS, 2006; VOGT, 2003; 2010; MOTTA-ROTH, 2009; 2010), a configuração dos textos que popularizam pesquisas da área de Informática, tentando identificar as condições de produção, distribuição e consumo no jornal Zero Hora. Este estudo se fundamenta na importância de analisar discursos para qualificar o ensino de linguagem. Como professora de língua materna, entendo que devo posicionar-me como analista do discurso para contribuir na formação crítica de estudantes da Educação Básica. A Análise Crítica de Gênero articula três aportes teóricos de vertentes sociais dos estudos da linguagem: a Socior-retórica (SWALES, 1990; 2004) a Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1978; HALLIDAY; HASAN, 1989) e a Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 1992; 1999; 2001; 2002; 2003). O *corpus* da pesquisa é composto por 27 textos de popularização da ciência, da área de Informática, publicados na seção de Economia do jornal Zero Hora em 2009. Os procedimentos analíticos adotados envolveram o estudo do contexto e do texto. Na análise contextual, realizada a partir da seleção de estudos bibliográficos, de dados documentais disponíveis no site do jornal e de entrevista realizada com o produtor da seção de Economia da mídia em estudo, procuro identificar e interpretar o contexto de cultura e de situação do jornal Zero Hora. Na análise textual, descrevo e interpreto como se configuram duas categorias analíticas: a organização retórica e a intertextualidade. Os resultados indicam que o jornal Zero Hora produz notícia, reportagem e infomercial, um gênero híbrido (FARICLOUGH, 2001, p. 149) que mescla características dos gêneros notícia e de anúncio, na recontextualização de relatos de conclusões de pesquisas da área de Informática. Esses eventos discursivos são considerados gêneros híbridos por combinarem marcas do discurso jornalístico, do científico, do pedagógico e que apontam para uma abordagem de comodificação.

Palavras-chave: Análise crítica de gênero. Gêneros de popularização da ciência. Jornal Zero Hora. Organização retórica. Intertextualidade.

ABSTRACT

Ph.D. Dissertation
Graduate Program in Languages
Federal University at Santa Maria, RS, Brazil

CRITICAL ANALYSIS OF SCIENCE POPULARIZATION GENRES IN THE FIELD OF INFORMATICS IN *ZERO HORA* NEWSPAPER (2009)

AUTHOR: Tânia Maria Moreira
ADVISOR: Profa. Dra. Désirée Motta-Roth
Date and place of the defense: Santa Maria, December 19th 2012.

The present study aims at investigating, under the perspective of Critical Genre Analysis (MEURER, 2002; 2006; MOTTA-ROTH, 2005; 2006) and based on studies about science and its popularization (SOUZA SANTOS, 2006; VOGT, 2003; 2010; MOTTA-ROTH, 2009; 2010), the configuration of texts that popularize research in the area of Informatics, by trying to identify the conditions of production, distribution and consumption in *Zero Hora* newspaper. This study is based on the importance of analyzing discourses to qualify the language teaching. As a Portuguese language teacher, I understand that I need to position myself as a discourse analyst in order to contribute in the critical formation of Basic Education students. Critical Genre Analysis articulates three theoretical perspectives of social approaches in language studies: the socio-rhetorical theory (SWALES, 1990; 2004), Systemic-Functional Linguistics (HALLIDAY, 1978; HALLIDAY; HASAN, 1989) and Critical Discourse Analysis (FAIRCLOUGH, 1992; 1999; 2001; 2002; 2003). The research *corpus* is composed by 27 science popularization texts from the field of Informatics, published in the Economy section of *Zero Hora* newspaper in 2009. The analytical procedures adopted involved the study of the context and texts. In the contextual analysis, conducted through bibliographical studies selection, documental data available in the newspaper website and interview with the producer of the Economy section in the studied media, I try to identify and interpret the contexts of culture and situation of the newspaper. In the textual analysis, I describe and interpret how two analytical categories are configured: rhetorical organization and intertextuality. The results indicate that *Zero Hora* newspaper produces news, news report, and infomercial, a hybrid genre (FARICLOUGH, 2001, p. 149) which merges characteristics from the news and advertisement genres in the recontextualization of reports of research conclusions in the Field of Informatics. These discursive events are considered hybrid genres because they combine marks of journalistic, scientific and pedagogic discourses which point to an approach of commodification.

Keywords: Critical genre analysis. Science popularization genres. *Zero Hora* newspaper. Rhetorical organization. Intertextuality.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e, em especial, à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras, pelo apoio na realização desta investigação;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo suporte financeiro na realização desta tese;

À professora Désirée Motta-Roth, minha orientadora, pelos desequilíbrios provocados e pela constante oferta de andaimes que me permitiram encontrar o re-equilíbrio, gerar conhecimentos e contar uma história que se constitui na realização deste estudo;

Às professoras Sara Scotta Cabral e Graciela Hendges pelas ações dialógicas e sugestões que também me possibilitaram refletir e tomar consciência de alguns conceitos fundamentais nesta pesquisa;

Aos professores doutores Adair Bonini, Najara Ferrari, Luciane Ticks e Cristiane Fuzer pelas generosas sugestões oferecidas no exame de qualificação desta tese;

Às professoras da Pós-Graduação da UFSM que me acompanharam e contribuíram na minha trajetória no doutorado;

À colega do Grupo de Pesquisa/CNPq “Linguagem como prática social” do Laboratório de Leitura e Redação (LABLER) da UFSM, à Anelise Scotti Scherer por estar sempre disposta a ouvir, ler, discutir, trocar bibliografias, criticar e sugerir durante todo o processo de formação;

Às colegas do Pós-Graduação (PPGL/UFSM) e da Graduação em Letras da UFSM, especialmente, à Raquel Bevilaqua, ao Fábio Nascimento, à Thaiane Socoloski, à Betyna Preischardt, à Fernanda Ziegler e à Maria Luiza Costa, pelas ações colaborativas envolvendo análises e publicações de artigos sobre este tema de estudo;

À Franciele Pinton, por compartilhar ideias, informações, amizade, agruras e alegrias do doutorado;

Ao Jandir e à Irene, funcionários da secretaria da Pós-Graduação em Letras, por estarem sempre dispostos a ajudar nas diversas etapas de realização deste trabalho;

Aos meus colegas da Escola Estadual Maria Rocha, por compreenderem a importância da minha dedicação exclusiva a este estudo e facilitarem o meu afastamento das ações pedagógicas no ensino público estadual em 2010;

Aos colegas da 10ª Coordenadoria Regional de Educação de Uruguaiana, pela calorosa acolhida quando retornei às atividades profissionais em 2011 e pelo apoio na conclusão desta investigação;

Aos meus pais, Braz (em memória) e Maria, pelos conselhos e pela sacrificada luta para que eu estudasse e fosse o mais longe que pudesse;

Aos meus irmãos, José Amilton e Vera não só pelo amor e acolhimento contínuo, mas também pelo apoio prestado durante a realização deste estudo;

Ao meu esposo, José Adalton e ao meu filho Guilherme, que tiveram privações, em muitos momentos, de minha atenção, mas que souberam suportar os dias em que estava ansiosa e ofereceram apoio, ora ajudando a selecionar as notícias que tinha de analisar, ora fazendo cópias que precisava entregar em determinados momentos do processo de desenvolvimento desta tese, ora me levando ou pegando na rodoviária;

A todos aqueles que eu não citei, mas que torceram para que eu chegasse ao final deste estudo, muito obrigada!

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

A1 – Alternância de vozes – Cientista/Pesquisador
A2 – Alternância de vozes – Colega/Técnico
A3 – Alternância de vozes – Governo
A4 – Alternância de vozes – Público
A5 – Alternância de vozes – Jornalista
ACD – Análise Crítica do Discurso
ACG – Análise Crítica de Gênero
CARS – Create a Research Space
DSM – Diário de Santa Maria
FSP – Folha de São Paulo
GD – Gêneros Discursivos
GSF – Gramática Sistêmico-Funcional
GT – Grupo de Trabalho
J – Jornalista do jornal Zero Hora
LABLER – Laboratório de Pesquisa e Ensino de Leitura e Redação
LSF – Linguística Sistêmico-Funcional
M1 – Movimento 1
M2 – Movimento 2
M3 – Movimento 3
M4 – Movimento 4
M5 – Movimento 5
M6 – Movimento 6
PC – Popularização da Ciência
PQ/CNPq – Pesquisa/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
RD – Representação discursiva direta
RI – Representação discursiva indireta
RIL – Representação discursiva indireta livre
UFSM – Universidade Federal de Santa Maria
ZH – Zero Hora
C – ZH Classificados – Informática
D – ZH Digital
G – Globaltech: ciência, tecnologia e inovação

LISTA DE QUADROS

Quadro 2.1 – Representação esquemática da organização retórica de notícias de PC (NASCIMENTO et al., 2007; PRATES et al., 2008), com base em Nwogu (1991, p.115) 74

Quadro 2.2 – Representação esquemática da organização retórica de notícias de PC (MOTTA-ROTH, 2009) 76

Quadro 2.3 – Exemplos de vozes (MARCUZZO; MOTTA-ROTH, 2008, p. 7- 8) .. 80

Quadro 3.1 – Textos de PC de Informática publicados no jornal ZH em 2009 e selecionados para o estudo 84

Quadro 3.2 – Questionário enviado ao jornalista do jornal ZH 87

Quadro 3.3 – Categorias intertextuais referentes à representação do discurso, conforme Fairclough (2001). 90

Quadro 4.1 – Resumo da entrevista de J sobre os gêneros discursivos de PC da área de Informática no jornal ZH. 101

Quadro 4.2 – Variáveis do Contexto de Situação na prática social de PC na área de Informática em ZH 102

Quadro 4.3 – Produtores e consumidores dos textos de PC publicados na seção de Economia de ZH em 2009, segundo J 105

Quadro 4.4 – Credenciais dos autores responsáveis pela produção dos textos analisados..... 106

Quadro 4.5 – Produtores e consumidores dos textos de PC publicados na seção de Economia de ZH em 2009, segundo a análise textual ... 113

Quadro 4.6 – Vozes reportadas nos textos de PC publicados na seção de Economia de ZH em 2009 119

Quadro 4.7 – Notícias de PC publicadas na seção de Economia de ZH em 2009 136

Quadro 4.8 – Organização retórica das notícias de PC da área de Informática do jornal ZH em 2009..... 137

Quadro 4.9 – Características da organização retórica das notícias de PC da área de Informática do jornal ZH em 2009 138

Quadro 4.10 – Movimentos obrigatórios e optativos das notícias de PC do jornal ZH..... 148

Quadro 4.11 – Movimentos e passos retóricos presentes nas notícias de PC dos cadernos G e D de ZH em 2009..... 151

Quadro 4.12 – Notícia e variantes de reportagem (BONINI, 2009)..... 154

Quadro 4.13 – Reportagens publicadas na seção de Economia de ZH em 2009 155

Quadro 4.14 – Reportagens de pesquisa e de produto publicadas no ZH em 2009 156

Quadro 4.15 – Organização retórica de reportagens didáticas de PC publicadas na seção de Economia de ZH em 2009 162

Quadro 4.16 – Organização retórica de reportagens de produto publicadas na seção de Economia de ZH em 2009 168

Quadro 4.17 – Infomerciais publicados na seção de Economia de ZH em 2009 .. 174

Quadro 4.18 – Organização dos textos do corpus, conforme o gênero 177

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.1 – Ciclo de pesquisa para Análise Crítica de Gênero.....38

Figura 1.2 – Representação da estratificação dos planos comunicativos adaptada de Martin (1992, p. 496) e de Hendges (2005a, p. 6), (MOTTA-ROTH, 2008 p. 09).....41

Figura 1.3 – Variáveis do contexto de situação.....43

Figura 1.4 – Metafunções e instâncias de realização da linguagem.....46

Figura 1.5 – Representação do Modelo Tridimensional de Fairclough (1989, 1992).....49

Figura 2.1 – Espiral da Cultura Científica.....64

Figura 2.2 – Espiral da Produção, Divulgação e Circulação Científica adaptada de Vogt (2003) por Moreira (2010).....67

Figura 2.3 – Atores e gêneros que constituem a Espiral da Produção, Divulgação e Circulação Científica adaptada de Vogt (2003) por Moreira (2010).....68

Figura 4.1 – Áreas de atuação do jornal ZH.....95

Figura 4.2 – Procedência geográfica das informações apresentadas nos textos de PC do caderno G do corpus.....115

Figura 4.3 – Procedência geográfica das informações apresentadas nos textos de PC do caderno D do corpus.....116

Figura 4.4 – Procedência geográfica das informações apresentadas nos textos de PC das páginas C do corpus.....117

Figura 4.5 – Recursos de representação do discurso de PC da área de Informática em ZH em 2009.....126

LISTA DE APÊNDICES

(CD em anexo)

Apêndice 1 – Análise descritiva da organização retórica de notícias de PC da área de informática, divulgadas no jornal ZH em 2009

Apêndice 2 – Análise descritiva da intertextualidade

LISTA DE ANEXOS

(CD em anexo)

Anexo 1 – ZHD#1 Loucos por internet
Anexo 2 – ZHC#2 Crianças preferem a internet
Anexo 3 – ZHG#3 Uma arma contra fraudes digitais
Anexo 4 – ZHG#4 Não é fantasia, é quântica
Anexo 5 – ZHG#5 Um robô que aprende
Anexo 6 – ZHC#6 Blogs chegam à maturidade
Anexo 7 – ZHD#7 Viveiro de bactérias
Anexo 8 – ZHD#8 Todo mundo na rede. Zero Hora
Anexo 9 – ZHC#9 Spams custam US$ 182,5 mil
Anexo 10 – ZHC#10 Banda larga domina internet doméstica
Anexo 11 – ZHC#11 Piratas vão às compras
Anexo 12 – ZHC#12 Unanimidade nacional
Anexo 13 – ZHC#13 Cuidado com o que buscas
Anexo 14 – ZHC#14 Cada vez mais ligado na internet
Anexo 15 – ZHC#15 Porteira aberta
Anexo 16 – ZHG#16 No encalço dos crackers
Anexo 17 – ZHD#17 O Orkut em números
Anexo 18 – ZHD#18 Cuidado com o computador
Anexo 19 – ZHD#19 Mensagem com data de vencimento
Anexo 20 – ZHG#20 Realidade aumentada no supermercado
Anexo 21 – ZHG#21 Usuários do Google são mais fiéis
Anexo 22 – ZHG#22 A parte do CD no efeito estufa
Anexo 23 – ZHD#23 Cinema na tela do micro
Anexo 24 – ZHG#24 Um sopro de vida digital
Anexo 25 – ZHD#25 123456
Anexo 26 – ZHG#26 Hora de acelerar
Anexo 27 – ZHG#27 O motorista sumiu

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA 25

CAPÍTULO 1 – ANÁLISE CRÍTICA DE GÊNERO 33
1.1 Sócio-retórica 34
1.2 Linguística Sistêmico-Funcional 40
1.2.1 Conceitos fundamentais 40
1.2.2 Metafunções da linguagem 44
1.3 Análise Crítica do Discurso 46
1.3.1 Concepções de linguagem e de discurso 47
1.3.2 Abordagem tridimensional de linguagem 49

CAPÍTULO 2 – POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA 55
2.1 Ciência: concepção, modelo e características 55
2.2 Processo de popularização da ciência em espiral 62
2.3 Notícia de popularização da ciência: concepção e características 69
2.3.1 Organização retórica 75
2.3.2 Vozes, posições enunciativas e intertextualidade 78

CAPÍTULO 3 – IMPLEMENTAÇÃO DA PESQUISA 83
3.1 Critérios de seleção do corpus de pesquisa 83
3.2 *Corpus* 83
3.3 Procedimentos de análise 85
3.3.1 Procedimentos de análise contextual 85
3.3.2 Procedimentos de análise textual 88

CAPÍTULO 4 – RESULTADOS E DISCUSSÕES 91
4.1 Análise contextual de popularização da ciência do Jornal Zero Hora 93
4.1.1 Contexto de Cultura: da identificação à estrutura do jornal ZH 94
4.1.2 Contexto de Situação: da produção ao consumo de texto em gêneros discursivos de popularização da ciência 97
4.2 Análise textual de popularização da ciência do Jornal Zero Hora 104
4.2.1 Produção e consumo: o que os textos de popularização da ciência da Zero Hora indicam? 105
4.2.1.1 Quem escreve? 105
4.2.1.2 Quem lê? 108
4.2.1.3 Quais as vozes a que o público leitor tem acesso? 114
4.2.1.4 Quais as diferentes formas de representação das vozes do discurso nos textos analisados? 121
4.2.1.5 Como a representação discursiva se efetiva e quais as funções que elas desempenham nos textos de PC na seção de Economia de ZH? 125
4.2.2 Organização retórica: uma amostra descritiva para a identificação de gêneros discursivos 131
4.2.2.1 Notícia de popularização da ciência na Zero Hora 137
4.2.2.1.1 O Movimento1 (**Recrutar o leitor**) 138
4.2.2.1.2 O Movimento 2 ou *lide* (**Ressaltar conclusões da pesquisa**) 140
4.2.2.1.3 O Movimento 3 (**Mencionar conhecimentos prévios**) 141
4.2.2.1.4 O Movimento 4 (**Descrever a metodologia**) 143

4.2.2.1.5 O Movimento 5 (**Explicar os resultados**) 144
4.2.2.1.6 O Movimento 6 (**Indicar conclusões da pesquisa**) 147
4.2.2.2 Reportagem de popularização da ciência em Zero Hora..... 153
4.2.2.3 Reportagem de pesquisa no jornal ZH 156
4.2.2.4 Reportagem de produto no jornal Zero Hora 164
4.2.2.5 Infomerciais de PC..... 172

CONSIDERAÇÕES FINAIS 179

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 181

APÊNDICES E ANEXOS 193

APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

Esta tese está vinculada ao projeto guarda-chuva do Grupo de Trabalho (GT) do LABLER, *Laboratório de Pesquisa e Ensino de Leitura e Redação*, intitulado *Análise crítica de gêneros com foco em artigos de popularização da ciência* (MOTTA-ROTH, 2007)[1]. Nesse projeto, a Análise Crítica de Gêneros (ACG) é concebida como uma abordagem analítica inscrita na Linguística Aplicada a partir de estudos de Meurer (2002; 2003; 2005), Bhatia (2004) e Motta-Roth (2005; 2008). O referido projeto articula pesquisas de alunos da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, e tem por objetivo atingir duas dimensões interconectadas:

> 1) investigar o contexto da notícia de PC (quem escreve para quem, com que objetivo, etc.) e os textos produzidos, distribuídos e consumidos nesse contexto (em termos de estrutura, conteúdo e efeitos de sentido); e
> 2) propor uma sistematização dos procedimentos analíticos que podem ser implementados no estudo de gêneros discursivos escritos a fim de subsidiar o ensino de leitura e redação em inglês como língua estrangeira e redação em língua materna (MOTTA-ROTH, 2007, p. 1).

Nesse projeto, a popularização da ciência (PC) é definida como um processo social que se desenvolve com o apoio de múltiplas atividades e de diversos atores, além do cientista, tais como os colaboradores de políticas públicas, jornalistas, técnicos, historiadores e sociólogos da ciência, bem como o público (HILGARTNER, 1990, p. 533). Conforme essa perspectiva, a PC é um processo de recontextualização de conhecimentos do campo científico para a mídia de massa (MOTTA-ROTH, 2009, com base em BERNSTEIN, 1974), orientado para permitir uma proximidade da sociedade com o discurso da ciência, com a finalidade de combater mitos, de promover o conhecimento dos riscos e dos benefícios da ciência e de promover, também, a inclusão social (GERMANO, 2005, p. 4-6).

Com base nessas concepções, pesquisas desenvolvidas colaborativamente[2] no GT LABLER, relativas ao primeiro objetivo, alcançaram vários resultados desde 2008 até o corrente ano. Motta-Roth (2008b; 2009), por exemplo, observou a organização retórica típica de notícias de PC em Língua Inglesa para a construção

---

[1] Projeto PQ/CNPq nº 301961/2007-3.

[2] A colaboração é um princípio adotado na realização de todos os trabalhos produzidos e publicados por pesquisadores ou estudiosos que integram o GT LABLER.

de sentido e elaborou um quadro descritivo relativo aos movimentos e passos que compõem esse gênero. Ainda em termos de análise crítica de gênero, o GT LABLER produziu, seguindo o mesmo princípio de ação no que se refere à produção e publicação de pesquisas, um significativo número de artigos acadêmicos (MOTTA-ROTH, 2009; MOTTA-ROTH, LOVATO, 2009; SCHERER, 2010; SILVA, 2010), dissertações (SANTOS, 2010; LOVATO, 2010a; NASCIMENTO, 2011) e teses (GERHARDT, 2010; MARCUZZO, 2011; PINTON, 2012).

A título de ilustração, cito alguns estudos. Prates et al (2008), Motta-Roth et al (2008) e Motta-Roth e Marcuzzo (2009) debruçaram-se sobre as vozes apresentadas nas notícias de PC analisadas no GT LABLER, procurando detectar em que medida elas instauram um debate sobre descobertas científicas. Em outro estudo, Motta-Roth e Lovato (2009) identificaram e interpretaram a organização retórica de notícias de PC publicadas na revista *Ciência Hoje Online*[3] e no *site* estrangeiro *BBC News*[4]. Nesse estudo, a partir da representação esquemática da notícia de PC, composta por movimentos, passos e elementos recursivos, proposta por Motta-Roth (2009), as autoras exploraram a organização retórica de notícias de PC em Língua Portuguesa e Inglesa. Motta-Roth (2010) e Scherer (2011) abordaram a intertextualidade e a recontextualização do discurso da ciência na mídia. Nascimento (2011) tratou da natureza da conexão entre os participantes dessas notícias de PC e os diferentes graus de autoridade e assertividade manifestados linguisticamente nesse gênero.

Na busca de uma aproximação deste estudo com o projeto guarda-chuva e as correspondentes pesquisas realizadas no GT LABLER[5], detenho-me na investigação de como os conhecimentos científicos da área de Informática são constituídos e divulgados na mídia impressa brasileira, a partir do estudo do contexto e do texto.

Neste estudo, a informática é concebida como uma ciência que "faz uso dos recursos computacionais para tratar os dados e transformá-los em informações, sejam no formato de relatórios, imagens, vídeos ou áudio" (MENDES, 2009, p. 1). Para chegar nessa concepção, o autor do estudo faz um levantamento a partir de dicionários e menciona que em 1975,

---

[3] *Corpus* em português do projeto guarda-chuva.

[4] *Corpus* em inglês do projeto guarda-chuva.

[5] Em algumas passagens desta tese, utilizo a 1ª pessoa (nós) para incluir a voz da minha orientadora e/ou de colegas que colaboraram na análise e na obtenção de alguns resultados alcançados no desenvolvimento desta pesquisa.

> no Dicionário Ferreira, constava que Informática é "a ciência do tratamento racional e automático da informação; e Informação é o conhecimento amplo e bem fundamentado; coleção de fatos ou de dados fornecidos à máquina, com fim de obter um processamento" (FERREIRA, 1975, p.732). Na França de 1970, Arsac (1970) definiu que a Informática "é a ciência do processamento racional, principalmente por computadores eletrônicos". Alguns anos depois, o norte-americano Lucas (1986) definiu informática como um processo, ao qual chamou de Sistema de Informações (SI), que segundo ele é um conjunto de procedimentos organizados que, quando executados, provêm informações para tomadas de decisões. A evolução deste termo foi feita somente em 1992, quando Applegate, McFarlan e Mckenney (1992) mencionaram o termo Tecnologia da Informação (TI) para definir o agrupamento das tecnologias de computadores, telecomunicações e automação de escritórios. Albertin (1999, p. 19) define TI como "tudo aquilo que permite obter, armazenar, tratar, comunicar e disponibilizar a informação". Com base nessas informações usamos o termo Informática como sinônimo de Ciência da Computação (MENDES, 2009, p. 1).

Nesse sentido, analiso as práticas discursivas envolvidas na divulgação de conhecimentos científicos de Informática publicados no jornal Zero Hora (ZH). A opção por analisar esse jornal justifica-se, a partir de quatro aspectos: 1) no desempenho das funções de professora de Língua Portuguesa da rede pública estadual; 2) na capacidade de influência da mídia; 3) na abrangência de leitores que ZH atinge e 4) na carência de estudos sobre práticas discursivas em espaços não específicos à PC.

Como professora de Língua Portuguesa de um curso de Informática[6], considero essencial ler e refletir sobre os diferentes gêneros discursivos constitutivos da vida em sociedade a partir do seu universo sócio-histórico. Na análise de notícias de PC em ZH, tenho por finalidade desvelar os elementos do sistema de relações sociais presentes nesse discurso (FAIRCLOUGH, 1996, p. 5). Com esse exercício, tenho a possibilidade de ofertar aos meus alunos meios para que eles possam entender diferentes formas de vida incorporadas à prática simbólica corrente, avaliar as consequências da retórica, ou seja, dos usos estratégicos da língua, e tentar transformar o mundo retórico quando tal transformação parecer aconselhável (BAZERMAN, 2006, p. 61). Nesse sentido, é de suma importância proceder à análise e ampliar conhecimentos sobre gêneros que circulam com facilidade em escolas públicas, tais como os que são publicados em jornais.

---

[6] Quando comecei este estudo, eu desempenhava a função de professora de Metodologia da Pesquisa de um Curso Técnico em Informática em uma Escola Estadual de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Na oportunidade, não encontrava com facilidade textos midiáticos que pudessem servir como subsídios didáticos de leitura e que possibilitassem o contato dos alunos com informações sobre pesquisas na área informática.

A opção pela análise de gêneros jornalísticos, por sua vez, fundamenta-se no poder que TVs, revistas e jornais, por exemplo, têm de influenciar conhecimentos, crenças, valores, relações e identidades sociais, mediante o uso de diferentes recursos linguísticos (FAIRCLOUGH, 2002, p. 2). Um caso exemplar pode ser observado, no campo da política italiana, no primeiro semestre de 1994. Segundo Fairclough (2002, p. 1), o modo de articular a linguagem e representar as coisas, associada à posse de três canais de TV com 40% de audiência, de um jornal nacional e da maior editora italiana contribuiu para Silvio Berlusconi estruturar um partido em janeiro e vencer as eleições em março do mesmo ano.

Já a escolha do ZH passa pela abrangência de leitores que tal jornal atinge. Segundo o Instituto Verificador de Circulação (2011) e a Associação Nacional de Jornalismo (2011), ZH é o 6º jornal brasileiro em termos de circulação paga, com 185.026 exemplares vendidos por ano em 2010 e 188.561, em 2011.

Por fim, outro argumento que me move à análise do jornal ZH está relacionado à carência de estudos de PC divulgados em espaços não específicos ao processo de recontextualização de relatos de pesquisas neste país. Até o momento, encontrei um estudo desenvolvido por pesquisadores do campo da Linguística e outro por uma estudiosa do campo do Jornalismo.

No campo da Linguística, Gomes et al. (2003, p. 223) procura detectar, em *Mídia impressa: a construção da identidade da ciência nas revistas semanais de informação,* a representação de ciência na revistas *Veja*, *IstoÉ* e *Época*. Nesse estudo, o discurso da ciência foi evidenciado como verdadeiro e representado como uma instituição neutra, desprovida de interesses e de ideologias (GOMES et al., 2003, p. 235). No campo do Jornalismo, Rublescki (2009) abordou alguns entraves encontrados no Jornalismo Científico praticado na grande imprensa e evidenciou algumas conquistas desse campo de conhecimento na prática profissional no artigo J*ornalismo científico: problemas recorrentes e novas perspectivas*. A partir de exemplos da revista *Veja* e do jornal *ZH*, a jornalista destaca que a procedência e a falta de contextualização das notícias veiculadas se configuram como problemas “na transferência” de informação científica e tecnológica para os leitores (RUBLESCKI, 2009, p. 18).

Conhecer como o jornal ZH produz e divulga a ciência, faz sentido na medida em que, desde a segunda metade do século XX, no período que seguiu a Segunda Guerra Mundial até a atualidade, a educação do cidadão passa pelo

desenvolvimento de noções sobre a ciência e a tecnologia, ou seja, sobre os resultados, os métodos e os procedimentos, os interesses e as determinações (econômicas, políticas, culturais, etc.) que presidem processos e aplicações de pesquisas (MOREIRA, 2006, p. 11). Essa demanda provocou atualizações no ensino formal de ciências desde o âmbito acadêmico até o social, assim como o envolvimento de outras instâncias de educação no desenvolvimento de conhecimentos científicos e tecnológicos. Como consequência das mudanças no ensino e da participação de outras instâncias educacionais na produção de conhecimento, ocorreu uma expansão no número de produção e de publicação de práticas discursivas de PC no contexto brasileiro. Entre as ações desenvolvidas é possível citar a produção de jornais com notícias de PC, a publicação de livros; a divulgação de revistas e *websites* dessa natureza; a criação de centros e de museus de ciências; a produção e a organização de conferências populares e de outros eventos de PC que despertam interesse de audiências diversificadas por todo o país (MOREIRA, 2006, p. 3).

Embora muitas atividades sejam realizadas com vistas ao desenvolvimento da PC, pesquisadores têm criticado a forma como esse processo vem sendo desenvolvido e destacam que a população brasileira ainda carece de conhecimentos científicos. Entre eles, Moreira (2006, p. 13), menciona que a cobertura sobre ciência e tecnologia na mídia é, no geral, deficiente. Massarani e Buys (2007, p. 21) corroboram essa posição quando destacam que, embora os benefícios da ciência venham sendo identificados, os possíveis riscos científicos não têm sido mostrados aos leitores. Valério (2005, p. 2) também segue a mesma linha reflexiva ao enfatizar que não há mais espaço para práticas que tratam a ciência e a tecnologia como panacéia da humanidade; que releguem seus riscos e impactos sociais; que desconsiderem o contexto de construção das suas inovações; que acabem por fazer propaganda da ciência; enfim, que teçam uma caricatura da ciência sem jamais problematizá-la no contexto social.

Críticas dessa natureza me instigaram a realizar uma análise piloto, durante dois meses, após ingressar no doutorado, com o objetivo de investigar em que medida três jornais brasileiros de circulação regional, estadual e nacional - Diário de Santa Maria (DSM), ZH e Folha de São Paulo (FSP) - publicavam notícias de caráter científico e tecnológico. Os dados apurados nesses três jornais indicaram três aspectos da PC: 1) a ocorrência de mais de um gênero discursivo (nota, notícia e

reportagem) na popularização de saberes científicos, sendo a notícia de PC o gênero mais recorrente; 2) uma alta incidência de publicações de notícias de PC da área de saúde; e 3) uma baixíssima incidência de publicação do gênero notícia de PC da área de informática no jornal DSM (MOREIRA, 2009, p. 106-107). Nesse jornal, encontrei somente uma notícia de PC da referida área nos dois primeiros meses de 2009.

Os resultados obtidos nessa análise associados às atividades profissionais que vinha realizando em um Curso Técnico de Informática e à carência[7] de estudos sobre notícias de PC dessa área do conhecimento, divulgadas em mídias não específicas de PC, fomentaram a elaboração de três perguntas:

1. Qual é a configuração textual das notícias da área de informática no jornal ZH?,
2. Qual é a configuração contextual dessas notícias? e
3. Como se dá a recontextualização do discurso científico da área de Informática nessas notícias de PC?

Relacionado a essas perguntas de estudo, o objetivo geral desta tese consiste em analisar criticamente o gênero notícia de PC da área de Informática publicado no ZH, o jornal impresso de maior circulação no RS. Essa análise se dá em termos dos elementos textuais e contextuais do gênero enfocado e dos processos discursivos e sociais de recontextualização do discurso científico no jornalismo.

Esse objetivo, por sua vez, desdobra-se em três objetivos específicos. São eles:

1. Mapear como se configuram as notícias de PC publicadas no jornal ZH em termos de organização retórica, de vozes incluídas e excluídas nas notícias do *corpus*;
2. Delinear o contexto de produção e circulação das noticias de PC no jornal ZH, verificando características do contexto mais amplo (como o jornal se identifica e é identificado, qual o púbico leitor e o objetivo do jornal ZH) e

[7] O pesquisador Wilson Bueno, jornalista e professor de cursos de especialização em divulgação científica, fez referência à carência de estudos de PC sobre durante o curso à distância intitulado *Jornalismo Científico* que participei em 2008.

mais imediato (quem escreve para quem em termos de notícia de PC, quais os objetivos, quais as atividades comumente desempenhadas na elaboração de notícias de PC, quem as desempenha, como elas são desempenhadas);

3. Interpretar, por meio da análise do texto e do contexto, como o discurso científico da área de informática é recontextualizado no maior jornal impresso que circula no Rio Grande do Sul.

A partir dos questionamentos e objetivos deste estudo, busco defender a tese de que, conforme pesquisas prévias (MOTTA-ROTH, HENDGES, 1999), o discurso da Ciência da computação/Informática assume uma visão objetiva da produção de conhecimento, enfocando uma abordagem de comodificação na produção de conhecimentos científicos. ZH é um jornal não especializado em PC. Assim, as notícias, infomerciais e reportagens que venham a aparecer nesse jornal não especializado são do âmbito da comodificação. A comodificação é entendida como um

> processo pelo qual os domínios e as instituições sociais, cujo propósito não é produzir mercadorias no sentido econômico mais restrito de artigos para venda, vêm mesmo assim a ser organizados e definidos em termos de produção, distribuição e consumo de mercadorias (FAIRCLOUGH,1992, p. 2007).

Com este estudo, acredito ser possível trazer contribuições tanto ao campo da Linguística Aplicada quanto ao da Educação. No primeiro caso, o estudo pode esclarecer sobre como proceder na realização de um exercício reflexivo, envolvendo a análise do texto e do contexto. Em um período em que o jornalismo impresso vem passando por reformulações, faz sentido que analistas do discurso tomem consciência de alguns procedimentos de investigação que podem contribuir para compreender instâncias de linguagem em uso e oferecer uma explicação de como a notícia de PC sobre Informática é constituída discursivamente no jornal ZH. No segundo caso, ao expor os procedimentos de Análise Crítica de Gêneros Discursivos, o estudo pode oferecer subsídios para práticas de letramento científico em língua materna. Em um momento social e histórico em que a Educação Básica está passando por transformações no Brasil e, especialmente, no estado do Rio

Grande do Sul[8], os procedimentos empregados na análise crítica das notícias podem contribuir para que sejam elaboradas propostas de letramento na perspectiva de gênero, envolvendo a análise ou a desconstrução dos textos e contextos, bem como a produção ou construção do gênero notícia de PC e, talvez, de outros gêneros discursivos.

Na sistematização desta tese, além desta introdução, quatro capítulos são incluídos. No Capítulo 1, traço inicialmente as bases teóricas que sustentam nosso estudo. Nesse sentido, apresento concepções, abordagens e ferramentas metodológicas da Análise Crítica de Gênero, da Linguística Sistêmico-Funcional e da Análise Crítica do Discurso.

Em seguida, no Capítulo 2, abordo questões relativas à PC, resgatando aspectos sobre a concepção de ciência e de PC, o processo de produção, distribuição e consumo de PC e o gênero notícia de PC. Nesse capítulo, discorro sobre alguns resultados de pesquisas vinculadas ao projeto que suportam este estudo. No Capítulo 3, trato da implementação da pesquisa e descrevo a metodologia utilizada nesta pesquisa, expondo os critérios de seleção do *corpus*, bem como os procedimentos metodológicos adotados nas nossas análises. No Capítulo 4, apresento e discuto os resultados obtidos na análise. Por fim, registro algumas considerações finais e possíveis implicações do estudo.

[8] Em termos de ensino público estadual, desde o ano passado, está sendo desenvolvida uma nova proposta pedagógica para o Ensino Médio, intitulada Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio no Rio Grande do Sul. Em 2013, será apresentado um projeto de reforma que pretende atingir os anos finais do Ensino Fundamental.

CAPÍTULO 1 – ANÁLISE CRÍTICA DE GÊNERO

Na contemporaneidade, pesquisadores da área da linguagem (MEURER, 2002, 2003, 2005, 2006; BHATIA, 2004; MOTTA-ROTH, 2005, 2006, 2008b, 2010) têm dedicado atenção especial aos processos e às condições de contextualização do discurso. Em estudos dessa natureza, Meurer (2002, 2003, 2005, 2006) e Motta-Roth (2005; 2006; 2008; 2010) não só procuram compreender como estabelecer conexão entre a linguagem, ou o texto, e a vida, ou o contexto na análise de gêneros textuais/discursivos empregados em interações humanas, mas também propõem uma ferramenta metodológica que vem se constituindo na Linguística Aplicada e é identificada, por ambos os autores como Análise Crítica de Gênero (ACG).

Estudos voltados à abordagem analítica denominada ACG vêm se desenvolvendo, desde 1998, no LABLER. Desse modo, todos os projetos e subprojetos vinculados a esse laboratório adotam uma base teórica e metodológica comum, que articula aportes de vertentes sociais dos estudos da linguagem, tais como a Sócio-retórica (SWALES, 1990; 2004; BAZERMAN, 2005, por exemplo); a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) (HALLIDAY, 1994; 2004 e colaboradores) e a Análise Crítica do Discurso (ACD) (FAIRCLOUGH, 1992; CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, por exemplo) com enfoque no momento histórico e na organização econômica da sociedade para a análise do texto/discurso.

Neste capítulo, com vistas ao uso dessa metodologia na análise das notícias e reportagens de PC deste estudo, inicialmente levanto concepções e aspectos metodológicos relacionados com a perspectiva Sócio-retórica de gênero. Em seguida, reviso alguns conceitos, princípios teóricos e metodológicos relativos à LSF. Por fim, sintetizo algumas contribuições teórico-metodológicas da ACD para compreendermos a ACG, conforme propõe Motta-Roth (2005; 2006).

1.1 Sócio-retórica

A noção de gênero, enquanto unidade discursiva tem sido explorada, com diferentes finalidades, conforme apontam Bonini (2002), Marcuschi (2005) e Motta-Roth (2009), desde a Idade Antiga até a Idade Pós-Moderna. O que distingue os estudos realizados em cada período histórico são as perspectivas teóricas e as abordagens analíticas adotadas pelos pesquisadores.

Na antiguidade, preocupados com a capacidade de argumentação e de convencimento do outro, em três instâncias de atuação do cidadão na p*ólis* grega, alguns filósofos se dedicaram à descrição dos discursos usados na época. Entre eles, Aristóteles (2004, p. 39) se deteve no estudo da forma de organização dos textos orais e na classificação de categorias retóricas, levando em consideração os auditórios, as intenções e as finalidades dos oradores na produção desses gêneros.

Na Idade Moderna, Bakhtin (2000, p. 281) se dedicou ao estudo da natureza do enunciado, associado à diversidade dos gêneros nas diferentes esferas – cotidiana, religiosa, educacional, política, jornalística, etc – da atividade humana. Em seus estudos, Bakhtin fez sérias críticas à visão idealista da linguagem, centrada no sujeito e no subjetivismo idealista, na enunciação individual, e à visão positivista, orientada para a percepção da língua como um código fixo e para o objetivismo abstrato centrado no falante idealizado (SILVEIRA, 2005, p. 59).

Para o pesquisador russo (BAKHTIN, 2000, p. 281), a linguagem é heterogênea, ou seja, instável e fluida no seu uso; é dialógica na medida em que é sempre acompanhada de uma atitude *responsiva ativa*; é polifônica, visto que todo texto evoca diferentes pontos de vistas e vozes que polemizam, complementam ou respondem umas as outras; e é intertextual, pois um texto evoca outros textos (MOTTA-ROTH, 2008b, p. 354).

A partir dessa perspectiva de linguagem, Bakhtin (2000, p. 279) concebe gênero como um tipo relativamente estável de enunciado que se efetiva nas atividades sociais, quando as pessoas usam a língua, seja falada ou escrita, para atingir determinadas finalidades. Gênero, portanto, não é uma entidade fixa que permanece estática, independentemente do tempo e das mudanças ocorridas na sociedade. Ao contrário, dependendo das situações sociais e das necessidades dos falantes que os utilizam, alguns gêneros podem desaparecer e outros podem

nascer, estando, portanto, sujeitos a um processo de transformação contínuo, que passa pela mistura ou pela hibridização de gêneros (FAIRCLOUGH, 2003, p. 34).

Com base nessa concepção de gênero, em uma análise, é impossível definir com máxima precisão as características que compõem cada gênero, competindo ao analista perceber as características predominantes e recorrentes nos textos de modo a permitir considerá-los como pertencentes a um gênero.

Tanto o conceito de linguagem quanto o de gênero defendido por Bakhtin (2000) tem servido de base para inúmeras pesquisas e possibilitado o surgimento de várias abordagens teóricas transdisciplinares (BONINI, 2002, p. 15) comprometidas com a educação linguística (MOTTA-ROTH, 2008b, p. 343) a partir do final do século XX e início deste século.

Um exemplo de pesquisa orientada pelos trabalhos do pesquisador russo é a Sócio-retórica, perspectiva teórica a que esta pesquisa se filia, conforme explicitei no início desta seção. Neste estudo, adoto como referência, de modo especial, pesquisas desenvolvidas por Swales (1990; 2004), Bazerman (2005; 2006), Motta-Roth (2006; 2007) e Miller (2009) para resgatar a concepção de gênero discursivo, assim como levantar alguns procedimentos metodológicos que podem contribuir na análise das notícias e reportagens de PC do jornal ZH.

Na vertente Sócio-retórica, os gêneros são, conforme Miller (2009 p. 45), artefatos culturais passíveis de serem interpretados como ação recorrente e significativa. Para Swales (1990, p. 58), os gêneros são entidades dinâmicas e socioculturais que se materializam por meio de textos. São formas de ação, regidas por convenções estabelecidas e reconhecidas pelos membros especialistas de uma comunidade discursiva[9] que convergem na direção de uma mesma finalidade. Na visão de Bazerman, os gêneros

> são fatos sociais sobre os tipos de atos de fala que as pessoas podem realizar e sobre os modos como elas os realizam. Gêneros emergem nos processos sociais em que pessoas tentam compreender umas as outras suficientemente bem para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos (BAZERMAN, 2005, p. 31).

Os gêneros, portanto, espelham a experiência de seus usuários, por meio das formas e dos conteúdos que se materializarem em textos (CARVALHO, 2005, p. 133). Assim, os falantes ou produtores de textos/ gêneros percebem que um tipo

[9] Segundo Swales (1990, p. 9), comunidades discursivas são redes Sócio-retóricas que se formam a fim de atuarem em prol de um conjunto de objetivos comuns.

particular de enunciado se mostra eficaz em certas circunstâncias, de sorte que em circunstâncias similares, há uma tendência para o uso de um tipo particular de enunciado. Com o passar do tempo e com as repetições, os padrões e as expectativas socialmente compartilhados emergem para guiar todos na interpretação de circunstâncias e enunciados. (BAZERMAN, 2006c, p. 27).

O reconhecimento, a compreensão, a apropriação e o uso de gêneros de uma rede social pode se efetivar via observação da linguagem, das normas que regulam as relações e o modo de vida de um grupo social. Nesse sentido, a percepção é a chave para o reconhecimento de circunstâncias recorrentes e de ações tipificadas que tornam visível não só um complexo de dinâmicas sociais, mas também psicológicas (BAZERMAN, 2006c, p. 27).

A percepção de dinâmicas sociais, psicológicas e ideológicas pode se efetivar, de acordo com Motta-Roth (2007, p. 16) e Hendges (2008, p. 123), pela utilização de procedimentos e de categorias analíticas que vão além da linguagem ou do texto e envolvem aspectos da vida social ou do contexto. Nessa perspectiva, Swales (1990, 1998, 2004) desenvolveu uma abordagem para a análise da linguagem e criou um modelo analítico denominado CARS (*Creating A Research Space)*. Para isso, o pesquisador adotou como referência a noção de gênero como fato ou ação social significativa que emerge a partir de formas de comunicação reconhecíveis e que reforçam processos sociais, quando as pessoas tentam se entender na coordenação de atividades significativas de modo a atingir determinados propósitos. Assim, o objetivo de uma atividade social interfere na organização dos gêneros.

Outra noção importante no desenvolvimento dessa abordagem é a noção de conjunto de gênero. Marcuzzo (2011, p. 69), a partir do trabalho de Devitt (1991), menciona que os gêneros se acomodam em conjuntos de gêneros, sistema de gêneros e sistema de atividades humanas. Um conjunto de gênero é, segundo Bazerman (2005), uma coleção de tipos de textos que uma pessoa produz ao desempenhar determinado papel em um dado contexto (BAZERMAN, 2005, p. 32). Um sistema de gêneros compreende conjuntos de gêneros utilizados por pessoas que trabalham juntas de forma organizada, e também as relações padronizadas que se estabelecem na produção, na circulação e no uso desses documentos (2005, p. 32). Por exemplo, conforme Marcuzzo (2006, p. 14) um professor ligado a um Programa de Pós-graduação tende a produzir determinados gêneros durante a sua

trajetória na universidade: projetos e relatórios de pesquisa, artigos, resenhas, palestras, pareceres para revistas acadêmicas, etc., formando o conjunto de gêneros produzidos por um professor/pesquisador. Seus orientandos de Mestrado e Doutorado, por sua vez, tendem a produzir outro conjunto de gêneros: relatórios para a coordenação do Programa de Pós-graduação, suas próprias dissertações ou teses, artigos, anotações das orientações do professor, anotações das aulas assistidas, anotações sobre o que foi dito em palestras durante congressos na área e assim por diante. Esses dois conjuntos formam um sistema de gêneros, o qual, por sua vez, é parte do sistema de atividades de um Programa de Pós-graduação específico dentro do contexto universitário brasileiro.

O modelo CARS compreende a descrição esquemática de uso da linguagem em movimentos e passos retóricos (MOTTA-HENDGES; HENDGES, 1999, p. 104). A ideia de movimento retórico está associada ao estudo dos padrões retóricos recursivos encontrados em diferentes textos, nos quais diferentes segmentos textuais desempenham diferentes funções comunicativas (MOTTA-ROTH, 1995, p. 44). Cada movimento representa um estágio no desenvolvimento da estrutura total da informação. Para a realização de cada movimento, há estratégias retóricas diversas, mecanismos linguísticos que o escritor pode escolher para realizar o propósito comunicativo do movimento dentro do texto como um todo. Esses mecanismos de realização do movimento são identificados por Swales (1990, 2004) como passos.

Esse modelo tem servido como referência em inúmeros estudos, bem como propiciado a criação de novas abordagens analíticas de gêneros. Motta-Roth e Hendges (1999), por exemplo, na análise de gênero de artigos científicos da Ciência da computação adotaram esse modelo. Em tal estudo, as pesquisadoras perceberam que nessa área de conhecimento, o artigo acadêmico é menos formalmente organizado do que outras áreas mais tradicionais, como a Química e a Linguística. Na Ciência da computação, os artigos não apresentam uma estrutura formada por Introdução–Metodologia–Resultados–Discussão (IMRD) e parecem adotar uma visão objetiva da produção do conhecimento. Nesses termos, os artigos raramente apresentam resultados experimentais e, em geral, usam ilustrações não diretamente ligadas à discussão presente nas pesquisas. No que se refere ao estilo e tom adotado nos textos analisados, eles se configuram como menos formais, incluindo expressões usadas na comunicação oral.

Na construção de abordagens analíticas, por exemplo, Motta-Roth (2006), propõe procedimentos analíticos na perspectiva da ACG. Essa abordagem sugere que as relações entre texto e contexto podem seguir "um processo cíclico de interpretação" (MOTTA-ROTH, 2006, p. 157), conforme mostra a Figura 1.1.

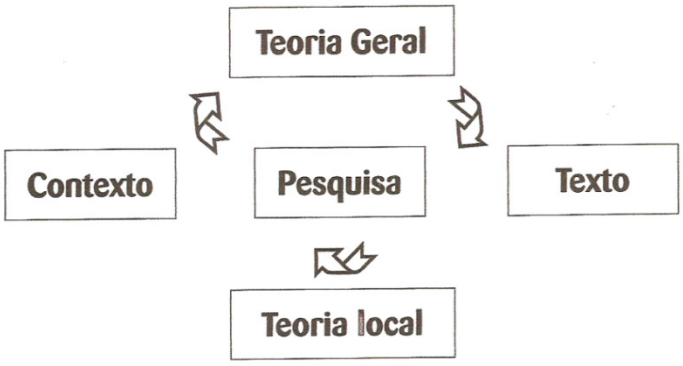


Figura 1.1 – Ciclo de pesquisa para Análise Crítica de Gênero

Fonte: MOTTA- ROTH, 2006, p. 157.

Nesse processo, o analista procura compreender os dados com base na literatura de referência (teoria GERAL) adotada no estudo dos textos, na teoria do pesquisador (teoria LOCAL) e no depoimento de entrevistados, participantes da interação ou no levantamento de dados documentais.

Em uma abordagem de análise de gêneros na perspectiva Sócio-retórica, Hendges (2008, p. 123) menciona, a partir dos estudos de Swales, que a observação, descrição e interpretação de um gênero pode começar pela investigação do texto ou do contexto e seguir variadas etapas analíticas. A investigação do texto pode compreender, conforme Askehave e Swales (2001, p. 239), cinco etapas: 1) análise da estrutura, do estilo, do conteúdo e do propósito do texto; 2) classificação do texto, enquanto exemplar do gênero X ou Y; 3) análise do contexto; 4) revisão do propósito do texto (identificado na etapa 1), à luz da análise do contexto; e 5) revisão da classificação do texto realizada na etapa 2. Já a investigação do contexto, segundo os mesmos pesquisadores (2001, p. 240), pode assumir um caráter etnográfico e envolver 6 etapas: 1) identificação de uma comunidade discursiva; 2) identificação de valores, metas, condições materiais da comunidade discursiva; 3) identificação do ritmo de trabalho, dos horizontes de

expectativas da comunidade discursiva; 4) identificação do repertório/sistema de gêneros e normas de etiqueta da comunidade discursiva; 5) revisão do propósito comunicativo dos gêneros; e 6) identificação das características de diferentes gêneros (essa etapa corresponde à análise textual).

Em uma análise do contexto de produção, duas técnicas procedimentais podem ser desenvolvidas, 1) a coleta de dados com base em pesquisas documentais e 2) a coleta de dados envolvendo sujeitos (MOTTA-ROTH, 2007, p. 16). A coleta de dados documentais consiste na observação e descrição de publicações disponíveis em sítios eletrônicos ou meios impressos, com vistas à identificação de como os produtores dos textos se identificam, sobre o que publicam, com que objetivo, para quem, quem são seus editores, como os textos são selecionados e se e como se pode ter acesso aos autores. Essa investigação tem por função identificar o sistema de motivos que levam à publicação de textos com configurações específicas de léxico, gramática e estrutura (MOTTA-ROTH, 2007, p. 17). A coleta de dados envolvendo sujeitos consiste, por exemplo, na elaboração e aplicação de um questionário escrito direcionado para os editores de textos que concordarem em participar de uma pesquisa (MOTTA-ROTH, 2007, p. 16-17).

Em uma análise do texto, Motta-Roth (2007, p. 19) propõe a identificação de unidades de análise e a interpretação semântico-discursiva a partir de expoentes linguísticos referentes à organização textual. O uso de processos no infinitivo em notícias de PC pode indicar a apresentação do objetivo da pesquisa que reportada em um jornal.

Na análise de notícias de PC, com base em pesquisas prévias sobre esse gênero, a pesquisadora destaca a necessidade de realizar a leitura dos textos com foco no grau de complexidade científica do léxico e no grau de assertividade e autoridade de escritores quanto às descobertas científicas relatadas. Além disso, na descrição, interpretação e explicação da configuração de diferentes gêneros, Motta-Roth (2005, 2006) propõe o uso de ferramentas teóricas e metodológicas propostas por Michael Halliday na LSF. Os pressupostos norteadores dessa teoria, de modo especial, aqueles que eu adoto neste estudo, são tratados na próxima seção.

1.2 Linguística Sistêmico-Funcional

Na apresentação dos pressupostos teórico-metodológicos relativos à perspectiva sistêmico-funcional da linguagem, tomo como ponto de partida os estudos teóricos de Halliday e Matthiessen (2004), Motta-Roth e Heberle (2005), Meurer (2006), Gouveia (2009), assim como de Fuzer e Cabral (2010) e dedico especial atenção ao ponto de vista da funcionalidade do sistema gramatical da Língua Portuguesa. Inicialmente, apresento a concepção de linguagem, de texto e contexto e, em seguida, dedico-me aos aspectos relativos às metafunções da linguagem, conforme postula a LSF. Tais conceitos estabelecem relação com o objetivo de estudo, qual seja, analisar, descrever e interpretar a constituição do discurso das notícias de PC da área de informática presentes no jornal ZH.

1.2.1 Conceitos fundamentais

A LSF, estruturada desde os anos 50 pelo linguista Michael Halliday, pode ser concebida como uma teoria social e semiótica do funcionamento da linguagem humana:

> parte da sociedade e da situação de uso para o estudo da linguagem; seu foco está em entender como se dá a comunicação entre os homens, a relação entre indivíduos e desses com a comunidade. Caracteriza-se também como uma teoria semiótica porque se preocupa com a linguagem em todas as suas manifestações. Procura desvendar como, onde, porque e para que o homem usa a língua, bem como a linguagem em geral, e como a sociedade o faz (BÁRBARA; MACÊDO, 2009, p. 2).

Gouveia (2009, p. 14) defende que essa teoria fornece descrições plausíveis sobre o como e o porquê das variações de uma língua, em função de uso e em relação a grupos de falantes em contexto de uso, assim como instrumentos de descrição, ou seja, técnicas e metalinguagens aplicáveis na análise de textos, em seus diferentes usos para produzir significado. Segundo o mesmo pesquisador, por essa razão, a teoria mencionada adquire muitas vezes a designação de Gramática

Sistêmico-Funcional (GSF)[10], embora GSF refira-se à ferramenta de análise, enquanto LSF refere-se à perspectiva teórica.

No nosso entender, os estudos de Halliday são representados como uma teoria sociossemiótica que oferece princípios e instrumentos para descrever e interpretar os usos da linguagem em diferentes dimensões. Nessa teoria, a linguagem é um recurso particular de sistema semiótico[11] que se baseia na gramática e é caracterizada por níveis de estratificação, conforme mostra a Figura 1.2, e pela diversidade funcional para a produção de significados.

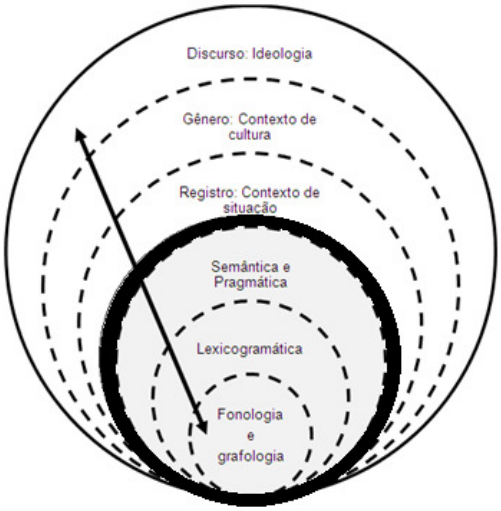


Figura 1.2 - Representação da estratificação dos planos comunicativos adaptada de Martin (1992, p. 496) e de Hendges (2005a, p. 6),

Fonte: MOTTA-ROTH, 2008, p. 09.

O princípio da estratificação é um dos parâmetros fundamentais da LSF e tem por função representar a inter-relação de todas as camadas da linguagem, desde a fonologia até o discurso. A linguagem contém um potencial de significação e sobre ela os falantes podem operar escolhas em função dos objetivos comunicativos em

[10] O uso do termo sistêmico decorre do fato de a língua ser vista como redes de sistemas linguísticos interligados, das quais nos servimos para construir significados, fazer coisas no mundo. Já a designação funcional é justificada porque "explica as estruturas gramaticais em relação ao significado, às funções que a linguagem desempenha em textos" (FUZER; CABRAL, 2010, p. 9).

[11] Halliday (1991, p. 5) emprega o termo *sistema semiótico* para se referir ao estudo do significado e não do signo, conforme propôs Saussure.

situações ou contextos particulares (GOUVEIA, 2009, p. 19). O resultado dessas escolhas se traduz em texto.

Texto é uma instância da linguagem, em qualquer meio, que faz sentido para alguém que tem conhecimento sobre a linguagem (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 3). A partir dos estudos de Halliday e Matthiessen (2004, p. 3), Gouveia (2009, p. 19-20) menciona que o texto é a unidade de sentido produzida em uma situação de interação, podendo ser visto como um objeto em si mesmo e como um objeto para atingir um fim. No primeiro caso, ele se constitui como uma unidade de análise e descrição da LSF em que o/a analista procura responder às perguntas: *O que o texto significa? Por que é valorizado?*, enquanto que, no segundo, é visto como unidade de análise e descrição da LSF enquanto um modelo de análise textual, o/a analista busca responder à pergunta: *O que o texto revela sobre o sistema da língua?*. Nesse viés teórico, o texto é a unidade de descrição, enquanto a oração é a unidade principal de processamento gramatical e léxico-gramatical.

A linguagem, em seu ambiente sócio-semiótico, além de apresentar inúmeras possibilidades de realizações textuais condicionadas a fatores internos à linguagem, também está condicionada a fatores contextuais, externos a ela, conforme mostra a Figura 1.3. No plano da estratificação do sistema, a LSF prevê que os fatores contextuais figuram em dois níveis. Esses níveis correspondem a dois contextos extralinguísticos, sendo o primeiro nível definido pelo Contexto de Situação e o segundo, pelo Contexto de Cultura (HALLIDAY; HASSAN, 1989, p. 5-7).

Conforme Motta-Roth e Heberle (2005, p. 14), com base em Bazerman (1988, p. 8), em um sentido amplo, contexto pode ser definido como um conjunto de todos os fatores que dão forma a um momento, no qual uma pessoa se sente compelida a se manifestar simbolicamente. Essa noção de contexto envolve dois níveis, conforme Halliday e Hasan (1989, p.56), o contexto de cultura e o contexto de situação.

O contexto de cultura, como o próprio nome indica, diz respeito aos aspectos da cultura, da história cultural, da ideologia e dos tipos de práticas sociais mais amplas ou institucionais em que os interactantes estão engajados (FUZER; CABRAL, 2010, p. 16). O contexto de situação refere-se, na ótica funcionalista, tal como destaca Meurer (2006, p. 168), aos elementos mais imediatos às situações de interação que têm impacto sobre o texto, de modo a determinar, entre outras coisas,

o registro[12] usado. As especificações de registro são definidas de acordo com as variáveis (ou componentes) contextuais identificadas por Halliday e Hasan (1989) como *campo, relação* e *modo*. Essas variáveis podem ser resumidas nos termos da Figura 1.3.

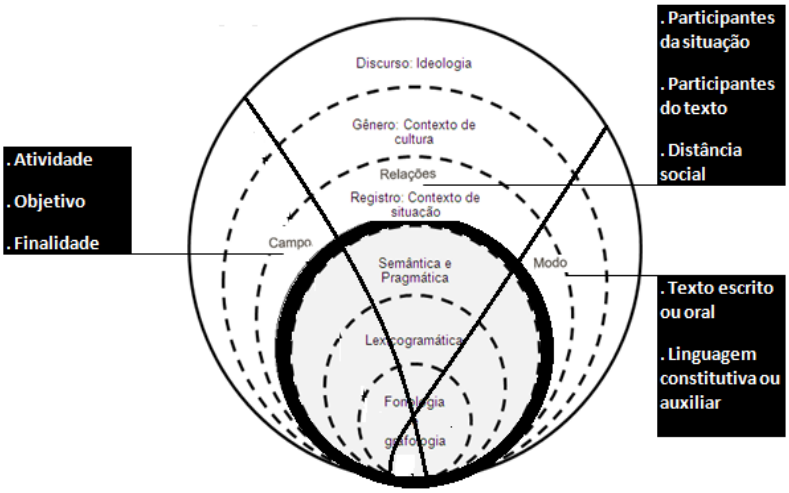


Figura 1.3 – Variáveis do contexto de situação

Fonte: Adaptada de Motta-Roth (2008, p. 09) e de Fuzer e Cabral (2010, p. 19).

O *campo* remete à atividade que está acontecendo, à natureza da ação social que está ocorrendo, aquilo que os falantes estão engajados, como, por exemplo, a recontextualização do relato primário de um artigo da área da Informática, com o objetivo de apresentar conclusões de pesquisas para os leitores não especialistas nesse campo de conhecimento. As *relações* fazem referência aos participantes e aos papéis que desempenham, ao grau e controle de um participante sobre o outro, à relação hierárquica e ao grau de formalidade estabelecida na interação. Um exemplo nesse sentido diz respeito à interação entre um jornalista envolvido na recontextualização de um relato sobre descobertas científicas para um estudante do Ensino Médio. O *modo* de apresentação do texto, diz respeito às formas de uso da

[12] Registro, conforme Meurer (2006, p. 168), é a configuração de elementos usados na realização de determinada significação. Para Gouveia (2009, p. 15), registro é uma noção que dá conta do fato de usarmos tipicamente certas e reconhecíveis configurações de recursos linguísticos, em certos contextos.

linguagem (fônica ou gráfica, falada ou escrita) e do veículo usado na interação. Uma notícia de PC escrita e publicada na versão impressa, no ZH, por exemplo.

Essas três variáveis do contexto de situação, identificadas a partir de variações linguísticas, palavras ou estruturas gramaticais específicas, em referência à variação no contexto (FUZER; CABRAL, 2010, p. 21) e são reconhecidas, segundo Halliday (1994), como metafunções, tal como abordamos na próxima seção.

1.2.2 Metafunções da linguagem

Na LSF, as metafunções são manifestações, no sistema linguístico, dos propósitos subjacentes a todos os discursos. As manifestações dos propósitos desempenham três funções de modo simultâneo (ideacional, interpessoal e textual), correspondendo aos diferentes modos de significação de um enunciado (HALLIDAY, 1986, p. 187; HALLIDAY; HASAN, 1989, p. 44-45). Com base nos estudos hallidayanos, Motta-Roth e Heberle (2005) e de Fuzer e Cabral (2010) é possível compreender cada uma dessas funções.

A metafunção textual expressa tanto a estrutura da informação quanto a estrutura do texto, sendo responsável pela estruturação de experiências em textos (MOTTA-ROTH; HEBERLE, 2005, p. 15). Nessa metafunção, a oração é vista como mensagem e há dois sistemas paralelos e inter-relacionados de análise, que envolvem a organização da mensagem em texto: o sistema estrutura da informação e o sistema estrutura temática (FUZER; CABRAL, 2010, p. 126). O primeiro sistema envolve, em termos de conteúdo, componentes denominados informação dada e informação nova. O segundo sistema envolve, em termos de oração, funções denominadas Tema e Rema.

A metafunção ideacional, expressa o conteúdo do texto (MOTTA- ROTH; HEBERLE, 2005, p. 15) e compreende duas subfunções: a experencial e a lógica. A subfunção experencial, conforme Fuzer e Cabral (2010, p. 22), tem por unidade de análise a oração. Por meio da análise da oração é possível fazer a construção de uma representação do mundo, a partir da análise do sistema de transitividade.

Na análise da oração, o sistema da transitividade é um recurso léxico-gramatical que possibilita a descrição de processos, de participantes e de circunstâncias. A configuração dessas categorias indica, respectivamente, a experiência que se desdobra ao longo do tempo; por meio de grupos verbais, de grupos nominais, as entidades envolvidas na ocorrência do processo ou as entidades que são envolvidas por ele e, opcionalmente, por meio de grupos adverbiais, o modo, o tempo, o lugar, a causa, o âmbito em que o processo se desdobra.

A metafunção interpessoal expressa interação entre os participantes de um evento discursivo (FUZER; CABRAL, 2010, p. 22) e é responsável pelo estabelecimento de relações humanas (MOTTA-ROTH; HEBERLE, 2005, p.16). Ao interagir e estabelecer relações, por meio de sistemas de opções, de diferentes alternativas, as pessoas assumem e desempenham papéis sociais e identidades, na medida em que participam de uma variedade de processos sociais (FUZER & CABRAL, 2010, p. 104) em uma interação. O recurso gramatical usado para expressar a interação entre os participantes de um evento comunicativo é o sistema de MODO e o sistema de MODALIDADE (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 106).

O primeiro sistema é entendido como um recurso gramatical que possibilita a interação entre os participantes de um evento comunicativo (FUZER; CABRAL, 2010, p. 22), tendo em vista o papel dos interactantes e a natureza das relações estabelecidas. No nível léxico-gramatical, as orações podem se apresentar de MODO declarativo, interrogativo e imperativo na realização de proposições e propostas (FUZER; CABRAL, 2010, p. 111). O segundo sistema compreende o conjunto de escolhas léxico-gramaticais possíveis no sistema da língua para apontar diferentes níveis de certeza ou obrigação de um falante em relação a um enunciado (HALLIDAY, 2004, p. 146-147).

As metafunções são componentes abstratos do sistema linguístico e cada uma delas se relaciona a uma das três variáveis do contexto, Campo, Relação e Modo (FUZER; CABRAL, 2010, p. 21), como podemos visualizar na Figura 1.4.

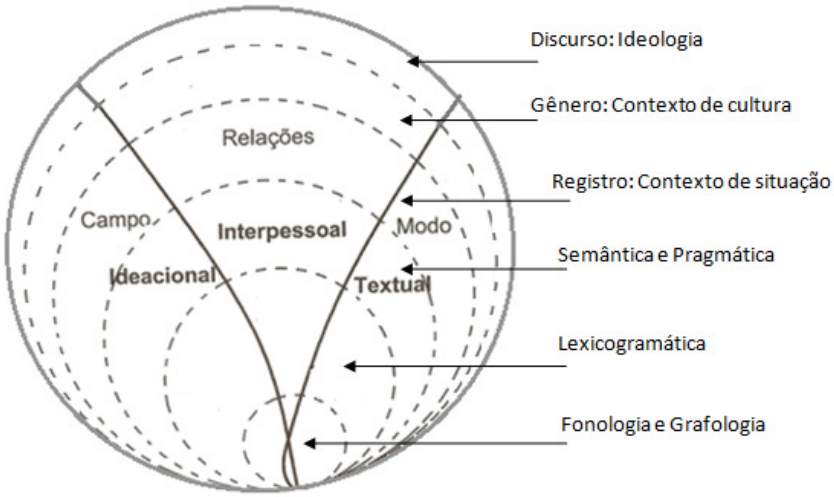


Figura 1.4 – Metafunções e instâncias de realização da linguagem.

Fonte: Adaptada de Fuzer e Cabral (2010, p. 22)

Essas três variáveis de contexto, associadas às metafunções, mostram que há uma relação sistemática entre os três tipos de significados e formam as bases teóricas da LSF.

Neste estudo, sobre a constituição das notícias de PC da área de informática publicadas no jornal ZH, além das noções e princípios de linguagem, texto, contexto, contexto de cultura e de situação, utilizo a LSF como ferramenta analítica ao proceder à análise interpessoal nos textos. A metafunção textual, a ideacional e a interpessoal de linguagem estabelecem relação com as funções de linguagem propostas por Fairclough (2001, p. 92) em suas pesquisas sobre ACD, a ideacional, a identitária e a relacional. Sobre essas funções e sobre outros aspectos da ACD discorro na seção seguinte.

1.3 Análise Crítica do Discurso

A ACD, fundada por Normam Fairclough nos anos 80, é, ao mesmo tempo, uma teoria social do discurso e uma abordagem metodológica de análise que dialoga com uma variedade de outras teorias (CHOULIARAKI; FAIRCCLOUGH, 1999, p. 16). Por isso, de acordo com van Dijk (2008, p. 114), trata-se de uma

perspectiva transdisciplinar que oferece um modo de teorização, de análise e de aplicação ao longo de todos os campos do saber.

Estudos analíticos que tomam por base essa perspectiva procuram relacionar aspectos do mundo social e da linguagem (MAGALHÃES, 2005, p.4). De acordo com Heberle (2000, p. 117), por meio da ACD, do estudo bidirecional da linguagem e da sociedade, é possível investigar questões sociais, políticas e culturais de modo a propor, segundo Meurer, (2008, p. 83) mudanças sociais ou institucionais.

Levando em consideração os trabalhos realizados por Fairclough (1996; 2001; 2002; 2003) e por outros autores que tratam sobre a obra do referido linguista, esboço uma síntese dos pressupostos teóricos e procedimentos metodológicos norteadores da ACD, procurando levantar concepções de linguagem, de discurso, de texto, de prática discursiva e social, assim como aspectos metodológicos que podem se configurar como subsídios para nossos estudos sobre o discurso de ciência em notícias de PC do jornal ZH.

1.3.1 Concepções de linguagem e de discurso

Nas obras *Language and power* (1996)*, Discurso e mudança social* (2001) e *Analysing discourse (2003)*, Fairclough reúne, com base em teorias consideradas relevantes em disciplinas da área da linguagem[13], um quadro conceitual e metodológico que subsidia ações analíticas e possibilita desvelar possíveis conexões entre linguagem, poder e ideologias naturalizadas na sociedade, assim como apontar possíveis nichos que necessitam de intervenções e de mudanças sociais e culturais.

Na ACD, a linguagem em uso é compreendida como discurso; como uma forma de prática social (FAIRCLOUGH, 2001, p. 90). A prática social é definida como uma forma relativamente estabilizada de atividade social (CHIAPELLO; FAIRCLOUGH, 2002, p. 193). Nesse sentido, a produção, a distribuição e o consumo de notícias de PC do jornal ZH se configuram como uma prática social que

[13] A Linguística, Sociolinguística, Pragmática, Análise do Discurso (FAIRCLOUGH, 1996, p. 5-6) e de estudos da Ciência Social Crítica, versando sobre o pensamento social e político (FAIRCLOUGH, 2001, p.19), são disciplinas da área da linguagem que sustentam princípios da ACD.

pode ser entendida a partir da estratificação dos planos linguísticos nos termos da LSF.

Nessa visão, a ACD estabelece como princípio a relação dialética entre prática social e estrutura social. Em outros termos, essa teoria parte do princípio que há uma relação de mão dupla entre uma forma relativamente estabilizada de atividade social e um conjunto de normas e regras estabelecidas por uma sociedade. Essa relação possibilita a realização de eventos discursivos.

Tal perspectiva demanda, ainda, o entendimento de que o discurso é moldado e restringido pela estrutura social; é influenciado e influencia a estrutura social (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91). Além disso, a concepção de linguagem como discurso implica entender que este é socialmente constitutivo de identidades e de sujeitos sociais, ou seja, de modos particulares de ser; de relações sociais entre os sujeitos e de sistemas de conhecimentos e de crenças.

Essa concepção de discurso corresponde a três funções de linguagem: a função identitária, a relacional e a ideacional (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91). A função identitária da linguagem corresponde aos modos pelos quais as identidades se estabelecem no discurso; a função relacional diz respeito ao modo como as representações e negociações se estabelecem entre os participantes no discurso; a função ideacional estabelece relação com os modos de significar os mundos, seus processos, entidades e relações (FAIRCLOUGH, 2001, p. 92). Essas funções se constituem sempre de modo simultâneo em qualquer texto (FAIRCLOUGH, 2002, p. 17).

Na ACD, a análise dessas funções em qualquer prática discursiva considera três dimensões, a análise de texto, a análise discursiva e a análise social, formando a conhecida abordagem tridimensional de linguagem proposta por Fairclough (1989, p. 25-26; 2001, p. 101). Sobre essas três dimensões analíticas, discorro na próxima seção.

1.3.2 Abordagem tridimensional de linguagem

Na ACD, um exame interconectado, envolvendo texto, prática discursiva e prática social, remete a três respectivos estágios de análise – a descrição, a interpretação e a explicação, conforme mostra a Figura 1. 5.

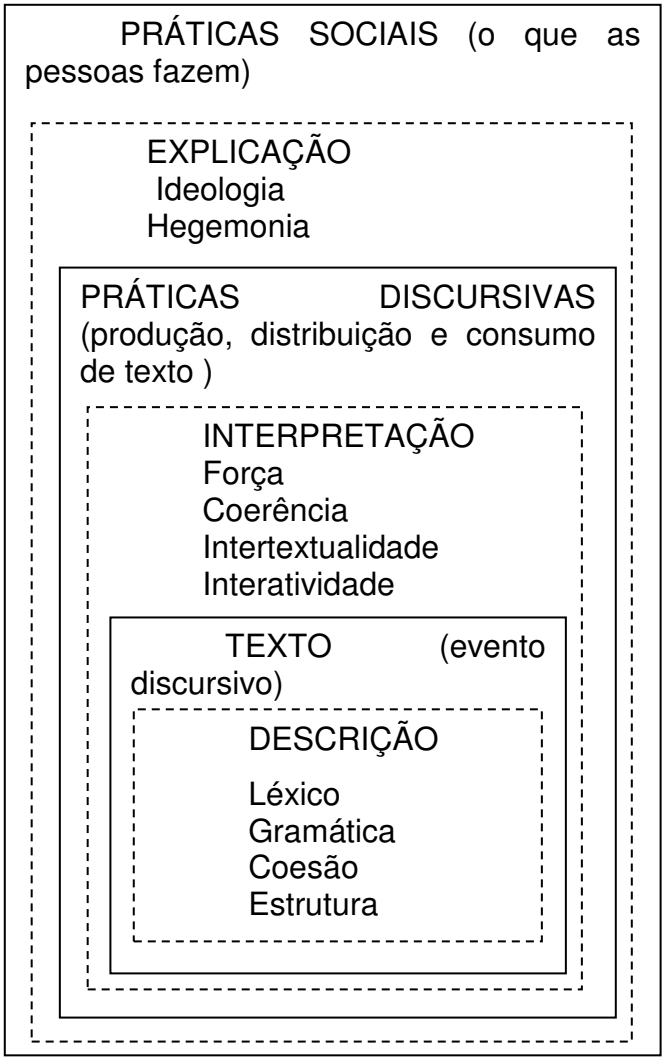


Figura 1.5 - Representação do Modelo Tridimensional de Fairclough (1989, 1992).

Fonte: Adaptada por Meurer (2005, p. 95)

No modelo da Figura 1.5, texto é um produto (falado, escrito, imagético e gestual) resultante de dois processos – social e cognitivo –, que se configura como um dos elementos constituintes de um processo de interação discursiva

(FAIRCLOUGH, 1996, p. 24). Uma análise textual pode ser organizada e descrita, de acordo com Fairclough (2001, p. 103), a partir de quatro categorias: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual. O vocabulário trata principalmente das palavras individuais; a gramática, das palavras combinadas em orações e frases; a coesão, da ligação entre orações e frases.

Neste estudo, detenho-me na análise da estrutura textual (ou na análise da organização retórica, conforma propõe Swales, 1990, 2004). Esta, por sua vez, diz respeito à

> ‘arquitetura’ dos textos e especificamente a aspectos superiores de planejamento de diferentes tipos de texto: por exemplo, as maneiras e a ordem em que os elementos ou episódios são combinados para construir uma reportagem policial no jornal, ou uma entrevista para emprego. Tais convenções de estruturação podem ampliar a percepção dos sistemas de conhecimento e crença e dos pressupostos sobre as relações sociais e as identidades sociais que estão embutidos nas convenções dos tipos de textos (FAIRCLOUGH, 2001, p. 106).

A prática discursiva é um processo dialético de produção, de distribuição e de consumo de textos (FAIRCLOUGH, 2001, p, 93). Nesse processo, variados tipos de discursos ou gêneros, conforme Fairclough, (2001, p. 23), são selecionados de acordo com as diferentes rotinas institucionais e com os objetivos comunicativos existentes na sociedade ou em uma instituição social (FAIRCLOUGH, 2001, p. 107).

Duas partes dessa prática, a produção e o consumo de textos, são de natureza sociocognitiva e envolvem processos baseados nas estruturas e nas convenções sociais interiorizadas (FAIRCLOUGH, 2001, p. 99), como a forma das palavras, as formas gramaticais das sentenças, a estrutura típica de um gênero, as propriedades de objetos e de pessoas, a sequência de eventos esperados em uma situação particular. Nesses termos, os processos cognitivos podem ser entendidos como uma caixa preta, os quais não permitem reconstruir um processo de produção nem explicar o processo de interpretação, senão pelas propriedades formais dos textos. Em função disso, as propriedades formais dos textos são percebidas como traços do processo produtivo ou como pistas do processo interpretativo (FAIRCLOUGH, p. 2001, p. 100).

Na interpretação de textos, em termos de produção, de distribuição e de consumo, as categorias como força ou polidez, coerência, intertextualidade e interdiscursividade figuram como possibilidades analíticas. A força dos enunciados refere-se aos tipos de atos de fala desempenhados; a coerência relaciona-se às

conexões e inferências necessárias e ao seu apoio em pressupostos ideológicos; a intertextualidade diz respeito às relações dialógicas entre o texto e outros textos; e a interdiscursividade, às relações entre ordens do discurso (MEURER, 2005, p. 94-95). Ordem do discurso é a totalidade de práticas discursivas dentro de uma instituição ou sociedade, e o relacionamento entre elas (FAIRCLOUGH, 2001, p.67).

Em termos de produção, na recontextualização de relatos de conhecimentos científicos para a mídia de massa, a intertextualidade se configura como uma categoria analítica do processo de PC, pois é a partir de artigos acadêmicos ou conferências, por exemplo, que notícias de PC são produzidas e divulgadas. Nesses termos, a intertextualidade nas notícias de PC pode ser explorada quanto à distinção entre manifesta e constitutiva. A primeira dá-se quando na relação entre textos a presença do outro participante, é marcada de maneira explícita. A intertextualidade manifesta, descrita por Fairclough (2001, p. 152), pode ser materialmente observada por: a) representação do discurso, que engloba a representação direta ou indireta do discurso relatado, bem como do discurso indireto livre; b) pressuposições; c) negação e d) ironia. Já a intertextualidade constitutiva ocorre quando a relação entre os diferentes discursos que constituem um texto é não marcada, é implícita – a qual é denominada interdiscursividade (FAIRCLOUGH, 2001, p. 114). Esse tipo de análise intertextual se caracteriza muito mais pela capacidade de interpretação do leitor/escritor, dependendo em grande parte da capacidade de julgamento e da experiência do analista, do que pela observação de marcas linguísticas fornecidas pelos textos (FAIRCLOUGH, 1995, p. 77).

A dimensão da prática social é aquilo que as pessoas fazem, isto é, são as atividades em que se engajam ao conduzir a vida social, incluindo as atividades do dia-a-dia (MEURER, 2004, p. 138). Trata-se de uma dimensão que envolve modos de agir associados com áreas particulares da vida social. Assim, na realização de atividades na vida em sociedade, os discursos são articulados com outros elementos não discursivos, como por exemplo, pessoas com suas crenças, atitudes, histórias, o mundo material, ações, interações, relações, etc.

Conforme Fairclough (2003, p. 139), na representação de campos sociais particulares, ocorre a incorporação, a recontextualização de um contexto em outro evento social. Campos particulares, redes de práticas sociais particulares, os elementos de tais redes de práticas socais particulares têm associados a eles princípios específicos de recontextualização (BERNSTEIN, 1990). Esses princípios

diferem quanto aos modos pelos quais um tipo particular de evento social, ou seja, de acontecimento estruturado pelas práticas sociais, está representado em diferentes campos, em redes de práticas sociais e em gêneros. Elementos dos eventos sociais são seletivamente "filtrados" de acordo com tais princípios de recontextualização (alguns são excluídos, outros são incluídos e recebem maior ou menor procedência). Esses princípios de recontextualização também afetam o modo como os eventos sociais são representados em termos de representação concreta ou abstrata, se e como os eventos são avaliados, explanados, legitimados e na ordem na qual os eventos são representados.

Nesse sentido, convém que analisemos quais os elementos de eventos, ou quais os eventos em uma rede de eventos estão presentes ou ausentes, proeminentes ou encobertos no discurso; qual grau de abstração/generalização de eventos concretos; como os eventos estão ordenados; o que está adicionado aos eventos representados – explanações/legitimações (razões, causas, propostas), avaliações. Assim, na análise da prática social, aspectos sociais ideológicos e hegemônicos[14] são investigados.

Em síntese, relacionando os princípios teóricos da Sócio-retórica, da LSF e da ACD é possível afirmar que na ACG, a linguagem é um sistema semiótico estratificado e socialmente construído no uso compartilhado de gêneros discursivos. Gêneros são atividades culturalmente pertinentes, mediadas pela linguagem, em um dado contexto de situação, atravessado por discursos de ordens diversas (MOTTA-ROTH, 2006, p. 147). São conformações de significados recorrentes, orientadas para o objetivo de realizar práticas sociais.

Em termos de abordagem metodológica, nesse estudo, adoto a ACD como referência, analisando certos aspectos da textualização, nos moldes do que faz Fairclough (1992), que não realiza uma análise rigorosa e exaustiva da transitividade. Nesse sentido, uso as ferramentas da LSF para olhar e colocar os dados em ordem, de modo que permita a construção de uma teoria local sobre a produção e publicação de PC no ZH.

---

[14] As ideologias são significações da realidade nas diferentes dimensões de forma/sentidos das práticas discursivas e contribuem para a produção, reprodução ou transformação das relações de dominação (FAIRCLOUGH, 2001, p. 117). Hegemonia é a liderança e a dominação nos domínios econômico, político, cultural, e ideológico de uma sociedade (FAIRCLOUGH, 2001, p. 123).

Tendo em vista essa perspectiva, para compreender como o gênero notícias de PC da área de Informática é constituído no jornal ZH, no próximo Capítulo, realizo um estudo sobre a concepção de ciência antes de definir PC e compreender como se efetiva essa prática social nessa mídia.

CAPÍTULO 2 – POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA

Neste capítulo, reviso a literatura prévia de modo a apresentar as concepções e processos da PC. Para tanto, na seção 2.1, como ponto de partida, faço uma revisão da literatura sobre a concepção de ciência, a descrição dos dois paradigmas de ciência existentes (o moderno e o pós-moderno) e os aspectos linguísticos característicos do campo da Ciência da Computação/ Informática para chegar à concepção de PC na seção seguinte. Na seção 2.2, portanto, discorro sobre as duas versões do conceito de PC que estabelecem relação com os paradigmas de ciência, bem como sobre as etapas do processo de PC. Na seção 2.3, abordo a concepção e as características da notícia de PC, a partir de estudos do Jornalismo e da Linguística Aplicada.

2.1 Ciência: concepção, modelo e características

Morin (2005, p. 24), com base nas ideias de Karl Popper, entende que a ciência é um campo aberto, onde as teorias, os princípios de explicação, as visões de mundo e os postulados metafísicos ou ideologias são combatidas a partir de regras, como o respeito aos dados, por exemplo. Nesses termos, é possível conceber ciência como "uma prática social de conhecimento" (SOUZA SANTOS, 1989, p. 13), como uma atividade sócio-cultural em que as pessoas se engajam para conhecer as coisas do mundo.

A ciência, conforme Japiassú (1975), não possui uma única definição. Ela pode ser tanto

> uma procura metódica do saber, quanto um modo de interpretar a realidade; tanto pode ser uma instituição, com seus grupos de pressão, seus preconceitos, suas recompensas oficiais, quanto um metiê subordinado a instâncias administrativas, políticas ou ideológicas; tanto uma aventura intelectual conduzindo a um conhecimento teórico (pesquisa), quanto um saber realizado ou tecnicizado (JAPIASSÚ, 1975, p. 10).

Grosso modo, Motta-Roth (2009, p. 132) define a ciência como conhecimento de qualquer objeto ou fenômeno por intermédio da observação, da identificação,

descrição, investigação ordenada e explicação de um fenômeno com base em um paradigma vigente. Paradigma, por sua vez, pode ser definido como modelo (KUHN, 2006, p. 356) universalmente aceito por uma comunidade. Um paradigma científico, ou um modelo de ciência é “um princípio que controla as visões do mundo” (MORIN, 2005, p.22), servindo como referência para todo um fazer científico durante uma determinada época ou um período de tempo, até que outro modelo passe a existir e disputar espaço de hegemonia na construção do conhecimento.

Com base nesses conceitos, concebo a ciência como uma prática social constituída por sujeitos que realizam atividades, bem como compartilham saberes, recursos e regras estabelecidas social e culturalmente de modo a estabelecer conhecimentos teóricos, metodológicos e tecnológicos a partir de modelos científicos vigentes.

No processo de constituição do conhecimento científico, filósofos, físicos e sociólogos (MORIN, 2005; KUHN, 2006; CAPRA, 2006; SOUZA SANTOS 2006) apontam dois paradigmas ou dois modelos envolvidos na história da humanidade. Souza Santos, na obra ‘Um discurso sobre as ciências’ (2006), postula a existência do paradigma da ciência moderna ou dominante e o paradigma da ciência pós-moderna.

As palavras “moderno”, “modernização” e “modernidade” podem assumir várias concepções. Para Giddens (1991, p, 11), por exemplo, o termo modernidade refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiu na Europa a partir do século XVII. Já a palavra pós-modernidade é definida pelo referido pesquisador como uma nova era que está levando as pessoas para além da modernidade. É a emergência de um novo tipo de sistema social (tal como a sociedade da informação ou a sociedade de consumo) que surgiu no final do século XX. De acordo com Latour (1994, p. 15), entretanto, todas as definições apontam para a passagem do tempo. Quando empregadas, essas palavras definem, por contraste, um passado arcaico e estável. Moderno assinala, assim, o início de um novo regime, uma aceleração, uma ruptura, uma revolução do tempo. Pós-moderno marca uma segunda ruptura, uma segunda revolução no tempo, um segundo paradigma.

No que se refere à ciência, o paradigma da modernidade nasceu entre o século XVII e o século XIX, com a emergência da física matemática. Nesse período, a ciência se constituiu como uma entidade racional e superior ou privilegiada de

saber (JAPIASSÚ, 1982, p. 34). Essa configuração moderna de ciência desencadeou, em oposição ao pensamento pré-moderno, uma nova visão de mundo e de vida.

Segundo essa nova visão, o sábio deixa de ser o clérigo para ser o leigo, o homem dotado de razão e de reflexão, de observação e de laboratório (JAPIASSÚ, 1982, p. 46). O homem se torna um ser ativo, um cientista "extratemporal, a-histórico e supracultural" (JAPIASSÚ, 1982, p. 40), senhor e dominador da natureza (JAPIASSÚ, 1982, p. 41), que toma posse do espaço, descobre a linguagem falada pela Natureza (JAPIASSÚ, 1982, p. 31), com a finalidade de não só conhecê-la, mas também de dominá-la.

Para dar conta de seu papel, o homem cientista nega duas formas de conhecimento, configuradas como não científicas por não se pautarem por princípios epistemológicos e regras metodológicas: o senso comum e os estudos humanísticos (SOUZA SANTOS, 2006, p. 21).

Num polo os literatos; no outro os cientistas e, como os mais representativos os físicos. Entre os dois, um abismo de incompreensão mútua – algumas vezes (particularmente entre os jovens) hostilidade e aversão, mas principalmente falta de compreensão (SNOW, 1995, p. 21)

Ao excluir as formas de conhecimento não científicas, o modelo de ciência moderno se caracterizou fundamentalmente por desprestigiar todas as considerações que invocam conceitos subjetivos (JAPIASSÚ, 1982, p. 30). Na ciência moderna, importa saber colocar questões, versando sobre COMO – ao invés de POR QUÊ – saber decifrar, saber compreender as respostas (JAPIASSÚ, 1982, p. 28) e, depois, relacionar os resultados obtidos nas pesquisas sob a forma de leis que revelam a Verdade.

A formulação dessas leis, sob a perspectiva moderna, se processa a luz de regularidades observadas, de pressupostos epistemológicos e de regras metodológicas para prever o comportamento futuro dos fenômenos. Na elaboração das leis, no avanço do conhecimento científico, a observação sistemática e, tanto quanto possível, rigorosa dos fenômenos naturais se impõe, seja por meio do pensamento dedutivo ou mesmo da especulação, sem dispensar a teoria prévia (SOUZA SANTOS, 1989, p. 25).

Nesse paradigma, a matemática fornece não só o instrumento privilegiado de análise, como também a lógica da investigação, e ainda o modelo de representação

da própria estrutura da matéria. Em decorrência da base teórica calcada na matemática, dois princípios são seguidos recorrentemente, conforme o referido pesquisador (1989, p. 27): 1. conhecer pela quantificação; e 2. reduzir a complexidade do mundo. Em função do primeiro princípio, as qualidades intrínsecas dos objetos são desqualificadas e, em seu lugar, passam a imperar as quantidades que podem ser traduzidas em números. Nesses termos, o rigor científico é aferido pelo rigor das medições, ou seja, o que não é quantificável é cientificamente irrelevante. No que se refere ao segundo princípio, o método científico assenta na redução da complexidade, tendo em vista o pressuposto de que mundo é complicado e a mente humana não o pode compreender completamente.

No modelo de ciência moderno, para conhecer e reduzir a complexidade do mundo, alguns procedimentos são fundamentais – dividir, medir, experimentar, provar, comprovar, classificar para, depois, determinar relações sistemáticas entre o que se separou – para relacionar os conhecimentos sob a forma de leis que possam intervir no real (SOUZA SANTOS, 1989, p. 28-30). Com base nesse modelo de racionalidade científica, totalitário, mecanicista, cartesiano e responsável por uma visão de mundo que se contrapôs ao modelo pré-moderno, o ser humano tomou conhecimento de vários postulados, por exemplo, de que a terra não era o centro do universo (por meio dos estudos de Copérnico); de que “o movimento passou a ser uma entidade tão estável quanto o estado em repouso” (JAPIASSÚ, 1982, p. 26); de que a vida não se originou espontaneamente como obra de um ser divino, mas da descendência do macaco (cf. estudos de Darwin); e, entre outras descobertas, percebeu que a mente humana é constituída por impulsos inconscientes (a partir de Freud).

Esse mesmo modelo, que permitiu a formação de variadas leis e inúmeras produções tecnológicas, também proporcionou que as descobertas teóricas fossem postas à prova e se mostrassem suscetíveis a falhas, provocando uma crise paradigmática que pode ser explicada por condições teóricas e sociais (SOUZA SANTOS, 1989, p. 41).

Em termos teóricos, a crise do paradigma moderno iniciou quando a teoria da relatividade de Einstein e a mecânica quântica abalaram uma das premissas do modelo mecanicista e atingiu o apogeu com a teoria das estruturas dissipativas

desenvolvidas por Prigogine[15] (SOUZA SANTOS, 1989, 41- 47). Na teoria da relatividade, Einstein criou a noção de que não existe simultaneidade universal e, assim, desestabilizou a existência de espaço e de tempo absolutos, defendida por Newton. Na teoria das estruturas dissipativas, o químico russo estabeleceu que, em sistemas abertos ou vivos, a evolução não é previsível em função de variações de energia, as quais desencadeiam reações que tornam o sistema instável e conduzem a um novo estado microscópio.

Em termos sociais, segundo Souza Santos (1989, p. 57), a crise do paradigma moderno iniciou com a industrialização da ciência, tanto em termos de aplicações da ciência, quanto em termos de organização da investigação científica. O uso da ciência para fins econômicos e militares levou a comunidade científica a questionar, além dos pressupostos teóricos, a ausência de valores humanos na ciência, tais como a ética.

Em resposta à crise da ciência moderna, nasceu outra perspectiva, que provocou uma revolução científica no final do século XIX e início do século XX. Essa outra visão foi identificada de diversas formas, como por exemplo, paradigma do conhecimento prudente ou pós-moderno, conforme Souza Santos (1989, p. 61-77). Essa visão científica é caracterizada pela:

- quebra da dicotomia entre ciências naturais e ciências sociais, propondo a inter-relação entre os conhecimentos produzidos nesses campos;
- desconsideração da distinção entre sujeito/objeto. O objeto passa a ser uma continuação do sujeito;
- constituição e progresso da ciência ao redor de temas interdisciplinares, ao invés de disciplinas. De acordo com Souza Santos (1989, p. 88), ao contrário da ciência moderna, na pós-moderna, nenhuma forma de conhecimento é, em si mesmo, racional. A racionalidade está na configuração de todas as formas de conhecimento, incluindo o

[15] Na Teoria das Estruturas Dissipativas, Ilya Prigogine, Prêmio Nobel de 1977, explica como a ordem pode surgir da entropia (medida da quantidade de desordem em um sistema) e não ocorrer, apesar dela. Salienta, ainda, como os sistemas abertos, ou seja, os sistemas vivos, são afetados pelas flutuações de energia, devido à sua interação com o meio. Essa teoria tem permitido repensar o papel do tempo, a visão sobre o conhecimento e, particularmente, repensar as leis fundamentais da física que buscam explicar o universo (MASSONI, 2008).

conhecimento do senso comum, ou seja, o conhecimento vulgar e prático que tem lugar no cotidiano.

- não determinação, ou seja, pela não descrição de comportamentos. Nesse paradigma, todo e qualquer conhecimento é entendido sob condições de possibilidade da ação humana projetada a partir de um espaço-tempo local, ou seja, de uma realidade e de uma pluralidade metodológica, variável e condizente com o que está sendo estudado.

Além disso, no paradigma pós-moderno, o ato criativo é protagonizado por cientistas e pela comunidade científica; a incerteza do conhecimento não é mais considerada como uma limitação técnica, mas é um fator preponderante para compreender o mundo que estudamos (SOUZA SANTOS, 1989, p. 86); o discurso científico aproxima-se cada vez mais do discurso da criação literária ou artística, porque, de modo semelhante à arte, pretende que a dimensão ativa da transformação do real seja subordinada à contemplação do resultado (SOUZA SANTOS, 1989, p. 86-87).

Na visão de Morin (2005),

> a situação e o papel da ciência na sociedade modificaram-se profundamente desde o século XVII. Na origem, os investigadores eram amadores no sentido primitivo do termo; eram ao mesmo tempo filósofos e cientistas. A atividade científica era sociologicamente marginal, periférica. Hoje, a ciência tornou-se poderosa e maciça instituição no centro da sociedade, subvencionada, alimentada, controlada pelos poderes econômicos e estatais. Assim, estamos num processo inter-retroativo.(...) A técnica produzida pela ciência transforma a sociedade, mas também, retroativamente, a sociedade tecnologizada transforma a própria ciência (MORIN, 2005, P.19).

Na produção de teorias, métodos e técnicas que influenciam, direta ou indiretamente, as próprias descobertas científicas e a vida em sociedade, seja em pequenas ou grandes organizações sociais, a ciência tem se tornado cada vez mais um campo que contempla um sistema fechado de comunicação especializada para defender sua autoridade, para criar fortes fronteiras entre a ciência e outras fontes de conhecimento e crença (BAZERMAN, 2006, p. 82). Assim, a ciência constrói um mundo discursivo e delimitado, marcado por

> um intertexto de trabalhos citados ou uma literatura que define um espaço discursivo que se transforma gradualmente. Novas alegações disputam a aceitação e são julgadas por uma corte *epistêmica de especialistas* que integra determinada comunidade científica. As comunidades discursivas e

> as direções dos discursos são claramente traçadas, embora desenvolvimentos recentes da ciência da computação e na genética tenham ultrapassado essas fronteiras socialmente construídas (BAZERMAN, 2006, p. 82).

Nessa citação, o renomado linguista não menciona em que sentido os desenvolvimentos da ciência da computação e na genética em termos de discurso ultrapassam fronteiras construídas na sociedade. No que se refere à organização discursiva, Motta-Roth e Hendges (1999, p. 109) destacam que, na ciência da computação, as publicações científicas são menos formalmente organizadas do que em outras áreas tradicionais de conhecimento, como a química, por exemplo. Nesse sentido, elas não têm uma estrutura explícita constituída por introdução, método, resultados e discussões (IMRD) e raramente apresentam resultados experimentais. Em geral, as publicações usam livremente ilustrações, não diretamente relacionadas com as discussões estabelecidas nas pesquisas. Além disso, o estilo e o tom adotados nos textos científicos são mais informais e empregam o uso de expressões usualmente encontradas na comunicação oral.

Nessa área do conhecimento, os pesquisadores adotam uma visão objetiva do conhecimento produzido, marcada pelo emprego do discurso instrucional, mediante o uso de orações coordenadas sem o emprego de conectores lógicos. Em uma pesquisa, cada passo do processo de instrução é usualmente marcado por um ponto ao invés do emprego de conectores. Além disso, as sentenças são estruturadas na ordem direta, compreendendo sujeito, verbo e objeto (MOTTA-ROTH; HENDGES, 1999, p. 109).

Seja na ordem direta ou na indireta de organização das sentenças que reportam descobertas científicas, a representação de conhecimentos científicos da ciência da computação ou informática, assim como das demais ciências existentes, os conhecimentos produzidos passam por um processo de PC. Nesse processo, tal como a ciência, a PC assume concepções e características distintas, conforme discorro na próxima subseção.

Segundo Navas (2008, p. 21), a prática social de PC muda de acordo com as relações e a compreensão estabelecida sobre ciência na sociedade. Nesses termos, a concepção de PC também é dinâmica e pode ser vista sob duas concepções. Na primeira concepção, correspondente ao paradigma moderno, a PC é um processo de tradução da ciência, enquanto que na segunda, relacionada com o paradigma

pós-moderno de ciência, a PC é um processo de reformulação ou de recontextualização do conhecimento científico, conforme trato na próxima seção.

2.2 Processo de popularização da ciência em espiral

O processo de PC, a partir da "visão dominante da ciência", é tratado como uma simplificação ou mesmo como uma distorção da ciência (HILGARTNER, 1990, p. 519). De acordo com Motta-Roth e Lovato (2009, p. 3), com base em Hilgartner (1990, p. 520-21), essa visão dominante estabelece que o conhecimento científico é inacessível ao público não-especialista, que entende mal muito do que lê. As questões da ciência são, portanto, o território da autoridade, da manutenção da hegemonia dos cientistas frente a qualquer público que não pertença ao universo da pesquisa (HILGARTNER, 1990, p. 524). Nessa visão tradicional, o processo de PC é visto como uma "tradução de pesquisas científicas para a audiência leiga" (PAUL, 2004, p. 32).

Sob a perspectiva mais recente, a PC refere-se a um processo de difusão do conhecimento científico, "uma ordem discursiva, um terreno de debates e práticas sociais" (MYERS, 2003, p. 65 apud MOTTA-ROTH; LOVATO, 2009, p. 3). Nessa concepção, a PC é gradação do processo em relação à quão popular ou simplificada é a re-enunciação do discurso científico (HILGARTNER, 1990, p. 524-6). Nesses termos, PC é uma questão de grau em termos de precisão da informação apresentada, de modo que, nos textos considerados científicos, o grau de precisão da informação é maior do que nos textos considerados não científicos. Nessa visão, há também a inserção do jornalista-autor como mediador da interação entre cientista e público. O jornalista-autor é colocado como o construtor e o articulador de um número variado de discursos que ultrapassam os limites do discurso acadêmico (BEACCO et al., 2002, p. 282). Além de "reformular" o conhecimento científico, o jornalista estabelece nichos de debate político, ao informar e questionar as implicações das descobertas científicas e tecnológicas para a sociedade (MOTTA-ROTH; LOVATO, 2009b, p. 3).

Conforme argumenta Motta-Roth,

> textos de PC não desempenham apenas uma função pedagógica ao ensinar princípios da ciência praticada (MEDEIROS, 2003, p. 90), mas também consolidam e legitimam o fazer científico, impulsionam o crescimento da comunidade científica (Idem, p. 83-4) e subsidiam decisões no âmbito dos organismos que integram o Estado (Idem, 85). Nesses termos, o processo de popularizar a ciência deve ser visto como crucial para a sobrevivência da própria ciência (digamos, "erudita"), esta vista como um bem que deve ser produzido e cujo acesso deve ser democratizado em sociedade (MOTTA-ROTH, 2009a, p. 5).

No nosso entender, PC é um processo de recontextualização do discurso da ciência que se desenvolve em vários quadrantes ou caminhos, conforme mencionam Vogt (2003; 2010) e Motta-Roth (2009a; 2010). A partir de perspectivas teóricas distintas, esses pesquisadores apresentam informações que ora se aproximam, ora se complementam quanto ao processo de midiatização do conhecimento científico ou PC.

O primeiro pesquisador é um linguista e, ao mesmo tempo, um homem da literatura, um poeta que estabelece ligação entre a arte e a ciência, entre a administração da ciência, dos recursos para a ciência, e a política da ciência. A segunda pesquisadora é uma estudiosa da área da linguagem, uma linguista aplicada que se debruça sobre questões relativas à produção e à divulgação da ciência entre os pares na academia e entre os não especialistas na sociedade em geral. Estudos desses pesquisadores sobre a *cultura científica* e sobre PC permitem ampliar reflexões e visualizar com maior clareza a dinâmica vivenciada na socialização do conhecimento da ciência.

Para Vogt (2003), *cultura científica* é o termo que melhor identifica o ato de tornar público o saber científico. Tomando por base os estudos de Azevedo (1943), Snow (1959) e Meis (1998), o linguista argumenta que

> Melhor do que alfabetização científica (tradução para scientific literacy), popularização/vulgarização da ciência (tradução para popularisation/vulgarisation de la science), percepção/compreensão pública da ciência (tradução para public understanding/awarness of science) a expressão cultura científica tem a vantagem de englobar tudo isso e conter ainda, em seu campo de significações, a ideia de que o processo que envolve o desenvolvimento científico é um processo cultural, quer seja ele considerado do ponto de vista de sua produção, de sua difusão entre pares ou na dinâmica social do ensino e da educação, ou ainda do ponto de vista de sua divulgação na sociedade, como um todo, para o estabelecimento das relações críticas necessárias entre o cidadão e os valores culturais, de seu tempo e de sua história (VOGT, 2003).

Vogt (2003) destaca que a democratização da cultura científica pode seguir quatro caminhos e pode ser representada metaforicamente como uma espiral,

denominada *Espiral da Cultura Científica*. A ideia da espiral é representada por quatro dimensões que evoluem, ciclicamente, sobre dois eixos, um horizontal, o do tempo; um vertical, o do espaço, conforme mostra a Figura 2.1. Nesta representação, ao cumprir um ciclo, a espiral da cultura científica retorna ao eixo de partida, sem regressar ao mesmo ponto de início. Com a chegada em um novo ponto de partida, ocorre um ponto alargado de conhecimento e de participação da cidadania no processo dinâmico da ciência e de suas relações com a sociedade.

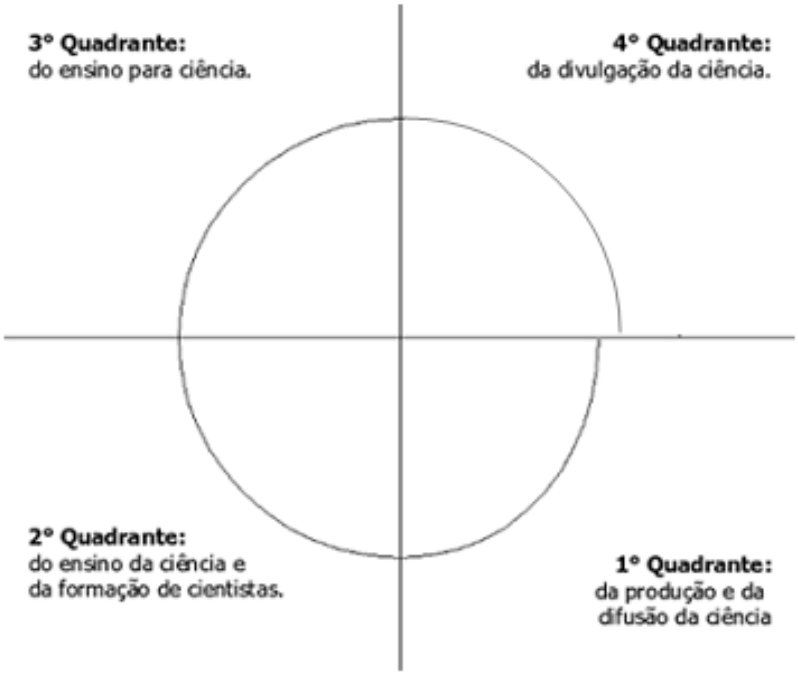


Figura 2.1 – Espiral da Cultura Científica.

Fonte: Vogt (2003)

Na continuidade do processo, determinados atores/participantes criam um novo ciclo de enriquecimento e de participação ativa em cada um dos momentos de sua evolução (VOGT, 2010).

Para Vogt (2003), o ponto de partida dessa espiral compreende a produção e a difusão ou disseminação do conhecimento entre pares em universidades, centros de pesquisa, órgãos governamentais, agências de fomento, congressos, revistas científicas. Na sequência do ciclo, a evolução inclui o ensino de ciências e a formação de cientistas desde a Educação Básica até a Educação Acadêmica,

agregando cientistas, professores e alunos. No terceiro estágio do ciclo, um conjunto de ações de ensino para a ciência se realiza em museus e feiras de ciência, tendo como atores os cientistas, os professores, os diretores de museus, os animadores culturais da ciência, os estudantes e o público jovem. No último estágio, completando um ciclo, revistas, páginas e editorias de jornais e programas de televisão voltados para o tema de ciência realizam a divulgação dos conhecimentos produzidos. Nesse estágio, estão incluídos os cientistas, os jornalistas, os editores de páginas, a sociedade em geral e outros (VOGT, 2010).

No grupo de trabalho do LABLER da UFSM, a denominação PC é o termo escolhido para englobar a perspectiva teórica e os propósitos do referido laboratório de pesquisa, visto que é concebida como

> um processo discursivo de produção, distribuição e consumo de textos sobre novas pesquisas em campos especializados, cujos participantes-atores centrais são a ciência (o cientista), a mídia (o jornalista-mediador na impressa, na televisão, no rádio, etc.) e a sociedade (o público leitor não especialista) (Motta-Roth, 2010, p. 161).

Em termos de PC, Motta-Roth (2009, p. 134-135) concebe que uma dinâmica político-econômica da ciência se apoia minimamente na sequência de estados de um sistema de produção de conhecimento, que inclui um sistema de gêneros, passando inicialmente pela publicação de um artigo científico na mídia especializada e, subsequentemente, na transferência de textos de um contexto a outro ou na "recontextualização" desse conhecimento até chegar à popularização na mídia de massa. Nesse processo, parece inegável o estabelecimento de um contínuo que pode variar desde o contexto primário de investigação, durante a prática investigativa do laboratório ou os seminários de pesquisa, até a base, incluindo-se aí o livro didático e a notícia na mídia de massa (HILGARTNER, 1990, p. 524). O processo de PC desenvolve-se, assim, em diferentes graus de recontextualização e de certificação do discurso científico (HILGARTNER, 1990, p. 528).

Motta-Roth (2010, p. 162), citando Besil Bernstein (1971; 1996), reconhece, ainda, que a educação formal, nos três níveis de ensino e aprendizagem, também atua como um "campo recontextualizador" que faz a realocação e privilegia certos discursos teórico-científicos em detrimento de outros, de modo a gerar um trabalho de adaptação de estudos para o consumo, em um processo de reprodução cultural da estrutura do sistema social, segundo a agenda institucional escolar.

Nessa dinâmica de PC, a recontextualização

> pressupõe referência cruzada entre textos. Na midiatização da ciência, um artigo científico publicado em uma revista acadêmica é lido por um jornalista que o seleciona, reelabora, refocaliza a partir dos interesses da instituição midiática de informatividade e de captação de audiência (MOTTA-ROTH, 2010, p. 162).

Trata-se, portanto, de uma relação imbricada que se evidencia por marcas linguísticas intertextuais como a "interpelação explícita do leitor, o relato e a citação ou as estratégias de pedagogização do discurso, como o aposto e a glosa [e] que se materializa na forma, por exemplo, de uma notícia de popularização da ciência" (MOTTA-ROTH, 2010, p. 162-163). A notícia de PC, entendida como uma combinação entre a manchete, o lide, o relato do evento principal – nesse caso, a realização de uma nova pesquisa, seu contexto, os eventos prévios e a relevância da pesquisa para a vida do leitor não especialista (MOREIRA; MOTTA-ROTH, 2008, p. 4) – e o artigo científico integram um sistema/conjunto de gêneros que produz e mantém a ciência ao recontextualizá-la pelo princípio de dialogismo e da intertextualidade em diferentes graus de distanciamento de concretude entre o leitor e as pesquisas (MOTTA-ROTH, 2010, p. 165).

O raciocínio traçado por Motta-Roth (2010) sugere encontrar relação com as ideias de Vogt (2003) em termos de visada cíclica e de participantes envolvidos na divulgação do discurso da ciência. Ao apresentar o sistema/conjunto de gênero empregado na produção e no desenvolvimento da ciência, Motta-Roth (2009) me permite fazer adaptações à *Espiral da Cultura Científica* de Vogt (2003), conforme mostra a Figura 2.2.

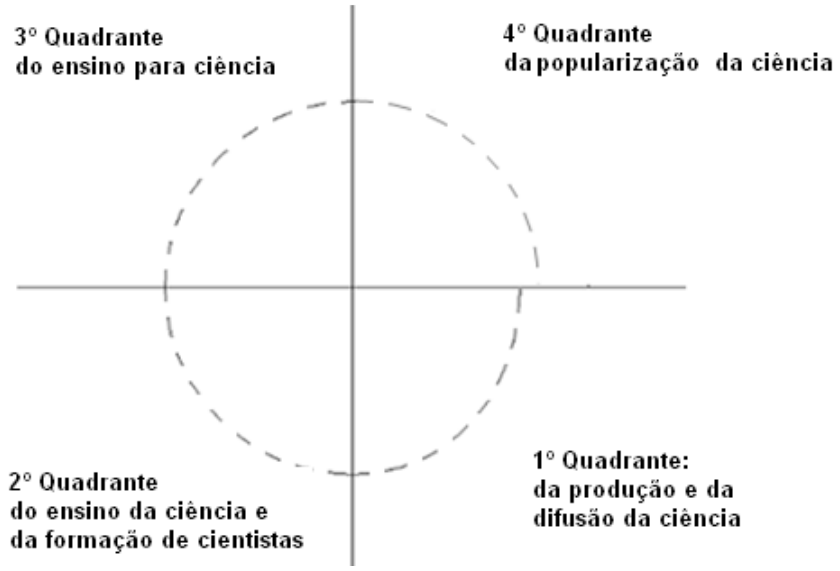


Figura 2.2 - Espiral da Produção, Divulgação e Circulação Científica.

Fonte: Adaptada de Vogt (2003) por Moreira

Para melhor compreender a adaptação dessa Espiral, concebo como referência uma das normas do código de trânsito. Desse modo, quando visualizamos uma linha contínua, tal como em uma pista, ao lado de uma linha pontilhada, entendemos que a ultrapassagem é proibida no lado contínuo e permitida no lado tracejado. Nesses termos, a linha contínua na *Espiral da Produção, Divulgação e Circulação Científica* não possibilita visualizar a recontextualização dos discursos científicos de um quadrante para outro. No nosso entender, a *Espiral da Produção, Divulgação e Circulação Científica* é constituída por uma linha pontilhada para representar a transferência de textos de um contexto para outro.

Desse modo, fica marcada a referência cruzada, imbricada, que se materializa simbolicamente por meio de marcas linguísticas intertextuais, evidenciadas nos textos/gêneros que promovem o desenvolvimento da ciência em cada uma das quatro etapas que forma um ciclo.

Como ilustra a Figura 2.3, além de diferentes gêneros, a PC conta com o apoio de uma grande quantidade de atividades e atores além do cientista, tais como os elaboradores de políticas públicas, jornalistas, técnicos, historiadores e sociólogos da ciência, bem como o público (HILGARTNER, p. 533).

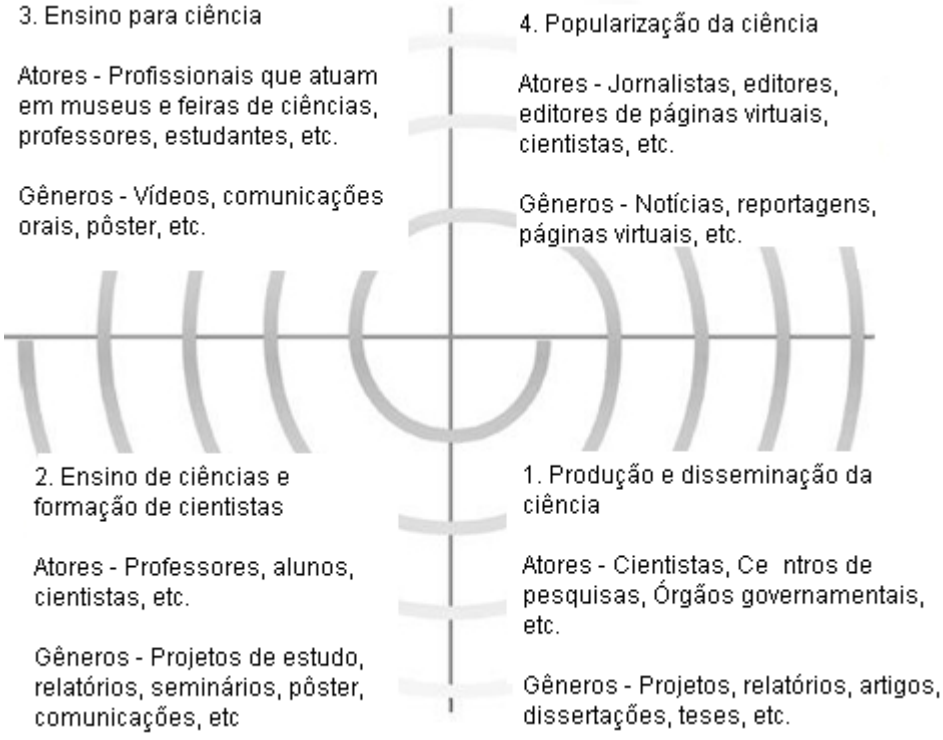


Figura 2.3 - Atores e gêneros que constituem a Espiral da Produção, Divulgação e Circulação Científica.

Fonte: Adaptada de Vogt (2003) por Moreira (2010)

Na primeira etapa da espiral, além dos participantes mencionados por Vogt (2003), estão contemplados, conforme Motta-Roth (2009, p. 134), os eventos discursivos

> projeto de pesquisa e artigo acadêmico [que] são exemplos de gêneros complexos ou gêneros secundários, conforme Bakhtin (1986, p. 62): gêneros mediados essencialmente pelo texto escrito que demandam um saber especializado de seus participantes. O discurso científico dos gêneros acadêmicos é hegemônico, é o centro da atenção e tem poder para construir verdades sobre aspectos da experiência humana como uma autoridade epistêmica e moral na sociedade ocidental (MOTION & DOOLIN, 2007, p. 68)

Na segunda etapa da espiral, da Educação Superior à Educação Básica encontramos, a título de exemplo, os gêneros projetos de ensino, de pesquisa e de trabalho dos docentes e discentes, os relatórios, as apresentações de projetos de aprendizagem. Na terceira etapa da espiral, no ensino para ciência, tomamos como referência os vídeos sobre ciência, as exposições disponíveis em museus e as apresentações de trabalhos em feiras de ciências. Finalmente, na quarta etapa, na

divulgação da ciência, recorremos a notícias, reportagens e notas de PC na mídia jornalística[16] para ilustrar os gêneros que circulam na sociedade, contendo discursos científicos.

O cruzamento dessa complexa multiplicidade de vozes e de textos/gêneros no processo espiralado de PC possibilita a promoção, em diferentes graus de debates, a explicação de novos conceitos e a avaliação do significado de novas pesquisas para a sociedade. Nesse processo, portanto, a PC pode ser vista como um território em que diferentes discursos e práticas sociais problematizam e promovem discussões sobre a ciência (MYERS, 2003, p. 267). Ao mesmo tempo, todos participantes que integram os quatro quadrantes do processo de PC ocupam um mesmo patamar na popularização de conhecimentos científicos, conforme apontara Hilgartner (1990, p. 583).

Considerando o foco deste estudo, na próxima seção, detenho-me no quarto quadrante, mais especificamente, no gênero notícia de PC. Para tanto, tomo como ponto de partida a concepção do gênero discursivo notícia e teço considerações sobre o objetivo, às características desse gênero para chegar à concepção, ao propósito, aos aspectos de produção, ao papel social envolvido e às características linguísticas do gênero notícia de PC.

2.3 Notícia de popularização da ciência: concepção e características

Neste estudo, a notícia de PC é concebida como um texto que recontextualiza e reporta pesquisas científicas, com foco na manchete, na linha fina, na

[16] Segundo Albagli (1996, p. 399), enquanto veículo de PC, a mídia é geralmente associada ao jornalismo científico. Esse, conforme Bueno (2006), diz respeito à divulgação da ciência e tecnologia pelos meios de comunicação de massa de acordo com os critérios e o sistema de produção jornalístico e da produção científica. Para o mesmo pesquisador (2006), a divulgação científica é um processo mais amplo do que o jornalismo científico, é um processo que pode tornar público o conhecimento por meio de gêneros que difundem a ciência, como por exemplo, palestras, peça de teatro, livro didático, etc, mas não se configuram como jornalismo científico. Para esse jornalista, a certeza de que um texto está incluído no chamado jornalismo científico vem a partir da resposta afirmativa de duas perguntas básicas: "É jornalismo? Refere-se ao universo da ciência e tecnologia?". De acordo com Bueno (2006), o jornalismo científico deve estar estritamente comprometido com alguns parâmetros que tipificam o jornalismo, como a periodicidade, a atualidade e a difusão coletiva. O referido pesquisador enfatiza que o adjetivo colocado ao lado do jornalismo não é um mero acessório. O termo científico marca a área de cobertura, o econômico, o ambiental, o agropecuário, a saúde, a informática, etc, e condiciona perfis, discursos, linguagens e até públicos de interesse.

metodologia, nos resultados centrais e no significado desses resultados, para um leitor não especialista (MOREIRA; MOTTA-ROTH, 2008). Além disso, é possível mencionar que em termos de propósito, esse gênero ter por papel social divulgar acontecimentos/fatos singulares, produzidos em diferentes áreas do conhecimento, visando diminuir possíveis lacunas entre a comunidade científica e o público não especialista na área em que a pesquisa popularizada foi desenvolvida.

Para chegar a essa definição e ao papel da notícia de PC, Moreira e Motta-Roth (2008) tomaram por base pesquisas sobre PC realizadas por Nascimento, Scherer e Motta-Roth (2007); Prates, Scherer e Motta-Roth (2008), estudos sobre o gênero notícia desenvolvidos por Bonini (2002; 2003; 2009) e concepções publicadas em instâncias do Jornalismo, ora na prática profissional do jornalismo – manual de estilo da Folha de São Paulo – ora na academia – pesquisas da área do Jornalismo e de campos de investigação como Sócio-retórica e ACD, por exemplo.

As informações selecionadas no Manual de redação da Folha de São Paulo (2010, p. 73) dão mostras de que, no campo do Jornalismo, a notícia é definida como um gênero jornalístico que relata a informação de maneira mais objetiva possível e tem por característica a exatidão como elemento-chave. Em pesquisas do campo jornalístico, a notícia é entendida como:

- a técnica de relatar um fato (LUSTOSA, 1996, p. 17);
- um relato de um evento significativo (LAGE, 2001, p. 33);
- o resultado de processos de interação social entre jornalistas, entre jornalista e sociedade e entre jornalistas e suas fontes de informação (TRAQUINA, 2001, p. 63);
- a unidade básica de informação do jornalismo, que tem por objeto os fatos jornalísticos, os quais, por sua vez, constituem-se como a menor unidade de significação (GENRO FILHO 1997, p 186) e são um recorte, uma escolha no fluxo objetivo da realidade, uma parte que, em certa medida, é separada arbitrariamente do todo (GENRO FILHO, 1997, p 188).

Ao discutir a distinção entre notícia e reportagem no campo da Linguística Aplicada, Bonini (2009, p. 3) critica as definições presentes nos manuais de redação e na literatura jornalística brasileira, em função das concepções existentes carecerem de uma base teórica. Para esse pesquisador, os conceitos divulgados em

manuais ou em estudos da área da comunicação não permitem compreender o que constitui a notícia como um gênero, visto que não fazem referência sobre aspectos centrais para uma definição baseada nessa perspectiva, como: o propósito do gênero, os aspectos de produção, o papel social envolvido, a organização retórica.

Segundo Bonini (2002, p. 149), com base nos estudos de van Dijk (1987; 1990; 1991; 1992; 1997), Adam (1987, 1992, 1997), Swales (1990; 1992) e em entrevistas realizadas com jornalistas de grande experiência em jornal, a notícia tem como propósito 1) comunicar os acontecimentos de uma sociedade e 2) transmitir informações como produto. Em termos de produção, esse gênero é associado a um sistema de comunicação social, cujos primeiros usuários, os jornalistas, têm por função formatar uma comunicação com fins comerciais e os segundos usuários, os receptores/leitores, têm por finalidade receber a transmissão de informações, de produtos comunicados, relacionados com os acontecimentos de uma sociedade (BONINI, 2002, p. 159).

O propósito comunicativo e os papéis desempenhados pelos jornalistas e os leitores no processo de produção de notícias faz menção, respectivamente, ao papel ativo e o papel passivo dos participantes no processo tradicional de PC.

Em termos de representação, conforme Bonini (2002, p. 159), esse gênero é regido pelo princípio da pirâmide invertida, tanto em termos de produção quanto de sedução do leitor, e se configura em três partes, dispostas em ordem decrescente de importância quanto ao valor atrativo da informação, quais sejam, manchete (título ou chamada da notícia), lide (resumo dos principais fatos) e corpo. A tese da pirâmide invertida, segundo Genro Filho (1996, p. 13) quer ilustrar que a notícia caminha, enquanto estrutura, do ‘mais importante’ para o ‘menos importante’.

De acordo com Genro Filho (1996), a representação da pirâmide invertida não encapsula, entretanto, a perspectiva de jornalismo como forma de conhecimento calcada no singular, no resumo dos principais fatos, como é próprio do jornalismo. Pensar na pirâmide “revertida, quer dizer, recolocada com os pés na terra” permite relacioná-la com o raciocínio referente à essência do jornalismo em que “a notícia caminha não do mais importante para o menos importante (ou vice-versa)”, mas parte dos fatos singulares, passa pelos fatos particulares, até chegar aos fatos universais de um acontecimento (GENRO FILHO, 1996, p. 13). Pensar a notícia como uma pirâmide que parte do cume para a base, ou seja, ter uma pirâmide com o ângulo fechado em cima, significa que esse ponto é o de máxima singularidade

(lide). No lide, estão contidos os aspectos que são mais próximos de um fenômeno singular, diferente de todos os outros. À medida que a notícia vai se desenvolvendo, o texto situa o fato em um determinado terreno particular, como as condições em que o fato aconteceu até chegar a uma base particular. O universal, por sua vez, são os princípios e os pressupostos mais gerais, subjacentes à apreensão que foi feita.

As análises, realizadas por Nascimento, Scherer e Motta-Roth (2007); Prates, Scherer e Motta-Roth (2008) na Linguística Aplicada, relativas à configuração textual do gênero notícia de PC em revistas publicadas em dois sites eletrônicos em inglês (*BBC News* e *Scientific American*), tomaram como referência a noção de organização retórica da Sócio-retórica (SWALES, 1990; MOTTA-ROTH, 1995) e o modelo de organização retórica proposta por Nwogu (1991).

A organização retórica pode ser definida, com base nos estudos de Swales (1990; 2004) e Motta-Roth (1995), como a disposição de informações em blocos discursivos constituídos por estratégias ou movimentos e passos retóricos empregados pelo autor para atingir um objetivo ou função retórica específica em um texto/gênero. Conforme definição apresentada no Capítulo 1, a partir dos estudos de Swales (1990), os movimentos e passos textuais são seguimentos discursivos que desempenham funções específicas nos textos/gêneros. Em uma organização retórica, cada movimento representa um estágio no desenvolvimento da estrutura total da informação e possibilita descortinar o propósito comunicativo de um gênero. A identificação da função de cada movimento retórico se processa por meio da observação e interpretação das escolhas léxico-gramaticais que um autor realiza para elaborar as orações que integram um texto/gênero.

A descrição esquemática proposta por Nwogu (1991) é composta por nove movimentos retóricos, cujas funções consistem em:

Movimento 1 - Apresentar informação prévia;

Movimento 2 - Destacar os principais resultados da pesquisa;

Movimento 3 - Revisar pesquisas relacionadas ao assunto;

Movimento 4 - Apresentar a pesquisa;

Movimento 5 - Indicar observações consistentes;

Movimento 6 - Descrever procedimentos da coleta de dados;

Movimento 7 - Descrever procedimentos experimentais;

Movimento 8 - Explicar resultados da pesquisa;

Movimento 9 - Apontar conclusões da pesquisa.

Os resultados obtidos nos estudos realizados em 2007 e 2008 apontaram para possíveis adaptações quanto ao modelo de Nwogu (1991), no que se refere à identificação de uma variedade de posições enunciativas (do pesquisador colega ao público em geral) e as marcas de intertextualidade referentes ao artigo científico original. As análises mostraram, também, que o modelo elaborado por Nwogu para textos publicados na década de 80, em duas revistas, *The NewScientific* e *Newsweek,* e um jornal, *The Times,* necessitava de adaptações para incluir novos passos e dar conta de textos publicados na internet, na década de 2000 (MOREIRA; MOTTA-ROTH, 2008, p. 4). Nesse sentido, em um primeiro momento, algumas adaptações foram propostas por Nascimento, Scherer e Motta-Roth (2007). Posteriormente, Prates, Scherer e Motta-Roth (2008) propõem novas adaptações. Por fim, Motta-Roth (2009) elabora uma representação esquemática da organização retórica de notícias de PC.

O Quadro 2.1 retoma a organização retórica composta por movimentos e passos de textos de PC em inglês, originalmente propostos por Nwogu (1991, p. 115-116) em negrito e mostra as atualizações propostas por Nascimento, Scherer e Motta-Roth (2007) e Prates, Scherer e Motta-Roth (2008), sublinhadas.

Move 1: Presenting Background Information (a) reference to established knowledge in the field. (b) by reference to main research problem. (c) by stressing the local angle. (d) by explaining principles and concepts.
Move 2: Highlighting Overall Research Outcome
Move 3: Reviewing Related Research (a) by reference to previous research (b) by reference to limitations of previous research.
Move 4: Presenting New Research (a) by reference to authors. (e) (b) by reference to research purpose. (ou) (c) by reference to RAP
Move 5: Indicating Specific Observation (a) by stating specific results generated in the process of analysis. (b) by reference to specific observations of data.
Move 6: Describing Data Collection (a) by reference to authors. (b) by reference to source of data. (c) by reference to data size.
Move 7: Describing Experimental Procedure
Move 8: Explaining Research Outcome (a) by stating a specific outcome. (b) by explaining principles and concepts. (c) by indicating comments and views. (1) journalist (2) researcher (3) colleague (4) technician (5) government (6) public (d) by indicating significance of main research outcomes. (e) by contrasting present and previous outcomes. (1) knowledge (2) methodology (3) results
Move 9: Stating Research Conclusions (a) by indicating implications of the research. (b) by promoting further research. (c)(by stressing local angle. (d) by reference to limitations of the new research.

Quadro 2.1 – Representação esquemática da organização retórica de notícias de PC.

Fonte: (NASCIMENTO et al., 2007; PRATES et al., 2008), com base em Nwogu (1991, p. 115)

Ao perceberem que a representação esquemática proposta por Nwogu (1991) não se adequava à representação esquemática presente em 60 textos de PC, publicados entre 2004 e 2007, nas revistas *BBC News International, Scientific American, Science, Nature e ABC Science,* Motta-Roth (2010, p. 167) e seus orientandos fizeram novas adaptações (MOTTA-ROTH; LOVATO, 2009; LOVATO, 2010) a partir da análise de notícias de PC em português e em inglês. Paralelamente, realizaram também pesquisas específicas que investigaram diferentes aspectos da notícia de PC, tais como, vozes enunciativas (SILVA, 2010; MARCUZZO, 2011), intertextualidade (SCHERER, 2010), aposto e glosa (PRATES et al, 2008; GEHARDT, 2010), metáfora (SANTOS, 2009) e modalização (NASCIMENTO, 2011).

2.3.1 Organização retórica

Na elaboração da nova representação esquemática da organização retórica do gênero notícia de PC, Motta-Roth (2009) identificou seis movimentos, 17 passos retóricos e dois elementos recursivos (A e B), conforme Quadro 2.2.

Resumidamente, o Movimento 1 visa apresentar detalhes relativos à manchete e inclui uma síntese dos resultados no lide; o Movimento 2 tem por objetivo apresentar a pesquisa; o Movimento 3 tem como função trazer um detalhamento do lide, a referência ao conhecimento prévio; o Movimento 4 procura fazer o detalhamento dos dados e dos procedimentos metodológicos adotados; o Movimento 5 visa explicar os resultados da pesquisa; e o Movimento 6, reportar as conclusões da pesquisa.

MOVIMENTOS E PASSOS	ELEMENTOS RECURSIVOS
Manchete	A – Alternância de vozes – (para comentários e opiniões mais positivas ou negativas) que podem incluir, além da voz do próprio jornalista que subjaz a toda notícia de PC, a voz de/do um/a: 1. Cientista/pesquisador (ou metaforicamente do estudo); 2. Colega/técnico/Instituição; 3. Governo 4. Público - 5. Jornalista B – Explicação de princípios e conceitos (por meio de recursos de re-escritura como aposto, glosa e metáfora)
MOVE 1 – LIDE/Conclusões da pesquisa popularizada (previsão)	
MOVE 2 – Apresentação da pesquisa por: a) Identificação dos pesquisadores (ou) b) Exposição das conclusões (e) c) Referência ao objetivo (ou) d) Alusão ao artigo científico publicado (ou à tese/dissertação)	
MOVE 3 – Referência ao conhecimento prévio (contextualização) por: a) Referência ao conhecimentos estabelecidos na área b) Ênfase na perspectiva social c) Alusão a pesquisas prévias d) Indicação de limitações no conhecimento estabelecido	
MOVE 4 – Descrição da metodologia por: a) Identificação de procedimento experimental b) Referência à natureza dados (fonte, amplitude, data, local, categoria)	
MOVE 5 - Explicação dos resultados da pesquisa por: a) Exposição dos achados/trabalho realizado (específico) b) Explicação dos significados dos resultados (geral) c) Comparação com pesquisas anteriores quanto a/à (1) conhecimento estabelecido (2) metodologia utilizada (3) resultados obtidos	
MOVE 6 - Indicações de conclusões da pesquisa popularizada por: a) Menção a suas implicações b) Sugestão de futuras pesquisas c) Ênfase na perspectiva local d) Indicação das limitações da pesquisa	

Quadro 2.2 – Representação esquemática da organização retórica de notícias de PC (MOTTA-ROTH, 2009)

Perpassando todo o texto, há elementos recursivos, ou seja, comentários que expressam pontos de vista que avaliam a pesquisa (Elemento A), e explicações de princípios ou conceitos (Elemento B), quando o jornalista julga necessário explicar termos e/ou ideias para facilitar a leitura do conteúdo científico da notícia (MOTTA-ROTH, LOVATO, 2009, p. 259).

Na construção dessa representação, pesquisadoras experientes e pesquisadores em formação, membros do LABLER, realizaram estudos sistemáticos, no período compreendido entre 2008 a 2009, e desenvolveram procedimentos próprios de uma análise cruzada. Conforme Motta-Roth (2009, 169), a análise cruzada é em uma ação metodológica que consiste em solicitar que especialistas da área em estudo realizem testes com determinado *corpus*, para

identificar consenso e divergências sobre os resultados levantados pelo pesquisador responsável por uma pesquisa.

Durante as seções de análise cruzada, os analistas mais experientes e os analistas em formação realizaram os seguintes procedimentos: 1. identificação individual dos movimentos e passos retóricos presentes em notícias de PC; 2. mapeamento individual dos elementos linguísticos que constituem os movimentos e passos retóricos identificados nas notícias de PC; 3. compartilhamento, entre os especialistas envolvidos na análise cruzada, do conteúdo e dos movimentos/passos retóricos identificados na análise individual; 4. cruzamento de dados, a partir da identificação de consensos e divergências sobre os movimentos/passos e respectivos conteúdos retóricos, envolvendo a comparação de conclusões obtidas nas análises individuais e 5. interpretação dos resultados apurados e sistematização da organização retórica do gênero notícia de PC.

Para ilustrar a dinâmica vivenciada na análise cruzada, procuro descrever a identificação e mapeamento do **Movimento 2 – Apresentação da pesquisa**, por exemplo. Ao realizar a análise individual, os analistas procuravam detectar em que medida os textos apresentavam expoentes linguísticos, como nomes próprios, que permitissem identificar os pesquisadores ou as instituições de pesquisa, ou processos no infinitivo, que possibilitassem identificar o objetivo das pesquisas. Ao vivenciarem o compartilhamento dos resultados da análise, caso dois analistas apresentassem conclusões divergentes, esses destacavam as marcas linguísticas adotadas nas interpretações individuais. Depois de ouvirem as partes divergentes, os analistas procuravam chegar a um consenso quanto ao aspecto que gerou mais divergências.

Na constituição da organização retórica de notícias de PC, a inserção de vozes, posições enunciativas e intertextualidade foram alvo de questionamentos, discussões e estudos no LABLER uma vez que eram aspectos recorrentes identificados nas notícias de PC. Os resultados obtidos são tratados na próxima subseção.

2.3.2 Vozes, posições enunciativas e intertextualidade

No LABLER, enquanto alguns estudos mostravam resultados sobre os movimentos e passos constitutivos da organização retórica da notícia de PC, outros, faziam avançar descobertas sobre o Elemento recursivo A, que aponta estudos sobre vozes, posições enunciativas (MARCUZZO E MOTTA-ROTH, 2008; MARCUZZO, 2009; SILVA, 2011; MARCUZZO, 2011) e intertextualidade (MOTTA-ROTH, 2010; SCHERER, 2010).

Nos primeiros estudos, vozes ou fontes são concebidos, de modo semelhante à polifonia proposta por Bakhtin (2000), como pontos de vista que emanam de diferentes identidades ou instituições sociais, que polemizam entre si, se complementam ou respondem umas às outras nos textos do *corpus* (MOTTA-ROTH; MARCUZZO, 2010, p. 517). Já, posições enunciativas são lugares que um conjunto de vozes/fontes ocupa nos discursos correntes na sociedade (MARCUZZO, 2011, p. 42). Silva (2010, p. 3-4) menciona, ainda, que o

> lugar de onde o autor fala [é] definido pela sua visão de mundo, seus sentidos e valores. As enunciações são orientadas por um horizonte sócio-conceitual definido e estabelecido, que permite fazer determinada leitura do mundo e assim direcionar o que pode ser dito e como pode ser dito (Martins et al. (2007) a partir de Bakhtin (1986).

Exemplos de posições enunciativas recorrentemente encontradas na notícia de PC em ZH são: o cientista que produziu a pesquisa e a explica, os colegas cientistas, que comentam aspectos da pesquisa, e técnicos, que comentam aspectos relacionados à pesquisa e apresentam dicas aos leitores, o público não especialista, que consome os produtos de pesquisa, e o jornalista, que midiatiza questões de ciência para esse público.

Por fim, intertextualidade é a capacidade que um texto tem de evocar outros textos existentes na cultura (MOTTA-ROTH, 2008, p. 354). Essa capacidade é identificada como uma das diferentes estratégias empregadas na esfera midiática na produção e na divulgação de versões não especializadas do conhecimento científico.

A partir da perspectiva crítica de gênero, que localiza o texto em seu contexto social, Marcuzzo e Motta-Roth (2008), Marcuzzo (2009), Motta-Roth (2010), Scherer

(2011), Silva (2011) e Marcuzzo (2011) se detiveram na análise de notícias de PC em Língua Inglesa (60 textos), oriundas da *BBC News International, ABC Science*, *Scientifc American* e *Nature,* a fim de investigar a alternância de vozes na ciência, e oferecer uma reflexão sobre a prática de PC de modo a contribuir para o entendimento do processo social-discursivo.

Entre os resultados obtidos, Marcuzzo e Motta-Roth (2008), constataram que, em notícias de PC publicadas no site da *BBC* entre 2004 e 2008, a polifonia está presente nas notícias de PC, situando-se principalmente nos dois últimos movimentos, para explicar os resultados (Movimento 8) e declarar conclusões da pesquisa (Movimento 9), conforme modelo de Nwogu (1990).

Além disso, na metade final dos textos, as pesquisadoras também identificaram uma pluralidade de vozes, tais como, a voz do jornalista, do pesquisador, do pesquisador colega, de técnicos, do governo e do público, conforme Beacco et al apontavam (2002, p. 283) em estudos prévios. A voz do pesquisador é indicada por lexemas explícitos como *the researcher(s), the co-author(s), the study's author(s),* ou com expoentes linguísticos sugerindo credenciais que demarcam o papel social do enunciador, tais como *Dr, Professor, scientist, scientific co-ordinator, senior lecturer/researcher e head of research,* muitas vezes acompanhados pela menção à instituição (universidade ou centro de pesquisa) na qual o pesquisador trabalha, o que contribui para que o texto invoque a autoridade científica de quem fala.

Motta-Roth et al (2008), entretanto, retomaram o *corpus* analisado e confirmaram que "a estratégia de polifonia" está presente, mas destacaram que ela aparece repetidas vezes ao longo de todo o texto, sem seguir uma ordem rígida. Segundo os analistas, o modo como as vozes aparecem nas notícias de PC permitem que elas sejam configuradas como um "movimento iterativo" (HALLIDAY; HASAN, 1989, p. 56) na representação esquemática da organização retórica do gênero notícia de PC.

As diferentes vozes foram identificadas por meio de elementos léxico-gramaticais que indicavam o discurso direto (com processo verbal em parataxe) ou discurso indireto (com processo verbal ou mental em hipotaxe, em uma oração projetada) (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 444-452), conforme mostra o exemplo que segue:

Pelo nexo de projeção hipotática (relato de locuções ou pensamentos por Discurso Indireto)	Pelo nexo de projeção paratática (citação por Discurso Direto)
“Dr Michael Hastings […] said the study results were "spectacular".	“And Dr Mark Avery […] said: "This research tells us nothing about the impacts GM will have on wildlife”.

Quadro 2.3 – Exemplos de vozes.

Fonte: (MARCUZZO; MOTTA-ROTH, 2008, p. 7- 8)

De acordo com Marcuzzo e Motta-Roth (2008, p. 7- 8), nos textos em inglês, o discurso direto é sinalizado por meio de construção paratática, com aspas duplas e dois pontos, para indicar que as palavras citadas foram retiradas *ipsis litteris* do discurso de outra pessoa que não o narrador. Por essa razão, a citação paratática projetada não precisa estar ajustada à oração projetante em termos de referência, registro, etc. (THOMPSON, 2004, p. 210).

A oração projetante tem um nexo de projeção paratática (citação por discurso direto), cujo núcleo é um processo verbal no passado (said), e a oração projetada representa a locução, o que é dito (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 445), sendo que seu verbo principal está no presente simples (tells us).

No discurso indireto, não há reprodução fiel das palavras originais, mas sim a projeção do sentido da locução apresentada no texto-fonte na forma de uma paráfrase (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 255; THOMPSON, idem, ibidem). Os verbos de relato usados nesse caso são freqüentemente os mesmos usados no discurso direto (HALLIDAY, idem, ibidem).

Scherer (2010), ao investigar como a intertextualidade é constituída nas notícias de PC, como marca de recontextualização do discurso da ciência na mídia, percebeu que grande parte da extensão textual das notícias de PC é constituída por traços de intertextualidade explícita, confirmando, portanto, estudos prévios. Assim, as notícias de PC se configuram a partir de uma variedade de outros textos que se materializam por meio da citação ou do relato indireto ao longo de todo o texto, de modo a proporcionar a compreensão de explicações de princípios e conceitos, a avaliação de estudos e o debate sobre fatos divulgados ao público não especialista no assunto (SCHERER, 2010, p. 31).

Conforme Marcuzzo (2009, p. 97), como base nas pesquisas de Halliday (1994); Halliday e Matthiessen (2004) e Van Leeuwen, (1996; 2008), as vozes presentes nas notícias se configuram recorrentemente pelo uso do processo verbal *say* associado à citação nas notícias analisadas e, em menor proporção, pelo emprego de processos mentais, verbais e relacionais associados à citação.

De acordo com Silva (2011, p. 1), os processos verbais, tal como *say,* estão mais concentrados nas porções finais, quando as posições enunciativas são chamadas a explicar os resultados da pesquisa e apontar a relevância destes para a sociedade. Os processos mentais, em oposição ao *say*, indicam maior ocorrência nas porções iniciais do texto, na apresentação do estudo.

Marcuzzo (2009, p. 97) destaca, ainda, que a posição enunciativa do pesquisador responsável pelo estudo é geralmente mencionada pela função (professor, pesquisador, etc.) e pelo nome (prenome e sobrenome com ou sem honoríficos). Em decorrência disso, a posição enunciativa é referida como funcionalização e nomeação. O pesquisador responsável pelo estudo também é mencionado por meio de uma coletivização, uma generalização ou de uma metonímia à atividade por ele realizada, ao periódico em que seu estudo é publicado ou então ao próprio artigo publicado. A recorrente menção à funcionalização e nomeação do pesquisador responsável pelo estudo é explicada por Marcuzzo (2009, p. 97) como um recurso de autoridade utilizado pelo jornalista para conferir credibilidade à pesquisa que está sendo reportada.

O pesquisador colega/técnico/instituição geralmente é referido pela sua função, pelo seu nome ou, então, pela sua função e seu nome, por meio de coletivização, metonímia a uma publicação de sua autoria e metonímia à instituição onde trabalha. A voz do governo é apresentada por meio de objetivação, que faz referência a uma instituição; funcionalização que, por sua vez, faz referência à função de porta-voz; ou por meio de funcionalização e nomeação, que fazem referência a uma pessoa que desempenha um papel de destaque na instituição onde trabalha. O público não foi nomeado no corpus, mas foi apresentado por meio de uma agregação, quantificando grupos de participantes (MARCUZZO, 2009, p. 94-96).

Para Motta-Roth (2010, p. 168) o uso de diferentes vozes nas notícias de PC caracteriza os princípios de dialogismo e intertextualidade e demonstra o modo como jornalistas recontextualizam a ciência por meio de estratégias discursivas de

pedagogização e de midiatização. O uso desses princípios no processo de recontextualização dá visibilidade a um fluxo (ora contínuo, ora com estreitamentos) entre gêneros que integram um mesmo sistema de criação, recriação e manutenção da ciência (MOTTA-ROTH, 2010, p. 154-155), conforme já mencionei no início deste Capítulo.

De acordo com Motta-Roth (2010, p. 168), o princípio dialógico e a capacidade intertextual também se processam nas notícias de PC, na mídia virtual, por meio de marcas linguísticas que indicam posições enunciativas de opinião, de apoio ou de discordância sobre novas pesquisas reportadas nas notícias. Tal como foi evidenciado em estudos anteriores, entre as vozes mais presentes, a pesquisadora cita as vozes do cientista e do colega. Com muito menos ênfase, aparece a voz de instituições governamentais e, com uma voz quase inaudível, a do público. Em função da quase inexistência da voz do público na mídia, Motta-Roth (2010, p.169) menciona que a visão otimista sobre a atual existência de um processo de democratização da ciência pela mídia é infundada e que ainda precisamos de mais compreensão sobre ciência.

Na recontextualização do discurso científico, as vozes do autor da pesquisa e dos colegas cientistas são identificadas quase que exclusivamente, enquanto as vozes do governo e do público em geral são posições enunciativas com algumas inserções nas notícias de PC (MOTTA-ROTH, 2011, p. 9). Marcuzzo (2011) ao realizar a análise de contexto desse mesmo *corpus*, justifica que essas vozes não são recorrentes nesse gênero em função da concepção tradicional de PC adotada na mídia.

Os resultados alcançados no LABLER sobre vozes, posições enunciativas e intertextualidade permitem desvelar como se processa a recontextualização do discurso da ciência e iluminar procedimentos a serem desenvolvidos na análise do jornal ZH. Nesse jornal, a preocupação está na identificação das vozes recorrentes e das não recorrentes, assim como a forma e função da intertextualidade.

Por meio da análise de recursos léxico-gramaticais, sem a preocupação de fazer uma leitura rigorosa e exaustiva do sistema da transitividade, procuro investigar a constituição e a divulgação dos conhecimentos científicos de Informática no ZH, a partir do estudo do contexto e do texto. A metodologia usada para a análise dos dados, com descrição do universo de análise, a seleção do corpus e os passos da análise linguística, está descrita na próxima seção.

CAPÍTULO 3 – IMPLEMENTAÇÃO DA PESQUISA

Neste capítulo, descrevo os recursos utilizados e os caminhos percorridos neste estudo, a fim de estabelecer como é constituído e divulgado o discurso de PC em notícias da área de Informática em ZH. Para tanto, dividi o capítulo em quatro seções. Na primeira seção, situo os critérios de seleção do *corpus* de pesquisa. Na terceira, defino o *corpus* e, por fim, na quarta seção, descrevo os procedimentos de análise contextual e textual desenvolvidos.

3.1 Critérios de seleção do corpus de pesquisa

Os critérios adotados na seleção do *corpus* foram: a mídia jornalística e o conteúdo. Com relação à mídia, procurei analisar um jornal de circulação regional. Quanto ao conteúdo, selecionei os textos que reportavam pesquisas relacionadas ao tema de informática, em função das atividades profissionais que desempenhava.

3.2 *Corpus*

O *corpus* de estudo envolveu 27 notícias de PC da área de Informática, divulgadas no jornal ZH, em 2009[17]. No Quadro 3.1, relaciono os textos selecionados:

[17] Ver Anexo 1

JORNAL ZERO HORA
D#1. Loucos por internet. **Zero Hora**, Porto Alegre, 14 jan. 2009. ZH Digital, Comportamento, p. 5.
C#2. Crianças preferem a internet. **Zero Hora**, Porto Alegre, 24 jan. 2009. ZH Classificados, Informática, p. 1.
G#3. MARKOFF, J. Uma arma contra fraudes digitais. **Zero Hora**, Porto Alegre, 2, fev. 2009. Globaltech: ciência, tecnologia e inovação, p. 1.
G#4. CHANG, K. Não é fantasia, é quântica. **Zero Hora**, Porto Alegre, 9 fev. 2009. Globaltech: ciência, tecnologia e inovação, p. 1.
G#5. Um robô que aprende. **Zero Hora**, Porto Alegre, 9 fev. 2009. Globaltech: ciência, tecnologia e inovação, p. 3.
C#6. Blogs chegam à maturidade. **Zero Hora**, Porto Alegre, 22 fev. 2009. ZH Classificados, Informática, p. 2.
D#7. Viveiro de bactérias. **Zero Hora**, Porto Alegre, 25 fev. 2009. ZH Digital, p.1.
D#8. Todo mundo na rede. Zero Hora, Porto Alegre, 11 mar. 2009. ZH Digital, p.1.
C#9. Spams custam US$ 182,5 mil. **Zero Hora**, Porto Alegre, 22 mar. 2009. ZH Classificados, Informática, p. 1.
C#10. Banda larga domina internet doméstica. **Zero Hora**, Porto Alegre, 29 mar. 2009. ZH Classificados, Informática, p. 1.
C#11. Piratas vão às compras. **Zero Hora**, Porto Alegre, 26 abr. 2009. ZH Classificados, Informática, p. 1.
C#12. Unanimidade nacional. **Zero Hora**, Porto Alegre, 03 mai. 2009. ZH Classificados, Informática, p. 1.
C#13. Cuidado com o que buscas. **Zero Hora**, Porto Alegre, 07 jun. 2009. ZH Classificados, Informática, p. 1.
C#14. Cada vez mais ligado na internet. **Zero Hora**, Porto Alegre, 07 jun. 2009. ZH Classificados, Produtos e serviços, p. 1.
C#15. Porteira aberta. **Zero Hora**, Porto Alegre, 14 jun. 2009. ZH Classificados, Informática, p. 1.
G#16. No encalço dos crackers. **Zero Hora**, Porto Alegre, 03 ago. 2009. Globaltech: ciência, tecnologia e inovação, p. 3.
D#17. O Orkut em números. **Zero Hora**, Porto Alegre, 05 agos. 2009. ZH Digital, p.1.
D#18. Cuidado com o computador. **Zero Hora**, Porto Alegre, 05 agos. 2009. ZH Digital, p. 4.
D#19. Mensagem com data de vencimento. **Zero Hora**, Porto Alegre, 12 ago. 2009. ZH Digital, p. 4.
G#20. Realidade aumentada no supermercado. **Zero Hora**, Porto Alegre, 17 ago. 2009. Globaltech: ciência, tecnologia e inovação, p. 3.
G#21. Usuários do Google são mais fiéis. **Zero Hora**, Porto Alegre, 19 ago. 2009. ZH Digital, p.3..
G#22. A parte do CD no efeito estufa. **Zero Hora**, Porto Alegre, 31 ago. 2009. Globaltech: ciência, tecnologia e inovação, p. 1.
D#23. Cinema na tela do micro. **Zero Hora,** Porto Alegre, 02 set. 2009. ZH Digital, p. 1.
G#24.Um sopro de vida digital. **Zero Hora**, Porto Alegre, 05 out. 2009. Globaltech: ciência, tecnologia e inovação, p. 1.
D#25. 123456. **Zero Hora**, Porto Alegre, 14 out. 2009. ZH Digital, p. 1.
G#26. Hora de acelerar. **Zero Hora**, Porto Alegre, 30 nov. 2009. Globaltech: ciência, tecnologia e inovação, p. 1.
G#27. O motorista sumiu. **Zero Hora**, Porto Alegre, 14 dez. 2009. Globaltech: ciência, tecnologia e inovação, p. 1.

Quadro 3.1 – Textos de PC de Informática publicados no jornal ZH em 2009 e selecionados para o estudo.

As notícias de PC selecionadas foram publicadas na página *ZH Classificados - Informática,* em circulação nos domingos, no *Caderno Globaltech: ciência, tecnologia e inovação*, que circulava nas segundas-feiras e nos *Cadernos ZH Digital,*

em circulação nas quartas-feiras. Dos 27 textos selecionados, 19 foram encontrados na primeira página de cada caderno ou páginas. Portanto, a maior parte das notícias analisadas ocupa um lugar de destaque no jornal ZH. Todas essas notícias constam no Apêndice 1 deste estudo.

3.3 Procedimentos de análise

Neste estudo, adoto procedimentos de análise textual e contextual oriundos da ACG (MOTTA-ROTH, 2006; 2007). Na análise textual, realizei, em um primeiro momento, uma análise-piloto, composta por 10 notícias de PC, a fim de que os procedimentos e resultados levantados orientassem a análise das demais 17 notícias do *corpus,* em um segundo momento. Os procedimentos adotados nas análises serão descritos na próxima parte dessa seção.

3.3.1 Procedimentos de análise contextual

Na análise do contexto, inicialmente, realizei a coleta e a análise de dados documentais sobre o contexto de produção e circulação divulgados no site do jornal ZH. Em um segundo momento, seguindo a orientação apresentada pela banca no exame de qualificação desta tese, efetuei uma pesquisa bibliográfica, a partir de publicações de trabalhos acadêmicos impressos e/ou disponíveis em páginas virtuais, para ampliar as informações sobre o contexto de produção e circulação divulgados no site do jornal ZH. Por fim, considerando os resultados obtidos nos dados documentais, elaborei e realizei entrevista envolvendo um dos produtores de notícias do jornal ZH.

Na coleta de dados do contexto, encontrei dificuldades na realização de entrevistas. Para tentar realizar entrevista com jornalistas de ZH, fiz contato telefônico com uma das secretárias da empresa, na expectativa de saber como poderia entrar em contato com profissionais do referido jornal e qual a melhor forma e horário de comunicação com esse profissional. Na conversa, identifiquei-me como

assinante do jornal e estudante do curso de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria. Posteriormente, mencionei os meus objetivos de pesquisa. De imediato a secretária transferiu a ligação para os responsáveis pela produção dos cadernos e páginas publicadas na seção de economia do jornal.

Na sequência, falei com um jornalista que, ao compreender o objetivo do meu contato, transferiu a ligação para o jornalista produtor de notícias da seção de economia de ZH que aceitou participar da pesquisa. Para preservar a identidade do jornalista colaborador deste estudo, passo a nomeá-lo por J. Ressalto que, para ampliar o poder de generalização das conclusões obtidas este estudo, seria desejável entrevistar, além de J, diferentes profissionais do jornalismo que atuam na linha editorial de popularização da ciência, no jornal ZH.

Ao conversar com J, novamente, fiz minha apresentação e mencionei os objetivos da pesquisa e do contato. Depois disso, tentei fazer a entrevista por telefone, acionando o sistema viva voz, para proceder à gravação da conversa. Após três tentativas frustradas, perguntei para J em que medida poderia enviar nove perguntas e, a partir delas realizarmos trocas interativas por e-mail. Diante da resposta afirmativa de J, enviei as perguntas elaboradas a partir do instrumento de coleta de dados construído por Motta-Roth (2008, p. 21-22) e submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria (nº301962/2007-3).

O primeiro e-mail foi enviado ao jornalista no dia 30 de maio de 2012 e está disponibilizado no Quadro 3.2.

Prezado J.,

Muito obrigada pela paciência no atendimento das chamadas telefônicas nessa tarde e pela disposição em responder, por e-mail, algumas perguntas que são de extrema importância para a conclusão do meu estudo de tese!

Aqui estão as perguntas:

Desde 2008, venho me dedicando à análise de notícias de popularização da ciência da área de informática. Na seção de economia do jornal ZH, mais especificamente nos cadernos *ZH Digital*, *ZH Classificados – Informática* e *Globaltech: ciência, tecnologia e inovação*, eu encontrei notícias que reportavam estudos científicos dessa área do conhecimento. Preciso saber, entretanto:

1) A partir de que ano o jornal ZH publica matérias/notícias de PC da referida área de conhecimento?

Há um bom tempo, observo que o caderno *Globaltech: ciência, tecnologia e inovação* não vem sendo publicado. Nesse sentido, questiono:

2) Por que o jornal ZH publicava notícias sobre informática em três distintos cadernos e hoje publica em dois?
3) Qual é/era o objetivo do jornal previsto para cada uma desses três cadernos- *ZH Digital*, *ZH Classificados – Informática* e *Globaltech, ciência, tecnologia e inovação*?
4) Qual é/era o possível público-leitor desses dois cadernos e das páginas classificados?
5) Como o jornal decide que estudo vai cobrir nas notícias desses cadernos?

Análises realizadas indicam que esses três cadernos apresentam uma organização textual diferenciada. No *ZH Digital*, de modo recorrente, as notícias apresentam os resultados das pesquisas, mencionam alguns procedimentos metodológicos e apresentam dicas ao leitor. No *ZH Classificados – Informática*, as notícias apresentam dados levantados em pesquisas e explicação dos dados. Chama a atenção que, em geral, as pesquisas divulgadas nesse caderno são realizadas por instituições de pesquisas privadas. Em *Globaltech: ciência, tecnologia e inovação*, recorrentemente, as notícias apresentam conclusões de pesquisas que reportam temáticas inovadoras, informações/ conhecimentos sobre o tema científico que está sendo popularizado, procedimentos metodológicos adotados nos estudos científicos reportados, explicação dos resultados obtidos nos estudos e limitações relativas às pesquisas.

6) Em que medida essa constatação pode ser confirmada?
7) Em caso afirmativo, por que essas diferenças na forma de elaborar as notícias?

Na nossa pesquisa, constatamos também que as notícias de PC da área de informática publicadas no jornal ZH tendem a apresentar, de modo frequente, o ponto de vista de profissionais que atuam em instituições ligadas às empresas privadas ou de pesquisadores de instituições de ensino superior.

8) Sabes me dizer quais são os critérios adotados pelo jornal ZH para selecionar e contatar as fontes?

Por fim, nossa análise tem mostrado ainda que, nas notícias de popularização da ciência da área de informática, a opinião do público é menos recorrente, aparecendo em apenas uma notícia, enquanto que a voz do governo não aparece.

9) Sabes me dizer por que isso acontece?

Para finalizar, repito que fico realmente grata pela tua colaboração e acredito ser importante mencionar que vou preservar a tua identidade no meu trabalho, ok?

Atenciosamente,

Tânia Maria Moreira

Quadro 3.2 –Questionário enviado ao jornalista do jornal ZH.

Fonte: Autora

Passados alguns dias, enviei outra mensagem eletrônica ao jornalista. Nesse *e-mail,* informei que não havia recebido resposta das perguntas, conforme combinado, e mencionei que minha caixa de correspondência andava abarrotada de mensagens. Em seguida, perguntei se ele poderia enviar novamente as respostas,

caso tivesse respondido. Ele me respondeu essa mensagem, dizendo que enviaria as respostas[18] naquela noite. Depois de receber as respostas, passei a analisá-las.

Na coleta de dados documentais e na coleta envolvendo o participante do contexto, tentei identificar aspectos sobre a situação social relativa ao jornal ZH, e, conforme propõe Motta-Roth (2007, p. 16), procurei verificar como o jornal ZH se identifica e é identificado na sociedade, sobre o que publicam, com que objetivo, para quem, quem são seus editores, como os textos são selecionados, bem como se e como poderia ter contato com os autores das notícias de PC da área de informática divulgadas em ZH.

3.3.2 Procedimentos de análise textual

As categorias analíticas adotadas na identificação do discurso da ciência em notícias de PC da área de informática presentes no *corpus* são: a organização retórica do gênero e a intertextualidade. Essas são características observadas nos corpora em inglês no projeto guarda-chuva. A identificação e a interpretação dos expoentes linguísticos dessas categorias são realizadas para verificar os efeitos de sentido produzidos nos textos.

Antes de proceder à análise, realizei a digitalização de textos do *corpus.* Em seguida, para a análise de cada categoria, adotei procedimentos distintos. Na análise da categoria organização retórica, adotei os seguintes procedimentos:

1. identificação da organização retórica de cada notícia do *corpus*. Esse procedimento é de base interpretativa, calcado na identificação de expoentes linguísticos concernentes a cada movimento e passo retórico[19] do gênero em estudo. Na identificação desses expoentes, tomo como ponto de partida as descrições efetuadas por Motta-Roth (2009) e Motta-Roth e Lovato (2009), no que diz respeito às funções retóricas de cada

[18] Ver Anexo 2.

[19] Na identificação dos movimentos, procurei verificar o propósito comunicativo dos segmentos textuais recorrentes nas notícias de PC. Na identificação dos passos retóricos, procurei verificar os diferentes estágios presentes nos blocos textuais. Para tanto, observei características socioculturais e linguísticas semelhantes no que se refere à estrutura/forma, ao conteúdo e às escolhas léxico-gramaticais presentes em cada texto.

movimento e passo retórico e procedo à demarcação manual dos elementos linguísticos empregados em cada oração;

2. mapeamento individual e cruzado dos movimentos/ passos retóricos presentes nas notícias de PC de ZH. Na análise cruzada, três acadêmicas do curso de Letras, uma mestranda e uma professora colaboradora, mestre em Letras pelo PPGL/UFSM, além da autora deste estudo, procuraram identificar consensos e divergências sobre os resultados levantados na análise individual. Para procedermos à análise cruzada, cada uma das analistas realizou três procedimentos: 1) realização de análise individual das notícias; 2) identificação e demarcação manual dos elementos ou expoentes linguísticos que expressam os movimentos e passos retóricos das notícias de PC, considerando, como ponto de partida, a representação esquemática proposta por Motta-Roth (2009); e 3) cruzamento de dados, com base na identificação dos consensos e das divergências dos movimentos/passos e do modo como os jornalistas produziram os textos de PC de ZH. A comparação das análises individuais e as conclusões da análise cruzada foram realizadas por meio de encontros virtuais e presenciais;
3. levantamento de informações sobre o gênero notícia e notícia de PC, com base em:
    a. manuais de jornalismo;
    b. textos acadêmicos sobre notícia;
    c. estudos analíticos sobre a notícia e a notícia de PC sob a perspectiva de gênero;
4. tabulação dos movimentos e passos retóricos identificados a partir dos resultados obtidos na análise das notícias;
5. interpretação dos resultados apurados em termos de forma e de função.

Para a análise da categoria intertextualidade, em um primeiro momento, adotei quatro procedimentos. São eles:

1. identificação de ocorrências intertextuais relacionadas às vozes/ posições enunciativas no *corpus*. Na localização dos expoentes linguísticos relativos às vozes, os elementos léxico-gramaticais, tais como grupos nominais

indicativos de nomes de pesquisadores, de instituições e títulos honoríficos foram observados;

2. identificação das categorias de representação do discurso – representação direta (RD), representação indireta (RI) e representação indireta livre dos discursos (RIL) - e quantificação das ocorrências discursivas, com base em algumas categorias de intertextualidade manifesta, descritas por Fairclough (2001), conforme mostra o Quadro 3.3;
3. realização de análise cruzada, envolvendo três especialistas em Letras (ver item 2 dos procedimentos analíticos da categoria organização retórica) ;
4. quantificação quanto às ocorrências de vozes/ posições enunciativas nas notícias, com base nas conclusões obtidas na análise cruzada sobre o conteúdo intertextual[20];
5. interpretação dos resultados obtidos a partir de reflexões sobre o contexto da PC.

Após a análise de cada categoria, retomei os resultados obtidos e estabeleci uma tese sobre como o discurso da ciência se configura nas notícias de PC do jornal ZH, procurando estabelecer argumentos que sustentem minhas conclusões.

Categorias		Ocorrências
Representação	Relato direto	D#7 - **–** A ideia foi mostrar cientificamente a relação entre a higienização e a prevenção de contágios **– afirma o professor João Carlos Tórtora, orientador do trabalho**.
	Relato indireto	D#7 - **Infectologista e professora da Universidade Católica de Brasília (UCB), Disney Fabiola Antezana alerta** que quem usa um teclado infectado pode contrair doenças.
	Relato indireto livre	G#3 **Uma arma contra fraudes.digitais** **Cientistas criaram** nova verificação de autenticidade de arquivos

Quadro 3.3 – Categorias intertextuais referentes à representação do discurso, conforme Fairclough (2001)

Tendo definido os procedimentos analíticos, no Capítulo 4, descrevo e interpreto os resultados alcançados na análise dos dados.

[20] Ver Anexo 3.

CAPÍTULO 4 – RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo, apresento os resultados da análise do contexto e dos textos do *corpus* desta pesquisa. De modo resumido, destaco, com base na descrição e na interpretação dos dados, que ZH é um jornal não especializado em PC, que comercializa, produz e publica semanalmente, na editoria de economia, um sistema de gêneros que inclui notícias de PC, reportagens e infomerciais produzidos por jornalistas de ZH, por agências de notícias de empresas de comunicação e por agências de comunicação de empresas de consultorias. Os textos adquiridos e produzidos são publicados nos cadernos *G* e *D*, assim como nas páginas *C*.

Em termos de prática social, o caderno *G* veicula notícias e reportagens de pesquisas, de caráter pedagógico, produzidas, em geral, por jornalistas estrangeiros para um público leitor, previsto pelo jornal ZH, conforme o jornalista entrevistado neste estudo, interessado em Ciência. O caderno *D* apresenta notícias de PC e reportagens de pesquisas. As reportagens assumem um caráter pragmático, são produzidas por jornalistas nacionais e estrangeiros e têm por foco de atenção, segundo J, o leitor não especialista em Informática, mas interessado em aproveitar melhor os equipamentos tecnológicos que dispõe na vida em sociedade. O caderno *C* veicula infomerciais são produzidos por agências de comunicação que relatam resultados de pesquisa, com a finalidade de interagir com o leitor de anúncios. As produções publicadas nessas páginas parecem ter um caráter publicitário, voltados à comodificação, ou seja, à comercialização de mercadorias ou produtos de Informática.

Em termos de prática discursiva, ZH publica notícias e reportagens de PC nos cadernos e os infomerciais veiculados nos classificados se configuram como gêneros híbridos, por combinarem marcas do discurso jornalístico, científico, pedagógico, que veiculam uma abordagem de comodificação.

Em termos de texto, a publicações são realizados por meio dos gêneros notícia de PC, reportagem e infomerciais. As notícias e reportagens de PC são produzidas, em geral, por profissionais do jornal The New York Times, assim como por jornalistas do The Guardian e publicadas no caderno G, enquanto que as notícias e reportagens do caderno D são produzidas por jornalistas do The New York

Times, do Correio Brasiliense e do ZH e publicadas por jornalistas do ZH. Os infomerciais de PC são produzidos por profissionais de agências de comunicação e editadas e publicadas em ZH por jornalistas da casa. Além disso, o gênero notícia tem como foco conteúdos de interesse passageiro e são publicados em cadernos, ou seja, em espaços semanais que envolvem uma equipe de jornalistas do jornal ZH. As reportagens têm como foco conteúdos de interesse passageiro e também são publicados em cadernos. Já os infomerciais apresentam conteúdos de interesse passageiro, como foco em dados numéricos reportados em pesquisas, e são divulgados em páginas, ou seja, em espaços semanais sem envolver uma equipe de jornalistas do jornal ZH.

Quanto à organização retórica, as notícias de PC do caderno G são mais informativas do que as notícias do caderno D, visto que aqueles apresentam mais movimentos e passos retóricos obrigatórios. Já as reportagens apresentam o mesmo número de movimentos e passos, mas se distinguem pelas características que cada uma assume, em função do público consumidor, dos produtores e espaço de divulgação. Os infomerciais se configuram como híbridos que mesclam as funções de informar e vender um produto.

As reportagens, seguindo a perspectiva do *continuum* proposta por Bonini (2009), são classificadas em dois tipos: reportagem de pesquisa e reportagem de produto. O caderno de G divulga reportagens de pesquisa e de produto, enquanto que o caderno D divulga reportagem de pesquisa. As reportagens de ambos os cadernos apresentam sete movimentos recursivos.

No caderno G, as reportagens de pesquisa são, recorrentemente, realizadas por meio de cinco movimentos obrigatórios, sendo: recrutar os leitores, a partir da apresentação do título, da linha fina, das conclusões das pesquisas (M1), apresentar a pesquisa, por meio da identificação dos pesquisadores e da exposição das conclusões das pesquisas no lide (M2), mencionar o conhecimento prévio, considerando a apresentação do conhecimento estabelecido (M3), explicar os resultados das pesquisas, buscando esclarecer os significados desses resultados, incluindo conclusões das pesquisas (M5) e mencionar as implicações dos estudos (M6) na sociedade (C). Essas informações são apresentadas a partir da voz do pesquisador (A1), do uso da glosa (B) e de elementos de destaque (D).

No caderno D, destaco a obrigatoriedade de três movimentos nas notícias: recrutar leitores, por meio de títulos e apresentação das conclusões das pesquisas

(M1), apresentar a pesquisa, mediante a apresentação dos pesquisadores e da exposição das conclusões dos estudos (M2) e apresentar o significado dos resultados (M5). Na recontextualização dos relatos de pesquisa as vozes dos técnicos (A2) são mais recorrentes do que a dos pesquisadores de IES. Além disso, na produção das notícias a apresentação de glosa (G), o foco no contexto social (C) e o uso de elementos de destaque (D) são obrigatórios.

De modo mais detalhado, na sequência, apresento e discuto os resultados desse capítulo em dois momentos. No primeiro, discorro sobre os resultados relativos à análise do contexto de cultura e do contexto de situação. No segundo momento, procedo à análise dos textos de PC da área de Informática publicadas no jornal ZH em 2009, procurando identificar como os gêneros reportagem e notícia de PC se constituem em termos de organização retórica, intertextualidade e estilo.

4.1 Análise contextual de popularização da ciência do Jornal Zero Hora

Na análise do contexto, divido o trabalho em duas subseções. Na primeira, analiso o Contexto de Cultura com o objetivo de descrever e interpretar como o jornal se identifica e é identificado, como está organizado, sobre o que produz e publica e com que objetivo, mediante o levantamento de dados documentais, disponíveis no *site* do jornal ZH e na literatura prévia que trata sobre pesquisas relativas a essa mídia.

Na análise do Contexto de Situação, procuro descrever e interpretar, a partir da entrevista realizada com o jornalista J e do estudo desenvolvido por Rublescki (2009), qual(is) os participantes, as atividades, os objetivos e o modo de organizar a linguagem, a distância social estabelecida entre os participantes envolvidos na recontextualização de relatos científicos da área de informática publicadas no jornal ZH.

4.1.1 Contexto de Cultura: da identificação à estrutura do jornal ZH

No que se refere à identificação, ZH é uma das principais plataformas multimidiáticas do Grupo RBS – empresa de comunicação que, apesar de ser um jornal regional, produz e distribui informação, serviço e entretenimento no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina, no Paraná, em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Minas Gerais, em Mato Grosso do Sul e no Distrito Federal – desde os anos 70 (GRUPO RBS, 2007, p. 50). Segundo o Instituto Verificador de Circulação (IVC) [21], ZH é o 6º jornal brasileiro em termos de circulação paga. De acordo com alguns estudiosos, essa mídia é identificada como uma empresa privada de comunicação, voltada à produção e à divulgação de informações vinculadas à sociedade gaúcha, mantendo-se através de venda de mercadorias culturais e de reclames publicitários (MACHADO; GIORDANO, 2011, p.6) desde maio de 1964, ano em que foi criado, com a finalidade de substituir o jornal Última Hora, fechado durante o golpe militar, por ter sido avaliado como comprometido com a política de Getúlio Vargas (SCHIRMER, 2002, p. 71 apud ARAÚJO, 2006, p. 29).

Santini e Amaral (2010, p. 31), com base nos estudos de Felippi (2006), mencionam que a liderança de ZH se efetiva em função da diferenciada estrutura de produção em rede, que conecta as redações dos oito periódicos impressos editados pelo Grupo em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. Para Machado e Giordano (2011, p. 11), o índice de audiência do jornal ZH e a liderança conquistada por essa mídia são garantidos por meio da preferência do mercado anunciante e pelas reformulações gráficas e editoriais que a empresa jornalística adotou desde que o controle acionário do jornal passou a ser desenvolvido pelo grupo RBS, e não pela qualidade das matérias que publica.

Desde então, um potente parque gráfico, equipamentos e instalações com as mais modernas tecnologias, profissionais preparados possibilitam diferenciação nas coberturas jornalísticas, na produção/ circulação dos exemplares em todo o estado, em alguns municípios de Santa Catarina e nas principais capitais do país (MACHADO; GIORDANO, 2011, p. 11).

---

[21] Dados obtidos no dia 20/05/2011, no site <http://gruporbs.clicrbs.com.br/blog/2011/05/17/circulacao-de-zh-cresce-pelo-14%C2%BA-mes-em-relacao-ao-mesmo-mes-do-ano-anterior/>.

Nessa empresa de comunicação, trabalham aproximadamente, 200 jornalistas, hierarquizados em repórteres, pauteiros, subeditores e editores das editorias, editores-chefe e diretor de redação. Há também fotógrafos, revisores, arte-finalistas, ilustradores, articulistas – não necessariamente jornalistas – mais o pessoal administrativo (SANTI; AMARAL, 2010, P. 31).

Esses profissionais desempenham diversas atividades na empresa e contribuem para que o periódico se espalhe de diferentes formas: na versão em papel, *web, tablet* e celular, pelos vários estados do Brasil e países do globo terrestre ao mesmo tempo. Na versão impressa, formato alvo deste estudo, em termos de produção, segundo Santi e Amaral (2010, p. 31), o jornal ZH adota o formato tabloide[22], seguindo uma tendência do jornalismo brasileiro iniciada em 1980, e é dividido, conforme Fonseca (2003, p. 23), em 10 grandes áreas:

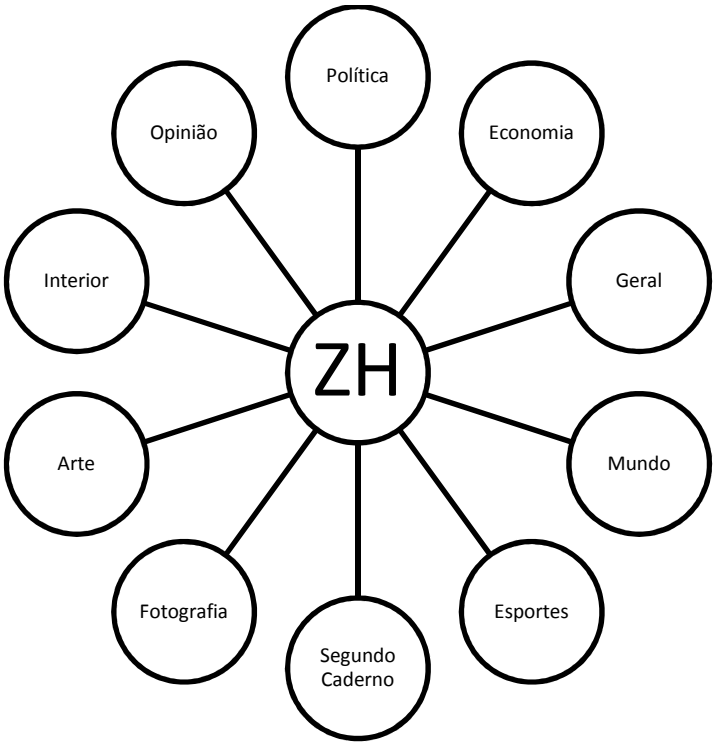


Figura 4.1 – Áreas de atuação do jornal ZH

[22] O termo tabloide designa um formato de jornal surgido em meados do século XX, no qual cada página mede aproximadamente 33 x 28 cm, as notícias são tratadas em um formato mais curto e o número de ilustrações costuma ser maior do que o dos diários de formato tradicional.

Essas grandes áreas são subdivididas em 23 editorias e cadernos que têm publicação diária, semanal ou mensal, são segmentados por público e temática, encartados em um caderno principal que ocupa aproximadamente cinquenta páginas (SANTI; AMARAL, 2010, p. 31).

> Ao tratar sobre jornalismo científico, Rublescki (2009, p. 414) menciona que em ZH, uma mesma temática pode ser publicada em diversas editorias e em suplementos especializados, dependendo do objetivo da matéria. Por exemplo, uma informação sobre o lançamento de um produto no mercado pode ser veiculado na editoria de Ciência se a ênfase do texto for a conquista tecnológica, que agregue valor especial à vida das pessoas; na seção de negócios se o enfoque for o lucro ou especial montante de unidades vendidas; na de finanças, se a cobertura pontuar para o retorno financeiro ou otimização de rotinas que ele propicia às empresas que o adotam. Poderia estar também na política ou na legislação se tivesse sido desenvolvido em cooperação tecnológica por dois países e surgisse uma disputa legal sobre o privilégio da patente ou, mais uma entre outras possibilidades, na editoria geral, caso a ênfase da matéria indique ser o computador um dos artigos mais procurados para o próximo Natal, por exemplo. Paralelamente e de forma complementar, essas abordagens não excluem que a notícia também integre o caderno específico de Informática ou os cadernos especiais de Tecnologia (RUBLESCKI, 2009, p. 414).

Recontextualizações sobre relatos científicos da área de Informática, encontrei semanalmente, na editoria de Economia de ZH em 2009, especialmente, nos cadernos *Globaltech – Ciência*, Tecnologia e Inovação, *ZH Digital* e nas páginas de *ZH Classificados: Informática* (MOREIRA, 2009, p. 101-129).

Conforme informações disponíveis no *site* do jornal ZH, a função da editoria de Economia é fazer a cobertura da área empresarial e dar destaque, preferencialmente, às notícias de empresas brasileiras, em especial, às gaúchas. Além disso, a editoria de Economia também procura mostrar o que está acontecendo na economia regional, nacional e internacional e dar atenção aos assuntos mais relevantes que terão impacto na vida dos leitores do jornal. Assim, sempre que uma determinada companhia lança um produto inovador, explora um novo mercado, cria empregos e produz reflexo na vida das pessoas, ela encontra espaço ”garantido” nas páginas de ZH. Do mesmo modo, matérias de serviço, reportagens sobre tendências que estejam surgindo no mundo e contextualizações da situação dos governos federal, estadual e municipal também são focos primordiais do jornal.

Diante dessas considerações, entendo que o ZH pode ser identificado como um jornal regional, com alcance nacional e internacional, não especialista em PC, que produz e divulga não só notícia de PC. Diferentemente do que pensávamos no

início desta pesquisa, esse jornal produz e publica um sistema de gêneros que, por sua vez, integra um conjunto de gêneros formado por notícias, reportagens e infomerciais de PC na recontextualização de relatos de pesquisas da área de Informática em três contextos, nos cadernos *G* e *D* e nas páginas *C,* com a finalidade de interagir com três tipos de leitores: leitores e alunos dos anos finais do Ensino Fundamental e Médio interessados em Ciência, leitores que não trabalham com tecnologia, mas se interessam em saber como utilizar melhor os recursos tecnológicos na vida em sociedade e os leitores de anúncios, conforme menciona o produtor de notícias da editoria de economia de ZH.

Para dar conta desse argumento, na sequência, analiso o contexto imediato de PC, procurando investigar como a produção e o consumo de textos se efetiva no jornal ZH.

4.1.2 Contexto de Situação: da produção ao consumo de texto em gêneros discursivos de popularização da ciência

Na investigação da produção, publicação e consumo de textos em gêneros de PC no jornal ZH, tomo por base duas investigações científicas prévias e uma entrevista realizada com o produtor de eventos comunicativos de PC da área de Informática.

Estudos afirmam que a PC tem início no século XVII (GARCIA; BARICHELLO, 2003, p. 107; GOMES et. al, 2003, p. 217) . Nos anos 20, após a primeira Guerra Mundial, nasce a PC tal como conhecemos hoje (HERNANDO, 1990). A partir da segunda metade do século XX, a produção e a publicação de PC começam a ser produzidas e publicadas na mídia jornalística brasileira, tendo grande impulso nos anos 80, quando passou a ocorrer uma abertura para a PC no âmbito da imprensa diária (GOMES et. al, 2003, p. 218-219).

No jornal ZH, a produção e publicação de práticas discursivas de PC da área de Informática vêm ocorrendo, de modo regular, há 21 anos. Segundo J, o jornalista entrevistado, desde

> 1991, quando foi criado o caderno semanal ZH Informática. Na época, o suplemento era bastante focado em hardware, uma vez que ainda não

> existia internet no Brasil. Pelo menos não aberta comercialmente. Em 2001, o suplemento foi rebatizado de ZH Digital, para ganhar um espectro mais amplo e tratar de outros assuntos que não apenas informática, abordando reportagens sobre TVs, Home Theaters e outros equipamentos. A partir de 2005, mais ou menos, mesmo sem mudar de nome, o enfoque do caderno ficou mais direcionado a internet e games, devido à grande popularização de jogos eletrônicos, dos blogs e das então iniciantes redes sociais.

Assim, o caderno D contempla gêneros que tratam sobre tecnologia, especialmente internet e, eventualmente, equipamentos de informática. Nesse caderno, o jornal procura atingir um público com interesse por tecnologia e informática, mas que não seja o chamado usuários avançados. Este pode buscar informação em outras publicações segmentadas mais específicas, como sites e revistas de tecnologia. Basicamente o público do caderno D pode ser resumido como aquele leigo que não trabalha diretamente com informática (um advogado ou dentistas, por exemplo), mas que quer saber como aproveitar melhor seus equipamentos (*tablet, smarphone*, computador, *videogame*) ou conhecer *sites* e serviços interessantes na internet (J).

Em 2005, para substituir o antigo *Eureka!*, caderno dedicado à PC que publicava resultados de trabalhos realizados por pesquisadores de Oceanologia da Universidade Federal de Rio Grande (FURG), foi criado o caderno G. Segundo dados divulgados pela Associação Brasileira de Imprensa (ABI) (2006, p.4), "uma dos motivos alegados para a mudança tem relação com a perda do apoio financeiro da Universidade de São Leopoldo, com a qual o ZH mantinha, também, um convênio de suporte técnico". Com a reformulação do caderno *Eureka!*, o caderno *G* nasceu com a finalidade, segundo J,

> de contemplar um perfil mais de ciência e trazer matérias sobre pré-história, astronomia, neurociência, aviação, genética, etc., que foi extinto em 2010, por questões de viabilidade comercial (ABI, 2006, p. 4).

A perda de patrocínio dos dois cadernos parece revelar que a PC da área de Informática é uma prática social que vem perdendo prestígio no jornalismo gaúcho, fazendo com que os leitores "interessado[s] por ciência e tecnologia, incluindo estudantes dos últimos anos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio", conforme J., deixem de ter acesso à recontextualização de relatos de pesquisas científicas multidisciplinares no jornal ZH.

Já as páginas C registram, em uma página e meia, conteúdo editorial que acompanha os anúncios classificados de informática nos finais de semana. Nessas

páginas, cita J., não há reportagens produzidas pela equipe de repórteres de ZH, mas apenas notícias enviadas por agências.

Essa informação transmitida por J. na entrevista, de certo modo, contradiz as informações apresentadas no Guia RBS. Em tal Guia consta que as notícias não assinadas são produzidas por jornalistas do próprio jornal. Tendo em vista que não há registro, de modo explícito, das credenciais dos produtores desse gênero nessas páginas C, o leitor, conforme J., "aquele que, ao consultar os anúncios também tem curiosidade de ler sobre algum tema relacionado à área", pode ser levado a acreditar que se trata de um anúncio publicitário em função do contexto de publicação e não uma notícia ou reportagem.

Na busca de informações sobre a organização retórica das notícias de PC da área de informática, na entrevista com J., comentei os resultados obtidos nas nossas análises, destacando que os textos publicados em 2009 pareciam apresentar uma organização textual diferenciada em cada caderno, assim como nas páginas *C.* Em seguida, perguntei a J. em que medida essas constatações procediam e ele respondeu quer era "interessante [essa] percepção, embora ela não se confirme necessariamente na prática" e, em seguida mencionou informações sobre as fontes usadas na produção dos textos.

No caderno G, J menciona que,

> 80% ou mais das matérias publicadas eram provenientes do serviço de ciência do *The New York Times*, um pacote de notícias que ZH assinava. Como a maior parte dessas reportagens era norte-americana, a esmagadora maioria das fontes também o era. No caso do ZH Digital, as fontes são escolhidas de acordo com a pertinência e propriedade para falar sobre o assunto. Por exemplo, ao se fazer uma matéria sobre *Facebook*, ouvem-se pesquisadores em redes sociais (podem ser de universidades públicas ou privadas) e analistas de mercado, se o enfoque das matérias for as novas estratégias comerciais da rede social, no caso. Os critérios são os mesmos usados em todas as matérias do jornal: fontes que conheçam bem o assunto, sejam confiáveis (normalmente ligadas a uma universidade ou centro de pesquisa e ou empresa de consultoria reconhecida) e que não tenham sido ouvidas recentemente com frequência. Procura-se variar as fontes para que não sejam ouvidos sempre os mesmos especialistas. Nos Classificados de Informática, como disse, não são feitas reportagens próprias. Utiliza-se basicamente o material disponível durante a semana produzido por agências de notícias.

Segundo Rublescki (2009, p. 410) a discussão sobre o teor e a procedência das matérias de PC é uma questão a ser resolvida há duas décadas no jornalismo científico. Ao mesmo tempo, a jornalista destaca que

> qualquer repórter sabe que as fontes têm seus compromissos com o capital, a ideologia, a política ou mesmo com objetivos pessoais"[e que isso] "demanda cuidados permanentes e estratégias de seleção e avaliação com os antecedentes das fontes, sua trajetória, interesses e patrocinadores (RUBLESCKI, 2009, p. 422).

Ao ser questionado sobre como o jornal decide que estudo vai cobrir, J. não mencionou quais os critérios que norteiam as escolhas das áreas de maior cobertura e do material que deve ser publicado no jornal. Sobre esse aspecto, Rublescki (2009, p. 419) destaca que a procedência das matérias científicas e os critérios que norteiam as escolhas das áreas de maior cobertura e do material que deve ser publicado nos jornais são subjetivos, refletindo a hierarquização da editoria de ciência e tecnologia de cada veículo de comunicação.

Por fim, mencionei que nossas análises têm mostrado que a opinião do público é menos recorrente do que a opinião do governo nos textos do jornal ZH, aparecendo em uma notícia apenas, enquanto que a voz do governo não aparece. A partir disso, questionei J sobre possíveis razões para isso. O jornalista respondeu dizendo que não sabia se havia entendido muito bem a minha pergunta e destacou:

> Creio que seria interessante, se tu me permitires sugerir, que tu busques na tua pesquisa teórica se familiarizar um pouco com os processos de produção jornalísticos. Boa parte das tuas dúvidas está relacionada a procedimentos ligados aos fundamentos da atividade profissional. Sugiro dares uma olhada nos livros Teorias do Jornalismo Volume I e II, Nelson Traquina, e Jornalismo Científico, de Fabíola Oliveira. São obras que podem te dar uma visão teórica de como funciona uma redação de jornal.

Nessa resposta, o jornalista não responde a pergunta, talvez, por não compreender que *voz* tem o mesmo sentido do termo *fonte*, empregado no jargão jornalístico, ou por ter percebido que a análise crítica implementada estava desvelando o discurso que ele próprio reforça ao exercer a prática jornalística sem questioná-la.

Para gerar uma melhor representação das informações apresentadas por J e Rublescki (2009) sobre a produção e o consumo de PC previstos no jornal ZH, apresento uma síntese das informações apresentadas nesta seção no Quadro 4.1. As linhas pontilhadas em algumas células significam que a informação não consta no discurso de J. As informações em negrito fazem referência aos cadernos *G* e *D* e às páginas *C* de ZH.

Ano	Publicação	Identificação	Produtor	Gênero	Objetivo	Fonte	Tema	Leitor
1991	Caderno	ZH Informática	-----	-----	-----	-----	Foco em *hardware*	Restrito a profissionais interessados
2001	Caderno	ZH Digital	Jornalista de ZH	Reportagens	-----	-----	Foco em equipamentos como TV, *Home Theater*	-----
2005	**Caderno**	**ZH Digital**	**Jornalista de ZH**	**Reportagens**	**Oferecer *sites* e serviços interessantes**	**Pesquisadores de universidades pública e privadas, centro de pesquisas** **Analistas de mercado** **Empresas de consultoria**	**Foco em *internet* e *games***	**Leitor leigo interessado em**
-----	Caderno	Eureka!	-----	-----	-----	Pesquisadores da FURG	Foco em pesquisas sobre Oceanologia	-----
2005	**Caderno**	**Globaltech: Ciência, Tecnologia e Inovação**	**Jornalista do *The New York Times***	**Reportagens**	-----	**Norte americana**	**Foco em pesquisas sobre ciência**	**Alunos dos últimos os do Ensino Fundamental e Médio**
-----	**Páginas**	**ZH Classificados**	**Agência de notícias**	**Editorial Notícias**	-----	**Agências de notícias**	**Relacionado com os anúncios publicitários**	**Leitor de anúncios**

Quadro 4.1 –Resumo da entrevista de J sobre os gêneros discursivos de PC da área de Informática no jornal ZH

Fonte: A autora

As informações apresentadas no Quadro 4.1 permitem recuperar as variáveis do contexto mais imediato, reconhecidas na LSF como: campo, relação e modo. Essas variáveis são responsáveis por determinar os registros divulgados nos dois cadernos e nos classificados desse jornal. No Quadro 4.2, a partir da entrevista com J e das pesquisas de Rublescki (2009), apresento um resumo dos valores identificados em cada variável do Contexto de Situação.

VARIÁVEIS DO CONTEXTO	SEÇÃO DE ECONOMIA		
	CADERNO		**PÁGINA**
	ZH Globaltech: Ciência, Tecnologia e Inovação	**ZH Digital**	**ZH Classificados: Informática**
CAMPO	**ATIVIDADE**		
	The New York Times produz e vende textos aos jornalistas de ZH.	Jornalistas e outros profissionais de ZH editam, produzem, publicam e vendem textos aos seus leitores.	Agências de notícias produzem e vendem textos aos jornalistas de ZH.
	OBJETIVO		
	Recontextualizar relatos científicos que ZH compra com a finalidade de contemplar interesses dos leitores.	Divulgar conhecimentos sobre como aproveitar melhor equipamentos e conhecer *sites* de jogos e serviços interessantes na internet.	[redacted]
RELAÇÃO	**PARTICIPANTES**		
	O jornal The New York Times produz e vende aos jornalistas de ZH que editam e publicam reportagens.	Jornalistas e outros profissionais de ZH que editam, produzem, publicam e vendem reportagens.	Profissionais de agências de comunicação privadas que produzem e vendem e jornalistas de ZH que editam e publicam notícias.
	Vozes, na maioria, as fontes são norte-americanas.	Vozes de pesquisadores de universidades públicas, privadas e de centro de pesquisas, analistas de mercado e empresas de consultoria	Vozes de agências de notícias de empresas de consultoria
	Estudantes dos últimos anos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio são os consumidores dos textos.	Profissionais que não trabalham com Informática, mas procuram saber sobre como usar melhor os recursos tecnológicos no dia-a-dia.	Leitores de anúncios sobre Informática
MODO	**CANAL DE COMUNICAÇÃO**		
	Reportagens escritas e impressas que relatam resultados de pesquisas científicas.	Reportagens escritas e impressas que divulgam ao leitor, conhecimentos sobre como aproveitar melhor equipamentos de informática sobre jogos e serviços que ZH considera interessante na internet.	Notícias escritas e impressas que divulgam informações relacionadas com os anúncios publicados nas páginas de ZH Classificados: Informática.

LEGENDA

Informação recorrente nos cadernos e páginas de ZH

Informação recorrente em dois cadernos ou em um caderno e uma página de ZH

Informação diferente em cada caderno e página de ZH

Informação não mencionada

Quadro 4.2 – Variáveis do Contexto de Situação na prática social de PC na área de Informática em ZH

No Quadro 4.2, os valores atribuídos aos componentes do contexto de situação, em termos de campo, de relação e de modo, foram marcados com as cores verde, amarelo, vermelho e preto para mostrar as variações e recorrências contidas nos cadernos e nas páginas de ZH. As marcas em verde mostram os valores repetidos nos três espaços de recontextualização das pesquisas de PC.

As atividades (*produzir e publicar),* identificadas na variável campo, e um participante (os *jornalistas de ZH),* incluído na variável relação, são os únicos componentes do contexto repetidos nos cadernos e nas páginas do jornal.

Observando as características da variável campo, é possível inferir o sistema de gêneros de PC desenvolvido no processo de produção e de divulgação de textos em ZH, assim como verificar o conjunto de gêneros publicados no espaço de Economia dessa mídia. Nos textos do caderno *G,* os jornalistas do *The New York Times* consultam fontes, produzem e vendem reportagens aos jornalistas de ZH, no caderno *D,* os jornalistas de ZH consultam vozes de pesquisadores de universidades públicas, privadas e de centro de pesquisas, analistas de mercado e empresas de consultoria, produzem e publicam repostagens e, nas páginas *C,* as agências de comunicação de empresas de consultoria produzem notícias, a partir de levantamentos realizados por empresas de consultorias, e vendem para publicação em ZH. Esse sistema de produção de gênero compreende diversos conjuntos de gêneros utilizados pelas pessoas que trabalham juntas de forma organizada e mostra as relações padronizadas que se estabelecem na produção e no uso desses documentos (BAZERMAN, 2005, p. 32).

As marcas em amarelo mostram que, em cada caderno e página de ZH, há vários (as) participantes, atividades, objetivos, finalidades e modo de usar a linguagem. A partir do pressuposto de que o contexto interfere na organização textual (HALLIDAY; HASAN 1985, p.55-62), as constatções observadas indicam que há uma variação no conjunto de gêneros discursivos produzidos em cada contexto de divulgação de PC em ZH.

Por acreditar que a ACG, ao combinar a análise de elementos ideológicos do contexto, com a análise do texto possibilita descrever, problematizar e desnaturalizar os valores que constituem os textos/os gêneros de PC da área de Informática publicadas no jornal ZH em 2009, na próxima seção, detenho-me na descrição e interpretação dos textos. Pois, conforme apontam Motta-Roth e Heberle (2005), a estrutura esquemática de um gênero aponta para os propósitos comunicativos de

uma atividade social. Por isso, estudar sua organização retórica é explorar, dentre outros aspectos do contexto, sua função.

4.2 Análise textual de popularização da ciência do Jornal Zero Hora

Na introdução deste estudo, mencionei que o objetivo geral de investigação é analisar criticamente o gênero notícia de PC da área de Informática publicado no ZH, o jornal impresso de maior circulação no RS. Relacionado a esse objetivo, apresentei as questões norteadoras da investigação, quais sejam: 1) Qual é a configuração textual das notícias da área de informática no jornal ZH?, 2) Qual é a configuração contextual dessas notícias? e 3) Como se dá a recontextualização do discurso científico da área de Informática nessas notícias de PC?

A partir dos resultados obtidos na análise do contexto, outras questões emergem. São elas:

O que os textos apontam em termos de contexto de produção e de consumo? Em que medida os resultados obtidos na análise textual correspondem aos resultados apresentados na análise contextual? Quais as vozes presentes nos textos? Como elas são representadas? Quais as funções que desempenham? O que esses resultados indicam?

Como se configuram os gêneros de PC da área de Informática em termos de organização retórica? Em que medida os resultados apurados na análise textual correspondem aos gêneros identificados por J. na análise do contexto? Em qual(is) aspecto(s) esses gênero(s) se aproximam e se diferenciam?

Em que medida esses eventos comunicativos recontextualizam relatos de PC da área da Informática? Qual o discurso de PC que veiculam?

Para responder aos questionamentos levantados, divido a próxima seção em 3 partes para examinar a produção e o consumo dos textos de PC no jornal ZH . Na sequência, descrevo os textos do *corpus* e interpreto os resultados alcançados, estabelecendo relação com as constatações obtidas na análise do contexto e com a as teorias e conceitos norteadores deste estudo, apontados nos Capítulos 1 e 2.

4.2.1 Produção e consumo: o que os textos de popularização da ciência da Zero Hora indicam?

A análise do Contexto de Situação mostrou, a partir da entrevista com o jornalista J., que os produtores e os consumidores dos textos de PC publicados na seção de Economia de ZH são diferentes em cada caderno, tal como consta no Quadro 4.3:

Cadernos	Produtor dos texto	Consumidores dos textos
G	Jornalista do *The New York Times* (a maioria)	Público interessado em ciência e tecnologia, incluindo alunos do Ensino Fundamental e Médio
D	Jornalistas de ZH	Leitor leigo que não trabalha diretamente com Informática
C	Agências de notícias	Leitor de anúncios

Quadro 4.3 – Produtores e consumidores dos textos de PC publicados na seção de Economia de ZH em 2009, segundo J.

Com o objetivo de verificar em que medida as informações apresentadas pelo jornalista de ZH estão presentes nos textos, procedo a análise textual, em termos de produção e consumo, dos 27 textos em estudo. Nessa análise, procuro responder cinco perguntas: 1) Quem escreve?, 2) Quem lê? 3) Quais as vozes que o público lê? 4) Como são representadas discursivamente essas vozes? e 5) Quais as funções que as representações desempenham?

4.2.1.1 Quem escreve?

No caderno *G*, constatei que ZH publica textos de PC produzidos por jornalistas internacionais. Isso mostra que esse jornal dá destaque para a prática de traduções de textos de PC publicados em mídias estrangeiras, confirmando o que J mencionara na entrevista e o que Rublescki (2009) havia constatado em pesquisas

prévias, quando faz referência ao alto índice de traduções de textos de PC em jornais nacionais.

Traduções de textos de PC foram encontradas, também, no caderno *D*, conforme mostra no Quadro 4.4.

Produtores dos textos		
G#3 - John Markoff - *The New York Times*	D#1 - ----	C#2 - ----
G#4 - Kenneth Chang - *The New York Times*	D#7 – Correio Brasiliense	C#6 – Correio Brasilience
G#5 - ----	D#8 - ----	C#9 - ----
G#16 - The New York Times	D#17 – Vanessa Nunes	C#10 - ----
G#20 - ----	D#18 – The New York Times - Nicolas Nakalar	C#11 - ----
G#22 - The New York Times	D#19 - The New York Times – John Markoff	C#12 - ----
G#24 - The New York Times	D#21 - ----	C#13 - ----
G#26 - ----	D#23 – Vanessa Nunes	C#14 - ----
G#27 - The Guardian	D#25 – Vanessa Nunes	C#15 - ----

Quadro 4.4 – Credenciais dos autores responsáveis pela produção dos textos analisados.

Conforme o Quadro 4.4, dos 18 textos publicados nos cadernos *D* e *G*, há 11 textos produzidos na mídia internacional, sendo sete do *The New York Times* e um do *The Guardian.* Possivelmente, eles foram traduzidos e publicados por jornalistas de ZH. A tradução de textos que recontextualizam relatos de pesquisas parece se justificar, conforme Rublescki (2009, p. 12) por ser uma prática simples, rápida e segura de apresentação de informações recentes em mídias de circulação diárias. A segurança decorre do fato de as traduções registrarem a fonte e isentarem o jornal ZH da responsabilidade de uma eventual apuração inexata das informações.

No caderno *G*, dos nove textos analisados, cinco foram produzidos por jornalistas do *The New York Times* e um por jornalistas do *The Guardian*. Entre esses textos, dois (G#3 e G#4) apresentam o nome do jornalista e o da instituição responsável pelas fatos publicados. Quatro textos apresentam somente o nome da empresa (G#16, G#22, G##24 e G#27). Os demais textos (G#5, G#20 e G#26) publicados nesse caderno, não apresentam as credencias do autor. Na “linguagem das redações”, a procedência, conforme Rublescki (2009, p. 12), quando registrada

de forma explícita, significa que a notícia é oriunda daquele país ou cidade. Não havendo registro explícito, é possível mencionar que os textos G#5, G#20 e G#26 foram produzidos e publicados por jornalistas de ZH.

No caderno *D*, tal como no caderno *G*, há nove textos de PC, sendo duas traduções de textos produzidos por jornalistas do *The New York Times* (D#18 e D#19). Além das traduções, há ainda setes textos (D#1, D#7, D#8, D#17, D#21, D#23, D#25) no caderno D. Desses, quatro foram produzidos por jornalistas brasileiros (D#7, D#17, D#23 e D#25). Em três desses textos, consta o nome dos autores e, em um, apenas o nome da instituição. Outros três (D#1, D#8 e D#21) não apresentam credenciais, indicando terem sido produzidos por jornalistas de ZH. Isso significa que, nesse caderno, a maior parte dos textos é produzida por jornalistas da mídia em estudo.

Por fim, nas páginas de *C*, não foram encontradas traduções. Dos nove textos selecionados neste estudo, um texto apresenta o nome da instituição responsável pela produção da matéria, o Correio Brasiliense (C#6). Os demais textos identificados não apresentam autoria (C#2, C#9, C#10, C#11, C#13, C#14, e C#15). A ausência de credenciais indicando a autoria dos textos sinaliza que eles, também, foram produzidos por jornalistas de ZH.

Na análise do Contexto de Situação, entretanto, J. mencionou que os textos das páginas *C* não são produzidos por repórteres de ZH, mas por agências de comunicação. Com base na análise contextual e textual, parece possível inferir que o jornal ZH produz e publica textos nas páginas *C*, a partir de produções textuais elaboradas por empresas internacionais que atuam no mercado, no ramo de Informática. Rublescki (2009, p 13), parece confirmar essa ideia ao mencionar que é difícil aceitar sem questionar como pode um universo de matérias versando sobre tecnologia de ponta, noticiando frequentemente sobre empresas multinacionais, ilustrando matérias com fotos de agências internacionais se constituir em matéria local, em outras palavras, do jornal ZH.

As diferentes fontes de produção identificadas na elaboração dos textos que são divulgados para diferentes consumidores, conforme descreveu J. na entrevista. Sobre os consumidores dos textos de PC em estudo, trato na próxima subseção.

4.2.1.2 Quem lê?

O público consumidor previsto por J para o caderno G são os leitores estudantes que se encontram no final do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, bem como os leitores interessados em ciência e tecnologia.

Na análise textual, o levantamento realizado indica que, no caderno G, os leitores previstos são os que se interessam por pesquisas sobre 1) estudos experimentais e comportamentais, 2) automação e 3) construção de programas, como podemos verificar nos exemplos 01-09.

Exemplo nº	Texto
01	G#3 - Cientistas criam **(3)** nova verificação de autenticidade de arquivos
02	G#16 – A internet atualmente está infestada de crackers, programadores mal intencionados, que criam **(3)** softwares para atacar computadores e roubar dados... Para entender **(1)** os métodos desses ciber-criminosos, cientistas (...) converteram **(3)** um supercomputador Dell Thunderbird em um simulador que reproduz **(3)** uma mine-internet com um milhão de micros conectados.
03	G#20 – O desenvolvedor italiano Giuseppe Constanza criou **(3)** uma forma de unir uma das novas tecnologias mais comentadas do momento (...) Com sua criação, o italiano mirou principalmente o público mais preocupado com as questões ecológicas dos produtos.
04	G#24 – Cientistas querem formar **(3)** uma rede de PCs domésticos para procurar **(1)** sinais de vida artificial em computadores de alta *performance*.
05	G#5 – O software do robô **(2)** desenhado na universidade escocesa atribui de forma automática novos grupos de “neurônios” destinados a adaptar seu funcionamento a elementos que forem incorporados a sua estrutura.
06	G #27 – Táxi robô londrino **(2)** pode ser o pioneiro do transporte do século 21
07	G #4 – Veja como foi realizado o experimento de teletransporte **(1, 2)**
08	G#26 – Finalmente, a maior máquina do mundo está pronta para a experiência **(1)** que vai reduzir a criação do universo
09	G#22 – Quem diria que a maneira que escolhemos para consumir música pode ter implicações no aquecimento global **(1)**

Nesse levantamento, a identificação dos leitores se efetiva de modo implícito, por meio da pressuposição. Como podemos constatar nos exemplos, não é possível verificar marcas linguísticas que permitam caracterizar clara e explicitamente o participante leitor com que o jornalista interage. Nesse sentido, analiso certos

elementos intertextuais que permitem inferir os possíveis leitores previstos nos textos, por meio da identificação dos processos, sinalizados em verde, dos participantes, marcados em amarelo, e das circunstâncias, marcadas em vermelho, nas orações.

Observando os processos materiais, como *criar, converter* e *formar*, conforme consta nos exemplos 01,02 e 04 (em G#3, G#16, G#24) ou a nominalização derivada de processo criativo, tal como *criação,* presente no exemplo 03 (em G#20), é possível constatar que os textos fazem alusão aos leitores que apreciam informações sobre a construção de algum produto de Informática. Associando esses processos com os participantes, *experimento de teletransporte e a experiência que vai reduzir a criação do universo,* identificados nos exemplos 07 (em G#4) e 08 (em G#26)*,* é possível observar, ainda, que os textos fazem alusão aos leitores que se interessam por pesquisas experimentais. Mantendo a associação dos processos materiais com as circunstâncias identificadas, como *de forma automática*, no exemplo 05 (em G#5), e de participantes como *robô*, nos exemplos 05 e 06 (em G#5 e G#27), é possível mencionar que outro tipo de leitor previsto é o que aprecia obter informações sobre pesquisas relacionadas à automação.

Observando os processos *escolhemos* e *pode ter,* associados aos participantes *a maneira*, *implicações* e a circunstância*, no aquecimento global* empregados no exemplo 9 (em G#22), é possível mencionar que o leitor previsto para o caderno G é, também, aquele que se interessa por pesquisas que reportam informações sobre aspectos comportamentais relativas ao uso de recursos de Informática.

Na análise textual realizada, os textos fazem alusão aos leitores que se caracterizam como os leigos em Informática, usuários de recursos tecnológicos não só no trabalho, mas também no lazer e no entretenimento e interessados por saber sobre resultados de pesquisas que reportam estudos relativos à *internet, de modo especial* sobre o acesso a *sites* de busca, filmes, *sites* de relacionamentos ou redes sociais, à produção e ao armazenamento de documentos na *internet.* Além disso, *o* leitor do caderno *D* também se interessa em obter informações sobre cuidados relativos ao computador e aos novos programas de Informática existentes, assim como por aprender a usar melhor os recursos no trabalho e no lazer.

Nos textos desse caderno, a caracterização dos possíveis leitores previstos também se efetiva de modo implícito, por meio da pressuposição, a partir de pistas que os jornalistas deixam nos textos, como ilustramos nos exemplos 10-18.

Exemplo nº	Texto
10	D#1 – Nos EUA, uma pesquisa feita pela agência Harris Interactive a pedido da Intel, a maior fabricante de processadores do mundo, mostrou como a rede de computadores está mudando velhos hábitos de consumo e conquistando a passos largos o espaço que os americanos antes dedicavam a outras mídias e formas de lazer, como jantar fora, comprar roupas ou frequentar academias.
11	D#7 – partes externas do computador precisam ser limpas periodicamente para que o micro não se torne um foco de doenças (...) Veja como fazer a higienização das principais partes do computador
12	D#8 – Estudo da IBM indica que o número de usuários de sites de relacionamento deve superar 800 milhões em 2012
13	D#17 – Pesquisa revela hábitos do brasileiro no uso de rede social mais popular no país
14	D#18 – Cuidado com o computador Estudo nos Estados Unidos revela que as crianças são as maiores vítima de acidentes domésticos envolvendo micros (...)Os pesquisadores sugerem que os monitores mais leves causam menos acidentes.
15	D#19 – Nova tecnologia faz os dados digitais desaparecerem de propósito Um grupo de cientistas da área da computação da Universidade de Washington desenvolveu uma maneira de fazer com que mensagens eletrônicas se autodestruam depois de um período de tempo.
16	D#21 – (...) a empresa de pesquisas online comScore constatou que os usuários do Google são mais fiéis do que os de seus concorrentes.
17	D#23 – Aumenta a oferta de serviços legais de filmes e seriados online (C) no Brasil(...) segundo dados de julho do Ibope Nielsen Online, expansão que não deve parar por aí, porque a oferta de filmes para assistir pelo browser de internet ainda engatinha no Brasil.
18	D#25 – Foi o que descobriu o pesquisador Bogdan Calin, da empresa de segurança Acunetix, que publicou a lista em seu blog *(http://tinyurt.com/analisesenha).*"Iloveyou" e "tequiero" também estavam entre os mais usados.(...) Preste atenção Já que é bom trocar sua senha com freqüência, veja como fazer

Esses extratos textuais fazem alusão a processos materiais, verbais e mentais empregados nos textos. A identificação de processos verbais como, *mostrou,* no exemplo 10 (D#1)*, indica,* no exemplo 12(D#8) *e revela(ou),* identificados nos exemplos 13 (D#17) e 14 (D#18), *e* do processo mental *constatou*, no exemplo 16 (D#21), apontam para a projeção de orações que introduzem o relato de informações de outros contextos. O emprego desses processos sinaliza que os

leitores previstos para o caderno *D* são os que se interessam por recontextualizações de relatos de resultados de pesquisas.

O uso do processo material *desenvolveu, no exemplo 15 (D#19),* aponta para a apresentação de produtos criados. O mapeamento dos participantes, como por exemplo, *uma pesquisa, Internet, rede de computadores, lazer, estudos, partes computadores, sites de relacionamento, rede social, internautas, computador, vítimas de acidentes domésticos, micros, ferimentos, monitores mais leves, menos acidentes, nova tecnologia, mensagens eletrônicas, usuários do google (...)* identificados do exemplo 10 ao 17, permitiu inferir os temas de interesse dos possíveis leitores do caderno *D*.

Além disso, a identificação de orações formadas pelo uso de processos no modo imperativo e pelo uso da segunda pessoa, que interpelam e fazem proposições aos leitores, apresentando de dicas ou sugestões, como no exemplo 11, (em D#7), *(...) Veja como fazer a higienização das principais partes do computador* e no exemplo 18, (D#25) *Preste atenção* sugere que o jornalista está interagindo com os leitores que se interessam por aprender como realizar determinados procedimentos sobre temáticas em questão nos textos.

Por fim, os textos do caderno *C* indicam que os leitores previstos são os empresários que se interessam pela leitura de anúncios. Na identificação do público leitor desse caderno, também observei o uso de marcas linguísticas relativas aos participantes e processos usados pelos produtores dos textos, conforme podemos verificar nos exemplo 19-23.

Exemplo nº	**Texto**
19	C#6 – (...) A popularidade dos blogs é comprovada por várias pesquisas. Nessa onda de profissionalização de conteúdo, também é possível tornar o blog uma atividade rentável. A principal ferramenta para isso é o sistema de anúncio Google Ad Sense – publicidade colocada no site e que remunera o blogueiro à medida que os internautas utilizam o link.
20	C#9 – Cálculos das perdas das empresas é baseado na queda de produtividade para eliminar mensagens indesejadas (...) O dado foi divulgado pela McAFee,que analisou os altos custos gerados por esse tipo de ameaça as empresas de todo o mundo. O estudo revelou o impacto do crescimento astronômico dessas mensagens indesejadas para o mundo corporativo.
21	C#11 – Usuários de rede de compartilhamento compram até 10 vezes mais músicas (...) A mesma pessoa que baixa CDs ilegalmente via peer to peer (P2P) - redes de troca de arquivos entre internautas – também é a que tem mais probabilidade de comprar musica online legalmente. A constatação é de um estudo da BI Norwegian School of Management, da Noruega.(...)

22 C#12 – Um mundo sem computadores é uma realidade cada vez mais impensável. Principalmente o mundo dos negócios. Segundos dados levantados pela 4ª Pesquisa Sobre Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil – TIC Empresas 2008, 94% das companhias brasileiras utilizam PCs, percentual que sobe para 97% nas regiões Sul e Sudeste. Entre as empresas com mais de 50 funcionários, o índice alcança 100%. Índice de utilização de PCs chega a 100% entre as companhias brasileiras com mais de 50 funcionários (...) Mais da metade das corporações já abriu seu próprio site na internet

23 C#15 – Antivírus não é usado por 30% das pequenas e médias empresas no Brasil (...) Uma pesquisa realizada pelo instituto Applied Research, a pedido da empresa de segurança Symantec, indica que boa parte não adota procedimentos básicos de segurança em seus computadores e redes de informática, como manter antivírus, anti-spams e ferramentas de backup (cópias) de seus arquivos ou de restauração de serviços.

No caderno *C*, os textos fazem alusão a processos verbais como, por exemplo, *revelou, indica, foi* divulgado. Tal como nos cadernos anteriores, esses processos permitem pressupor que os consumidores desses textos se interessam por informações que recontextualizam conhecimentos oriundos de outros contextos.

O emprego de termos como *uma pesquisa, o estudo,* associados às palavras *atividade rentável, cálculo das perdas das empresas, faturamento global do setor fonográfico, companhias brasileira com mais de 50 funcionários, corporações* e termos que remetem à área de Informática, como por exemplo, *antivírus, anti-spams, mensagens indesejadas, Usuários de rede de compartilhamento, PCs,* sinalizam que, nesses textos, as recontextualizações envolvem pesquisas que tratam sobre recursos de Informática relacionados com o mundo corporativo. Isso indica que o público consumidor desses textos é o empresário que se interessa pela leitura de anúncios relacionados às tecnologias e ao mundo das empresas, visando lucros.

Os resultados da análise textual, portanto, confirmam algumas informações apresentadas por J, no que se refere aos consumidores dos cadernos *G, D* e das páginas *C*, conforme mostra o Quadro 4.5.

CADERNO	PRODUTOR DE TEXTO	CONSUMIDOR DE TEXTO
G	Jornalistas do *The New York Times* (05 textos) Jornalistas do *The Guardian* (01 texto) Jornalistas do ZH (02 textos)	Os leitores que se interessam por pesquisas sobre estudos experimentais, de automação, de construção de programas e por compras na internet.
D	Jornalista Vanessa Nunes (03 textos) Jornalistas do *The New York Times* (02 textos) Jornalistas do Correio Brasiliense (01 texto) Jornalista de ZH (03 textos)	Os leitores leigos em informática interessados em ler sobre resultados de pesquisas, nacionais e internacionais, sobre *internet*, rede social e navegadores, para fins de lazer e trabalho. Os leitores leigos em informática interessados em conhecer resultados de pesquisas relativas aos computadores e programas, com a finalidade de obter por informações procedimentais que orientem como usar os recursos de informática na vida diária.
C	Jornalistas do Correio Brasiliense (01 texto) Textos sem credenciais (08 textos)	Os leitores de anúncios de informática interessados em obter informações relacionadas às tecnologias e ao mundo corporativo.

Quadro 4.5 – Produtores e consumidores dos textos de PC publicados na seção de Economia de ZH em 2009, segundo a análise textual.

Fonte: Autora

Essas constatações revelam que, em termos de consumo as práticas discursivas de PC da área de Informática do jornal ZH, publicadas no caderno *G*, fazem alusão aos leitores que se interessam por pesquisas sobre estudos experimentais e comportamentais relativos ao uso de recursos de Informática, assim como sobre automação e construção programas. No caderno *D*, os textos fazem alusão a leitores leigos em Informática que se interessam pela recontextualização de relatos de resultados de pesquisas, versando sobre temas como *internet*, rede social e navegadores, para fins de lazer e trabalho. Os leitores previstos para esse caderno também se interessam por conhecer resultados de pesquisas que tratam sobre computadores e programas, com a finalidade de obter por informações procedimentais que podem orientar como usar os recursos de Informática na vida diária. Finalmente, no caderno *C*, os textos fazem alusão aos empresários, leitores de anúncios de informática, que se interessam por informações relacionadas às tecnologias e ao mundo corporativo.

Após o levantamento dos escritores e possíveis leitores dos textos de PC, o próximo passo relevante parece ser a investigação das vozes incluídas e excluídas nos textos do *corpus*.

4.2.1.3 Quais as vozes a que o público leitor tem acesso?

Considerando que os produtores dos textos do *corpus* são os jornalistas do *The New York Times, The Guardian,* Correio Brasiliense e ZH, fiz um levantamento, conforme mostram as Figura 4.2, 4.3 e 4.4 sobre a procedência, em termos de espaço geográfico, das informações apresentadas nos textos analisados.

A Figura 4.2 mostra que os textos produzidos por jornalistas do *The New York times* e do *The Guardian,* traduzidos e publicados no caderno *G*, recontextualizam relatos de pesquisas desenvolvidas nos Estados Unidos da América, no Canadá e em alguns países da Europa. Já a Figura 4.3 torna visível que os textos publicados no caderno *D*, cujas produções são realizadas por jornalistas do *The New York times, Correio Brasiliense e ZH*, recontextualizam relatos de pesquisas desenvolvidas no Brasil, nos Estados Unidos e em alguns países da Europa. Por fim, a Figura 4.4 mostra que os textos publicados nas páginas C, que têm como produtores os jornalistas de ZH, a partir de textos editados por agências de comunicação de empresas multinacionais, recontextualizam relatos de pesquisas a partir de estudos desenvolvidos no Brasil, nos Estados Unidos, em alguns países da Europa e Oceania.

Caderno G

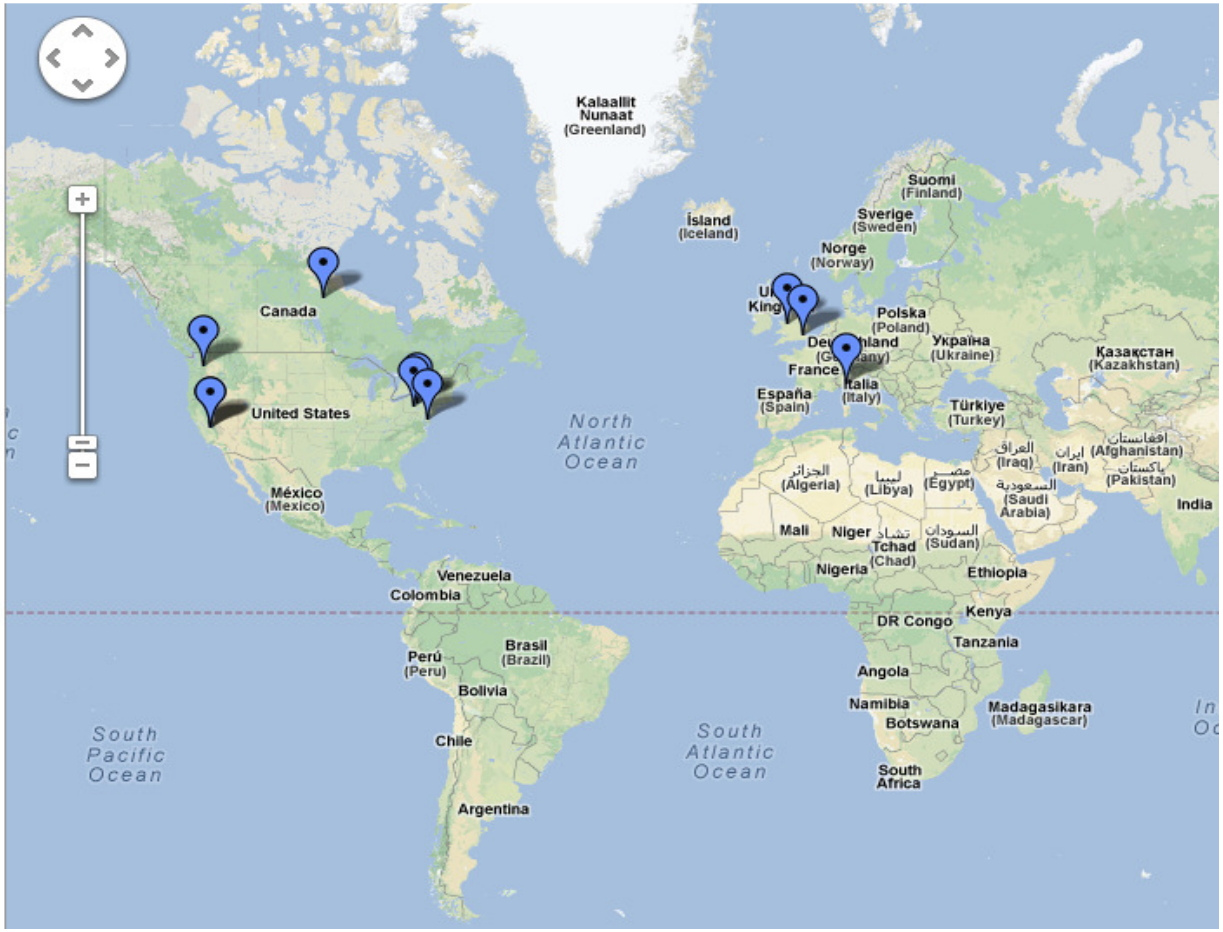


Figura 4.2 - Procedência geográfica das informações apresentadas nos textos de PC do caderno G do corpus

Caderno D

Figura 4.3 - Procedência geográfica das informações apresentadas nos textos de PC do caderno D do corpus

Páginas C

Figura 4.4 - Procedência geográfica das informações apresentadas nos textos de PC das páginas C do corpus

Essas informações apontam para uma multiplicidade de vozes que possibilitam ao leitor dos textos de PC de ZH a construção de várias representações. Várias vozes representadas nas notícias de PC se constituem como "uma oportunidade para representar as opiniões dos vários atores sociais, de acordo com o seu conhecimento acerca do assunto e sua posição dentro da comunidade discursiva a qual pertencem" (BEACCO, et al.,2002, p. 283).

A análise de textos de PC associada à observação dos mapas permite constatar que há uma variedade de vozes usadas na recontextualizações de relatos de pesquisas. Também é possível verificar nos textos que as vozes identificadas partem de diferentes posições enunciativas, de diferentes lugares de falas (MARCUZZO, 2011, p. 20), conforme explicado na seção *2.3.2*.

G
G#3 - Universidade de Washington (EUA) professora de Ciência da Computação da Universidade de Washington (EUA) para a IMB
G#4 – Cientistas do Instituto *Joint Quantum*, de Maryland (EUA)
G#16- Cientistas do Sandia National Laboratories, na Califórnia (EUA)
G#22 - Universidades Carnegie Mellon e Standford, financiado por Microsoft e Intel Pesquisadores
G#24 - Cientistas do vale do Silício (EUA) cientista de computação da Digital Space Engenheiro-chefe Peter Newman
G#26 - Centro Europeu de Pesquisas Nucleares (Cern), nos arredores de Genebra, Suíça
G#27 – patrocinado pela União Européia inventor dos veículos de bateria de Heathrow Empresa Britânica ATS
G#Gordon University, de Aberdeen (Escócia) Pesquisador Cristopher MacLeod
G#20 – Desenvolvedor Giuseffe Contanza Universidade Central Saint Martins Governo britânico em relatórios de entidades independentes de defesa do ambiente e de direitos do consumidor
D
D#1 – Agência Harris Interactive, a pedido da Intel
D#7 – Universidade Gama Filho, do Rio de Janeiro João Carlos Tórtora, orientador do trabalho Infectologista e professora da Universidade Católica de Brasília, Disney Fabíola Antezana Técnico em Informática Ilmaque Noleto e Kaleby Franco
D#8 –Institute for Business Value (IBV) da IBM Manzar Féres, diretor da área de telecomunicação da IBM para a América Latina Documento denominado Transformando o Papel da Indústria de Telecomunicação
D#17 – Google contratou estudo da Netpop Research Gerente de vendas do Google Brasil, Kika Oncken
D#18 The American Journal of Previdence Medicine Lara Mckenzi, principal autora e profissional do Hospital nacional das crianças de Ohio (EUA)

D#19 – Cientistas da área de Computação da Universidade de Washinghton
D#21 Empresa de pesquisa online com Score
D#23 – Ibope Nielsen Online Internauta Carlos Almada, diretor de criação de uma agência digital da Região Metropolitana de Porto Alegre Rodrigo Uchôa, diretor de desenvolvimento de novos negócios da Cisco, empresa que contratou estudo sobre o tema Professor de comunicação André Pase, da P ontífícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Sites – NetMovies, Saraiva Digital, Mundofox e Terra TV
D#25 – Pesquisador Bodgan Calin, da empresa de segurança Acunetix, Gerente de treinamento da empresa de segurança F-Secure no Brasil, Bruno Ricardo Gerente de engenharia de vendas para América Latina da Websense, Fernando Fontão Sites – Gmail, do Google, Yahoo! Mail e Hotmail, da Microsoft
C
C#1 - Estudo realizado pela Agência ChildWise
C#6 – Blogs de pessoas Analista de mídia do Ibope/NetRatings Professora de Comunicação Social do centro Universitário de Brasília, Mônica Prado Professora de Comunicação Social da Universidade federal do Rio Grande do Sul, Alex Primo Sites do Blogger, Wordpress e do Live Journal
C#9 – Empresa McAfee Jeff Green, vice-presidente sênior do McAfee Avert Labs
C#10 – Ibope Nielsen Online José Calazans, analista de Mídia do Ibope Nielsen Online
C#11 – Estudo da BI Norwegian School of Mangemente, da Noruega IFPI, entidade gravadoras do mundo todo
C#12 – 4ª Pesquisa Sobre Uso das Tecnologias e da Comunicação no Brasil – TIC Empresas 2008 Comitê Gestor da Internet no Brasil
C#13 – McAfee Jeff Green, vice-presidente sênior do McAfee Avert Labs
C#14 – Pesquisa Setor Bancário em Números, divulgada pela Federação Brasileira dos Bancos (Febraban) Diretor de Tecnologia e automação Bancária da Associação, Gustavo Roxo
C#15 – Instituto Applied Research, a pedido da empresa de segurança Symantec

Quadro 4.6 – Vozes reportadas nos textos de PC publicados na seção de Economia de ZH em 2009.

No Quadro 4.6, os extratos textuais do caderno *G* fazem alusão a pesquisas desenvolvidas em instituições de ensino superior, conforme as marcações em ver. Nesse caderno, em torno de 88% das recontextualizações de relatos de pesquisas são oriundas de universidades, institutos, laboratórios ou centros de pesquisas e cerca de 11% são elaboradas a partir de estudos desenvolvidos por empresas de produtos de Informática. As vozes identificadas nos textos desse caderno assumem o papel de cientistas, professores, engenheiros, inventores e estudantes, conforme pistas linguísticas marcadas em amarelo.

Os extratos textuais do caderno *D* fazem alusão a estudos desenvolvidos por agências de pesquisas (33%), empresas que atuam na área de Informática (33%) e

instituições de ensino superior (33%). Nesse caderno, as vozes encontradas são de autores, professores, orientadores, cientistas, pesquisadores, técnicos, diretores de empresas e de negócios e gerentes de vendas, de treinamentos e de engenharia em empresas. Algumas dessas vozes foram divulgadas em sites de empresas, como o *Google* e o *Hotmail*, de periódicos e de documentos produzidos por empresas.

No caderno C, os extratos textuais fazem alusão a relatos de pesquisas produzidos por agências de pesquisas (44%), por empresas privadas que atuam na área de Informática (22%) e por instituições educacionais (33%). As vozes encontradas nesse caderno desempenham funções de analista, professor, vice-presidente, diretor e blogueiro.

Com base nessas constatações, é possível afirmar que as pesquisa desenvolvidas por agências de pesquisas e por profissionais de empresas privadas da área de Informática são mais recorrentes nos cadernos e páginas da seção de Economia do jornal ZH. Assim, diferentemente das conclusões obtidas por Marcuzzo (2011), a partir da análise de notícias divulgadas em revistas especializadas em PC em língua inglesa (*ABC Science, Nature, BBC News e Scientific American*), o jornal ZH recorre mais frequentemente aos pesquisadores de empresas privadas do que aos pesquisadores que atuam em instituições educacionais na produção dos textos de PC.

Isso sugere que, para ZH, os pesquisadores das empresas privadas têm mais autoridade para comentar, avaliar e reportar descobertas científicas sobre Informática do que os pesquisadores de instituições nacionais e internacionais de ensino superior.

Sabendo que a seleção das fontes interfere na produção dos textos midiáticos, conforme mencionado na análise do Contexto de Situação, é possível sugerir que os textos de PC publicados em ZH assumem objetivos e configurações diferentes das notícias de PC publicadas em revistas especializadas em PC. Provavelmente, as diferenças observadas estejam relacionadas, também, com o público consumidor de cada mídia.

Além disso, o levantamento apresentado no Quadro 4.6 mostra que, nos nove textos publicados no caderno *G*, todos apresentam duas vozes. Assim, além da voz de um jornalista do *The New York Times,* há a voz de um pesquisador e de um estudo nos textos. Já no caderno *D*, dos nove textos apresentados, quatro apresentam mais de duas vozes. Além da voz do jornalista, outras três vozes

interagem nos textos. Por fim, os textos do caderno *C*, dos nove textos analisados, cinco apresentam, além da voz do jornalista, mais de duas vozes.

Esses resultados mostram que em 50% dos textos de PC, o produtor do texto reformulou e explicou informações científicas a partir de uma pluralidade de vozes (BEACCO et al, 2002, p. 283) para atingir os objetivos previstos na produção dos textos. Sobre a representação das vozes, trato na próxima seção.

4.2.1.4 Quais as diferentes formas de representação das vozes do discurso nos textos analisados?

Para responder essa questão, procuro descrever e interpretar como as vozes dos pesquisadores, dos técnicos, do público e do governo são representadas e quais as funções que desempenham nos textos de PC publicados na seção de Economia do ZH.

Ao tratar da intertextualidade manifesta, das relações explícitas que um texto estabelece com outros textos, Fairclough (2001) propõe cinco categorias analíticas: a pressuposição, a negação, a representação do discurso indireto livre (RIL), a representação do discurso indireto (RI) e a representação do discurso direto (RD). Neste estudo, detenho-me na análise da RIL, RI e RD.

Os termos *RD* e *RI* de Fairclough correspondem aos conceitos de *Citação* (trechos do discurso alheio, nas mesmas palavras em que foi proferido, marcados explicitamente por, por exemplo, aspas) e *Relato* (trechos do discurso alheio, interpretado pelo autor e introduzido por uma oração projetante) de Halliday e Matthiessen (2004). Já a RIL consiste em uma mistura de vozes que apresenta o conteúdo do outro sem a introdução explícita de uma oração hipotática ou marcada por travessão, por exemplo.

Na análise dos textos de PC, observei como se manifestam linguisticamente as categorias RD, RI e RIL nos cadernos e páginas de Economia de ZH. Na RIL, os produtores dos textos apresentam, por meio do fenômeno da ambivalência, vozes do discurso relatado e do relatador que se mesclam nas orações, conforme mostram os exemplos 24, 25 e 26.

Exemplo nº	Texto
24	G#3 - Uma tecnologia digital simples de usar poderá tornar mais difícil distorcer a história no futuro.
25	D#25 - Na análise de 10 mil senhas do Hotmail que vazaram na internet no início deste mês, a combinação “123456” predominou, seguida por “123456789”.
26	C#9 - 87% dos usuários da web nos lares brasileiros já navegam por meio de conexões de alta velocidade.

Nesses exemplos, as orações são estruturadas de modo a promover uma mistura de vozes que deixa pouco claro se o que está sendo reportado é discurso representado ou não (FAIRCLOUGH, 2001, p. 142). Em G#3, o texto é produzido por um jornalista que expressa um discurso de um pesquisador que atua em uma instituição legitimada no desenvolvimento de pesquisa científica. Nesse extrato de texto, o leitor pode inferir que um profissional de uma instituição de ensino superior criou *uma tecnologia simples de usar que poderá tornar difícil distorcer a história.* Já o texto D#25, o texto é produzido por um jornalista que faz a recontextualização de um discurso que relata os resultados de uma pesquisa elaborada por um profissional de uma empresa internacional, ou seja, por uma fonte não oficial de pesquisa. Tal pesquisa relata os resultados de uma análise envolvendo *10 mil senhas do Hotmail.* No texto C#29, novamente, a voz empregada é de um jornalista e o discurso é de uma fonte não oficial de pesquisa. Portanto, o responsável pela descoberta de que *87% dos usuários da web nos lares brasileiros já navegam por meio de conexões de alta velocidade* é um profissional de uma empresa privada da área de Informática e o responsável pela publicação da recontextualização desse resultado no jornal ZH é um jornalista.

Na RI, o jornalista apresenta, por meio de paráfrases, vozes de outras posições enunciativas (pesquisadores, técnicos, diretores, etc.) que conferem objetividade e credibilidade às informações apresentadas nos textos. Nessa forma de representação discursiva, o jornalista emprega três estratégias na produção de textos de PC, conforme mostram os exemplos 27, 28 e 29.

Exemplo nº	Texto
27	D#25 – Foi o que descobriu o pesquisador Bogdan Calin, da empresa de segurança Acunetix, que publicou a lista em seu blog (*http://tinyurl.com/analisesenha*).
28	G#3 – Batya, porém, diz que seu trabalho vai além da simples preservação dos dados.
29	C#9 – O número de usuários ativos na internet nos lares brasileiros aumentou para 24,8 milhões em fevereiro passado, segundo levantamento do Ibope Nielsen Online.

No exemplo 27 (em D#25), a estratégia usada na RI é a produção de oração hipotática[23], que menciona o nome da voz, cujo discurso será citado na forma de uma paráfrase, depois da especificação da fonte. A paráfrase apresenta o que foi dito mediante mudanças de tempo verbais (marcadas no extrato textual em verde) e dêiticas (marcadas no extrato textual em vermelho). As mudanças linguísticas se referem ao falante, no caso ao jornalista. Mais especificamente, as mudanças estão relacionadas ao tempo e ao espaço em que a enunciação foi produzida, tendo como ponto de referência o momento presente, com relação à representação direta do discurso. Essas alterações permitem que o leitor construa uma ideia do que está sendo enunciado. Nessa forma de representação, a perspectiva central da oração projetada é a do locutor (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 452-3). Outra forma de apresentação da RI encontrada nos textos é a que começa com a referência a uma fonte e reproduz as ideais dessa fonte por meio de uma paráfrase, conforme mostra o exemplo 28 (em G#3). A terceira forma de apresentação da RI, efetiva-se por meio de uma paráfrase das ideias apresentadas por uma fonte, sendo finalizada por um marcador que indica a autoria do texto (BAZERMAN, 2004, p. 88-9), como no exemplo 29 (em C#9).

Segundo Halliday e Matthiessen (2004), o princípio que sustenta qualquer tipo de RI em um evento verbal é a não fidelidade ao enunciado. O foco principal dessa representação discursiva é calcado no sentido, na ideia do que é dito e não no fraseado.

Na RD, o jornalista promove a abertura do diálogo e do debate nos textos de PC, por meio da apresentação do discurso do relatador. Na RD, conforme mostram os exemplos 30, 31 e 32, as estratégias discursivas usadas nos dois cadernos e nas páginas de ZH são, em geral, as mesmas.

[23] Na gramática tradicional, a hipotaxe equivale às orações subordinadas.

Exemplo nº	Texto
30	G#3 – -A analogia mais próxima são as abordagens revisionistas do Holocausto, nas quais alega-se que pessoas não foram levadas a campos de concentração. Não é preciso se um gênio para supor que, no futuro, alguns dirão que 800 mil pessoas não foram massacradas (em Ruanda) – compara Batya Friedman, professora de Ciência de Computação na Universidade de Washington.
31	D#25 – - As pessoas procuram fazer as coisas de uma maneira muito fácil, o que é perigoso – alerta o gerente de treinamento da empresa de segurança F-Secure no Brasil, Bruno Ricardo.
32	C#9 – - O spam está custando às empresas mais do que elas imaginam, diz Jeff Green, vice-presidente sênior da McAfee Avert Labs.

Esses extratos textuais sinalizam que a RD é constituído por um travessão, seguido pelo discurso relatado, tal como mostram as marcações em amarelo, pela função do relatador da pesquisa e pelo nome da instituição que o relatador representa na oração, em vermelho, mais o nome do relator, conforme mostra as marcações em verde A segunda forma de apresentação da RD é semelhante a primeira e à última forma de apresentação descrita. A diferença está na ordem da apresentação do relator e das suas credenciais.

Conforme a Figura 4.7, a RIL é a forma recorrentemente empregada nos textos de PC da área de Informática.

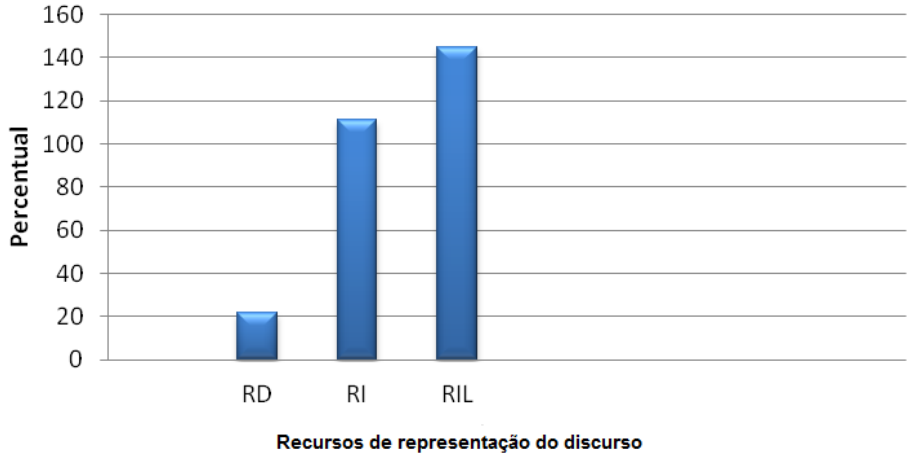


Figura 4.5 – Recursos de representação do discurso de PC da área de Informática em ZH em 2009

Cada uma dessas formas de representação assume diferentes funções nos textos. A RIL tem por função criar um efeito de sentido dúbio nos textos, situado entre a subjetividade e objetividade, e guiar o leitor com vistas a sua interpelação, enquanto que a RI visa garantir agilidade e conferir credibilidade na apresentação das informações e a RD tem por objetivo possibilitar o diálogo nos textos analisados.

Na próxima subseção, demonstro como essas representações discursivas (RIL, RI e RD) se efetivam e trato das funções que cada uma desempenha nos cadernos e páginas de ZH em estudo.

4.2.1.5 Como a representação discursiva se efetiva e quais as funções que elas desempenham nos textos de PC na seção de Economia de ZH?

Para melhor compreensão das representações discursivas encontradas no *corpus,* o exemplo 33 apresenta uma amostra do que é verificado nos textos. Nesse exemplo, a recontextualização de relatos de resultados de PC se efetiva por meio da apresentação da RIL no início do primeiro e do segundo parágrafo do texto, conforme marcas em amarelo, seguido, pela inserção da RI, em verde, e pelo uso da RD no final dos textos. No texto, o jornalista apresenta a recontextualização de um relato dos resultados de uma pesquisa desenvolvida na Universidade de Washington, nos EUA, que reporta vozes do pesquisador envolvido no estudo realizado.

Exemplo nº	Texto
33	Uma arma contra as fraudes digitais Cientistas criam nova verificação de autenticidade de arquivos The New York Times John Markoff Uma tecnologia digital simples de usar poderá tornar mais difícil distorcer a história no futuro. Na última semana, pesquisadores da Universidade de Washington (EUA) lançaram as bases para um sistema público de autenticação dos arquivos de vídeo de entrevistas com promotores e outros membros do Tribunal Criminal Internacional para o Genocídio de Ruanda. A intenção é que o sistema (veja quadro ao lado) esteja disponível para uso futuro na preservação digital e na comprovação de registros originais de julgamentos de crimes de guerra genocídios e outras atrocidades. Um instrumento como esse tornou-se importante porque hoje é possível alterar texto, áudio e vídeo em formato digital de maneira imperceptível. Conforme os cientistas, a história da humanidade é repleta de episódios de adulteração, eliminação e negação de registros. Agora, afirmam a autenticidade de documentos como vídeos, transcrições de depoimentos e atas de julgamentos poderá ser indiscutivelmente provada pela primeira vez. - A analogia mais próxima são as abordagens revisionistas do Holocausto, nas quais alega-se que pessoas não foram levadas a campos de concentração. Não é preciso ser um gênio para supor que, no futuro alguns dirão que 800 mil pessoas não foram massacradas (em Ruanda) – compara Batya Freidman, professora de Ciência da Computação na Universidade de Washington.

Inicialmente, o produtor do texto apresenta informações e interpela o leitor por meio da apresentação de uma RIL (trecho marcado em amarelo). Depois, ele acrescenta informações que garantem credibilidade ao que foi dito (trecho marcado em verde) por meio de uma RI e, por fim, ele abre caminho para o diálogo/debate de ideias (trecho marcado em vermelho) com a inserção da RD.

Ao fazer a primeira citação *Uma tecnologia digital simples de usar poderá tornar mais difícil distorcer a história no futuro*, sem a oração relatadora, o jornalista assume uma dupla voz, visto que mescla vozes do discurso representador e do representado (FAIRCLOUGH, 2001, p. 154) para interpelar o leitor. Essa mescla de vozes promove o fenômeno da ambivalência (FAIRCLOUGH, 2001, p. 141).

A ambivalência tem por função criar, segundo Fiorin e Platão (2003, p. 184), um efeito de sentido situado entre a subjetividade e a objetividade por envolver duas vozes. Conforme Nascimento (2011, p. 84), entretanto, o jornalista mistura a sua própria voz à voz dos outros atores sociais (principalmente o pesquisador), apresentando o mesmo grau de assertividade da fonte, para guiar a interpretação do

leitor com relação ao grau de probabilidade dos resultados reportados. De acordo com Fairclough (2001, p. 141) o uso desse fenômeno nos textos jornalísticos funciona como uma estratégia de interpelação do leitor, como uma importante dimensão que opera na lógica do mercado.

Nessa primeira representação discursiva, o jornalista não torna explícito para o leitor se o discurso marcado em amarelo é dele ou do pesquisador. O uso dessa estratégia de linguagem mostra que o jornalista assume dupla voz, a de representador ou organizador do texto, e a de representado ou de pesquisador responsável pelas conclusões da pesquisa. Os recursos linguísticos usados para gerar a dupla voz se materializam pela omissão da oração relatadora e pela apresentação das informações no mesmo grau de assertividade (NASCIMENTO, 2011, p. 68) da oração reportada pela fonte pesquisadora.

Na segunda representação discursiva, marcada em verde, o jornalista usa uma RI. Para isso, ele faz referência a uma fonte de pesquisa ligada a uma instituição de ensino superior dos EUA, *Universidade de Washington (EUA*), e cita a voz dos *pesquisadores*. Constrói uma paráfrase que reproduz o discurso dos pesquisadores com suas próprias palavras, mencionando *Na última semana,(...) lançaram as bases para um sistema público de autenticação dos arquivos de vídeo de entrevistas com promotores e outros membros do Tribunal Criminal Internacional para o Genocídio de Ruanda*. Nesse trecho do texto, o autor confere credibilidade quando faz referência a uma fonte de pesquisa que pertence a uma instituição de ensino superior dos EUA, *pesquisadores da Universidade de Washington,* e confere agilidade na apresentação das informações quando seleciona as partes que considera importante e faz o relato não literal das ideias. Assim, no exemplo 33, a referência à fonte é realizada pela posição enunciativa, menção ao nome da instituição de pesquisa e reprodução, na forma de paráfrase, do discurso dos pesquisadores.

Na terceira representação discursiva, marcada em amarelo no mesmo exemplo, o jornalista volta a fazer uso de uma RIL e, na quarta representação, sinalizada em verde, ele usa uma RI.

Na quinta representação, o jornalista usa a RD. Essa forma de representação é sinalizada pelo uso do travessão, da apresentação do conteúdo/palavras do que foi dito pelo pesquisador e pelo emprego de outro sinal de travessão, associado ao processo verbal no presente do indicativo (*compara),* ao nome da voz, à indicação

da posição dessa voz e ao nome da instituição que essa voz representa, mencionado – *compara Batya Freidman, professora de Ciência da Computação na Universidade de Washington.*

Na sequência do exemplo, o jornalista opta por intercalar uma RIL e uma RI na apresentação de informações sobre a mesma pesquisa, tais como aspectos sobre a metodologia empregada pelos pesquisadores na realização do estudo, os conceitos a partir de estudos prévios, as implicações da pesquisa e os experimentos realizados a partir da construção do programa.

O uso de estratégias discursivas como a RIL, RI e RD pode garantir credibilidade e agilidade na apresentação das informações e abrir caminho para réplica e, quem sabe, a tréplica em um texto, mas a discussão de ideias não fica assegurada por si só. O debate de ideias pode acontecer se o jornalista optar por recontextualizar mais de um relato de pesquisa, recorrendo a diferentes fontes, com perspectivas distintas, na produção de texto de PC.

Nos textos de PC analisados, o debate de ideias não é verificado. Em 75% dos textos, há duas vozes em 75%, ou seja, a voz do jornalista e de outra posição enunciativa, como por exemplo, de um pesquisador. Entre os textos que apresentam mais de duas vozes (25%) somente um deles reporta perspectivas opostas sobre os fatos apresentados. Nos demais textos, as vozes são estruturadas de modo a enfatizar a apresentação de procedimentos que o leitor poderia realizar no seu dia-a-dia, a apresentação de benefícios que a comunidade empresarial pode obter ao usar/adquirir o produto de informática anunciado no estudo. Nesses textos, o jornalista construiu a informação, ou seja, reformulou e recontextualizou as informações científicas com base numa polifonia (BEACCO et al, 2002, p. 280), sem promover um conflito de ideias. O número de vozes mobilizadas e o modo como elas são apresentadas, ou seja, incluindo informações que se complementam na recontextualização de PC da área de Informática em ZH, sugere que os textos de PC são produtos voltados ao consumo do leitor e o jornalista parece assumir o papel de tradutor de vozes (BEACCO et al, 2002, p. 27).

No caderno G, os jornalistas empregam a RIL, RI e RD mobilizando vozes ligadas a instituições educacionais de pesquisas. Essas vozes assumem papéis de cientistas, pesquisadores, professores, desenvolvedores, inventores. Dos nove textos desse caderno, um mobilizou quatros vozes para abordar o mesmo tema da pesquisa envolvendo um projeto de dissertação desenvolvido nos EUA. Nesse texto,

as vozes se inspiram, lançam, dizem e definem aspectos relativos ao projeto. Nos demais textos, as vozes estabelecem analogias, definições e afirmações relacionadas aos temas e resultados das pesquisas. Desse modo, em todos os textos as vozes selecionadas se complementam na apresentação das informações sobre o estudo.

Nesse caderno, portanto, assim como constatou Marcuzzo (2009) na análise de notícias em inglês de revistas especializadas, há uma representação elitista e unilateral da ciência. A ciência assume um caráter de verdade, visto que os textos não elucidam contraposições entre resultados de pesquisas apresentadas. Isso induz o público leitor, formado por alunos e interessados por pesquisas científicas, a um comportamento sem reflexão e à centralização do conhecimento segundo Garcia e Barichello (2003, p. 133) com base em Santos et. al. (2001, p. 207).

No caderno D, os jornalistas usam a RIL, RI e RD e mobilizam vozes de diversos segmentos da sociedade, quais sejam de instituições de ensino superior, de profissionais da área técnica, de agências de pesquisas, profissionais de empresas privadas. Nesses contextos, as vozes representam as posições enunciativas de pesquisadores, orientadores, professores, autores de textos acadêmicos, técnicos, agências de pesquisa, diretores e gerentes de empresas. Dos nove textos desse caderno, três apresentam evidências de que o produtor do texto mobilizou mais de duas vozes para abordar o mesmo tema da pesquisa. Em todos os textos, no entanto, as vozes mobilizadas, novamente, cumprem a mesma função, complementar a apresentação das informações sobre o estudo, conforme sinalizam os empregados nos textos. A observação de processos empregados nos textos mostra que as vozes analisam, afirmam, alertam, explicam, justificam, constatam, opinam, descobrem, revelam, alertam, sugerem, mostram, destacam, apontam, dizem, afirmam, constatam, apuram, acreditam, alertam sobre aspectos relacionados aos temas e resultados das pesquisas.

Nesse caderno, a representação da ciência deixa de ser elitista, visto que os textos apresentam resultados de pesquisas produzidas por atores de diferentes segmentos sociais. Entretanto, continua sendo unilateral, pois a maior parte dos estudos reportados apresentam vozes que se complementam, mas não promovem o debate sobre as questões abordadas nas pesquisas. Nesse caderno, a ciência é representada como um bem que precisa ser conhecido e consumido pela sociedade.

Nas páginas C, os jornalistas empregam a RIL, RI e RD e mobilizam vozes de diversos segmentos sociais novamente, tais como, técnico, agências de pesquisas, empresas de Informática, analistas, gerentes de determinados departamentos de empresas e *blogueiros.* No entanto, essas vozes são mobilizadas para analisar, descrever, dizer, informar, afirmar, comentar, mostrar, constatar, demonstrar, avaliar resultados de pesquisas, de modo a tornar os resultados das pesquisas úteis e rentáveis economicamente para os leitores, ou seja, aos empresários que se interessam por ler anúncios publicados na seção classificados de Informática em ZH.

Nesse caderno, há uma representação da ciência como verdade absoluta e sensacionalista, usada para vender produtos que promovem ganhos de produtividade para as empresas. Essa representação é marcada pela mobilização de vozes que podem convencer o leitor sobre a necessidade de uso ou a aplicação de determinada técnica, para viabilizar a transferência tecnológica nas empresas e despertar empresários ao investimento em novas tecnologias, atraídos por possíveis ganhos de produtividade. A voz do público, que poderia problematizar a relevância das pesquisas publicadas nas páginas C, não aparece nos textos. Tal como Braga (1996, p. 60), acredito que nesses textos são usadas técnicas de publicidade para convencer o leitor.

As representações discursivas empregadas nos textos das páginas C mostram que a recontextualização de relato de resultados de uma pesquisa é realizada por meio da inserção de vozes, sem que haja, no entanto, a promoção de um debate sobre os resultados do estudo. Essas vozes tipicamente têm função de reportar os resultados de uma pesquisa e ensinar o leitor sobre o tema abordado no texto, bem como incentivá-lo ao consumo.

Para identificar os gêneros de PC produzidos e publicados em ZH, detenho-me na análise da organização retórica dos textos do *corpus* na próxima seção.

4.2.2 Organização retórica: uma amostra descritiva para a identificação de gêneros discursivos

Com essa análise, tenho por objetivo explicitar o(s) propósito(s) comunicativo(s) de cada um dos 27 textos de PC do *corpus*, a partir da identificação, descrição e interpretação dos movimentos e passos retóricos, levando em consideração os estudos de Swales (1990) e Motta-Roth (2009). Desse modo, procuro identificar, descrever e interpretar o modo de organização dos textos, com a finalidade de verificar como eles se configuram em termos de gêneros discursivos, confrontando com informações levantadas na análise do contexto.

Na análise de notícias de PC publicadas em revistas especializadas, tal como consta na seção 2.3.1, Motta-Roth (2009) identificou seis movimentos, 17 passos retóricos e dois elementos recursivos, que aparecem mais de uma vez no texto, sem seguir uma ordem rígida[24].

De modo resumido, os movimentos retóricos identificados por Motta-Roth (2009) são M1 – LIDE/Conclusões das pesquisas popularizadas, M2 – Apresentação da pesquisa, M3 – Referência ao conhecimento prévio, M4 – Descrição da metodologia, M5 – Explicação dos resultados e M6 – Indicações de conclusões da pesquisa popularizada. Os elementos recursivos são A – Alternância de vozes e B – Explicação de princípios e conceitos.

Para exemplificar como desenvolvi a análise da organização retórica, considerando os estudos mencionados, apresento o exemplo 34. Nessa amostra, analiso um dos textos do *corpus* e indico os movimentos e passos retóricos, assim como os elementos recursivos identificados.

[24] Ver Capítulo 3.

Exemplo nº 34	**Texto**
Título	**(1A)** Um robô que aprende
1º§	**(1D) (3A)** Assim como a evolução natural levou o cérebro a crescer e a tornar mais aptos os seres humanos para sobreviverem melhor ao mundo em seu entorno – **[(B** - aposto)um processo de milhões de anos **]** – **(2A)** cientistas escoceses **(2B)** criaram um robô cujo software permite que se adapte e melhore suas atividades em questão de horas. **(5A)** A máquina, **[(B)** elaborada na **(C)** Gordon University, de Alberdeen (Escócia)**]**, aumenta automaticamente sua "inteligência" e complexidade à medida que o mesmo acontece com sua estrutura física.
2º§	**(3C)** Atualmente, as máquinas não conseguem realizar essas mudanças sozinhas sem redesenharem totalmente seu software, **[(B)** algo que é caro e pouco operacional.] **(5B)** Por isso, o trabalho da equipe de inteligência artificial e **(2A)** do professor Christopher MacLeod pode ser de grande ajuda.
3º§	**(D – imagem) [(A5)** - Se realmente queremos construir robôs humanoides com ainda mais sensores e comportamentos mais elaborados, é fundamental que possam crescer em complexidade à medida que o tempo passa, **(5C1**) como fizeram as criaturas biológicas**]** – afirma MacLeod em **(2D)** artigo publicado no último número da revista New Scientist.
4º§	**(5A)** O software do robô desenhado **(C)**na universidade escocesa atribui de forma automática novos grupos de **(B)** "neurônios" destinados a adaptar seu funcionamento a elementos que forem incorporados à sua estrutura original. Uma rede neural controla o robô através de um sistema formado por uma série de módulos de processadores interligados que **(6A)** podem ser programados para realizar as ações desejadas.
5º§	**(A1) (2D)** Conforme o artigo da New Scientist, **(5B)** se o objetivo de uma tarefa for manter o equilíbrio, e o robô receber em seus sensores o sinal de que está caindo, a reação será movimentar suas extremidades para tentar ficar de pé. Caso continue de pé, a combinação de ações que forem necessárias para isso serão guardadas nos processadores, mas, se não conseguir e cair, o robô fará novos ajustes para tentar algo diferente quando voltar a ocorrer o problema. Encontrar a melhor combinação não é fácil, **(A1)** admitem os pesquisadores. **(4A)** Por isso, foi empregado **(4B)** um algoritmo evolutivo para ajudar o sistema de controle a se adaptar da melhor maneira.

O exemplo 34 inicia com o Movimento 1, cujo objetivo é recrutar o leitor por meio da apresentação do título (**(1A)** *Um robô que aprende*) e de uma contextualização no primeiro parágrafo do texto. Na contextualização, o jornalista estabelece uma comparação entre a evolução do cérebro humano com o desenvolvimento de um robô ao mencionar *(**(1D) (3A)** Assim como a evolução natural levou o cérebro a crescer e a tornar mais aptos os seres humanos para sobreviverem melhor ao mundo em seu entorno*). Essa contextualização parece funcionar como um andaime pedagógico que ajuda o leitor na recuperação de conhecimentos prévios do leitor e na previsão do conteúdo a ser tratado no texto.

Essas evidências textuais indicam que o estudo versou sobre a construção de um produto, ou seja, sobre a criação de ***(2B)*** *um robô cujo software permite que se adapte e melhore suas atividades em questão de horas*. A segunda oração desse mesmo parágrafo cita os resultados do trabalho e destaca, por meio de uma glosa, o nome da instituição responsável e o local de realização do estudo ***(5A)*** *A máquina,* ***[(B)*** *elaborada na* ***(C)*** *Gordon University, de Alberdeen (Escócia)****]****, aumenta automaticamente sua "inteligência" e complexidade à medida que o mesmo acontece com sua estrutura física.*

No segundo parágrafo, que corresponde ao Movimento 3, cujo objetivo é mencionar o conhecimento estabelecido, o jornalista indica limitações no conhecimento estabelecido. A lacuna no conhecimento é identificada por meio das circunstâncias de tempo "Atualmente, (...)" e de negação *"não" e "sem"*, tal como é possível verificar na oração, ***(3C)*** *Atualmente, as máquinas não conseguem realizar essas mudanças sozinhas sem redesenharem totalmente seu software*. Essa oração negativa destaca o que as máquinas não conseguem realizar com os programas existentes e, em seguida, por meio da nova glosa que acrescenta novas explicações, tais como, ***[(B)*** *algo que é caro e pouco operacional*, o autor descreve como o sistema existente se caracteriza. No final do segundo parágrafo, o jornalista insere informações vinculadas ao Movimento 5, que têm por finalidade explicar os resultados da pesquisa. Nesse estágio do texto, para esclarecer o significado dos resultados da pesquisa e garantir credibilidade às informações, o redator do texto recupera, por meio de uma representação do discurso indireto (RI), a voz do professor envolvido no estudo, conforme é verificado em (***(5B)*** *Por isso, o trabalho da equipe de inteligência artificial e* ***(2A)*** *do professor Christopher MacLeod pode ser de grande ajuda.).*

No terceiro parágrafo, uma figura colocada no lado esquerdo do texto mostra um robô de brinquedo. Nessa figura, há uma imagem de uma máquina pequena, com rodas, eletrodos e diversos outros elementos eletrônicos de várias cores, com forma similar a um *carrinho de brinquedo*. Abaixo da foto, está o seguinte texto: *Imagem do protótipo escocês, que lembra um carrinho de brinquedo*. Com essas evidências, o texto não verbal parece ter sido usado com o propósito de detalhar e facilitar o entendimento da pesquisa em si, cujo tema principal é a divulgação dos resultados de um estudo sobre um robô que aprende. A imagem do robô em questão cria outra analogia, diferente daquela apresentada no primeiro parágrafo do

texto, em que o objeto é representado por um humanoide. Na figura, o jornalista lança mão de uma comparação com um *carrinho de brinquedo*. Essa comparação aproxima a identificação do protótipo, com um elemento familiar para o leitor, pois a imagem de um *carrinho de brinquedo* faz parte do repertório de experiências da maioria das pessoas a partir de sua infância.

Ao lado da figura, consta a reprodução da voz do professor *Christopher MacLeod*, por meio da RI. Usando um travessão e o processo verbal *afirma,* o jornalista reproduz a voz do professor, sugerindo a ideia de que o texto foi transcrito tal como mencionado pelo pesquisador ***[(A5)*** *- Se realmente queremos construir robôs humanoides com ainda mais sensores e comportamentos mais elaborados, é fundamental que possam crescer em complexidade à medida que o tempo passa,)*. No final do discurso reproduzido, cujo início é marcado pela partícula "*se",* o professor recupera a comparação apresentada no início do texto e, por meio de uma oração comparativa, resgata a analogia apresentada na contextualização, no início do texto, conforme consta nesses parênteses (***(5C1)*** *como fizeram as criaturas biológicas**]**).* No encerramento desse parágrafo, por meio do processo verbal "*afirma*", o jornalista torna explícito o nome do pesquisador e o nome da revista usada pelo jornalista para ter acesso às informações primárias que serviram de base para o jornalista gerar a recontextualização do relato apresentado (– *afirma MacLeod em* ***(2D)*** *artigo publicado no último número da revista New Scientist*.).

No quarto parágrafo, o editor do texto se atém à explicação dos resultados e à indicação de conclusões da pesquisa, conforme previsto, respectivamente, nos Movimentos 5 e 6, da representação esquemática proposta por Motta-Roth (2009), conforme descrevi na seção 2.3.1. Nesse parágrafo, por meio do processo *atribui*, o jornalista cita o que o robô faz e mostra o resultado encontrado no trabalho. Além disso, ao mencionar *(****(5A)*** *O software do robô desenhado* ***(C)*** *na universidade escocesa atribui de forma automática novos grupos de* ***(B)*** *"neurônios" destinados a adaptar seu funcionamento a elementos que forem incorporados à sua estrutura original. Uma rede neural controla o robô através de um sistema formado por uma série de módulos de processadores interligados que* ***(6A)*** *podem ser programados para realizar as ações desejadas.)*, há um resgate da analogia com o cérebro humano. No final desse parágrafo, por meio de uma oração modalizada, o texto sinaliza para a finalidade do estudo, por meio do uso de um processo que expressa *para realizar as ações desejadas.*

No quinto parágrafo, o jornalista emprega uma RI e cita novamente a fonte primária responsável pelas informações apresentadas no texto, contextualizando o estudo ao mencionar **(A1) (2D)** *Conforme o artigo da New Scientist (...*). Em seguida, o autor do texto esclarece o significado dos resultados alcançados no desenvolvimento de experimentos, (***(5B)*** *se o objetivo de uma tarefa for manter o equilíbrio, e o robô receber em seus sensores o sinal de que está caindo, a reação será movimentar suas extremidades para tentar ficar de pé. Caso continue de pé, a combinação de ações que forem necessárias para isso serão guardadas nos processadores, mas, se não conseguir e cair, o robô fará novos ajustes para tentar algo diferente quando voltar a ocorrer o problema. Encontrar a melhor combinação não é fácil,...),* resgatando a voz dos pesquisadores por meio de marcas linguísticas que remetem à representação do discurso indireto (**(A1)** *admitem os pesquisadores*.) Na última oração do texto, o editor usa o processo (*foi empregado),* para descrever rapidamente a metodologia empregada e explicitar um recurso, por meio do participante (*algoritmo)* usado no desenvolvimento do estudo reportado (***(4A)*** *Por isso, foi empregado* ***(4B)*** *um algoritmo evolutivo para ajudar o sistema de controle a se adaptar da melhor maneira*).

Nessa descrição analítica, identifiquei os seis movimentos retóricos (M1 – Conclusões da pesquisa, M2 – Apresentação da pesquisa, M3 – Referência ao conhecimento prévio, M4 – Descrição da metodologia, M5 – Explicação dos resultados da pesquisa e M6 – Indicações de conclusões da pesquisa) e os dois elementos recursivos (A – Alternância de vozes e B – Explicação de princípios e conceitos) propostos por Motta-Roth (2009). Mesmo que não tenha constatado nessa análise os passos objetivos da pesquisa (M2c), sugestões de pesquisas futuras (M6b), indicações de limitações da pesquisa (M6d) nem a voz do público (A4), é possível mencionar que o texto visa recontextualizar o relato dos resultados de uma pesquisa científica sobre automação, com foco na apresentação de conclusões da pesquisa, de conhecimentos científicos, assim como de procedimentos metodológicos e na explicação dos resultados ao leitor.

Assim, considerando os resultados obtidos na análise do contexto, em que o jornalista entrevistado menciona que o jornal ZH publica notícias de pesquisas da área de Informática, e os resultados da análise do texto, relativos aos movimentos e passos retóricos, bem como aos elementos recursivos, é possível afirmar que o texto descrito nesta seção se aproxima das características identificadas nas análises

realizadas por Motta-Roth (2009) e, portanto, pode ser classificado como pertencente ao gênero notícia de PC.

A organização textual descrita nessa notícia de PC, a qual foi publicada no caderno *Globaltech –Ciência, Tecnologia e Inovação* e *ZH Digital* em ZH, entretanto, não foi evidenciada em todos os textos do *corpus.* Dos 27 textos, estrutura retórica semelhante foi encontrada em nove dos textos publicados nos cadernos G, e nas páginas D.

Nas nossas análises, os textos de PC que se aproximam da representação esquemática da organização retórica da notícia de PC são identificados como:

Textos
D#1. Loucos por internet. **Zero Hora**, Porto Alegre, 14 jan. 2009. ZH Digital, Comportamento, p. 5. G#5. Um robô que aprende. **Zero Hora**, Porto Alegre, 9 fev. 2009. Globaltech: ciência, tecnologia e inovação, p. 3. D#8. Todo mundo na rede. **Zero Hora**, Porto Alegre, 11 mar. 2009. ZH Digital, p.1. G#16. No encalço dos crackers. **Zero Hora**, Porto Alegre, 03 ago. 2009. Globaltech: ciência, tecnologia e inovação, p. 3. D#17. O Orkut em números. **Zero Hora**, Porto Alegre, 05 agos. 2009. ZH Digital, p.1. D#18. Cuidado com o computador. **Zero Hora**, Porto Alegre, 05 agos. 2009. ZH Digital, p. 4. D#19. Mensagem com data de vencimento. **Zero Hora**, Porto Alegre, 12 ago. 2009. ZH Digital, p. 4. G#20. Realidade aumentada no supermercado. **Zero Hora**, Porto Alegre, 17 ago. 2009. Globaltech: ciência, tecnologia e inovação, p. 3. D#21. Usuários do Google são mais fiéis. **Zero Hora**, Porto Alegre, 19 ago. 2009. ZH Digital, Comportamento, p. 1.

Quadro 4.7 – Notícias de PC publicadas na seção de Economia de ZH em 2009

Para verificar como se configura a recontextualização de relatos de conclusões de pesquisas da área de Informática nessas notícias de PC de Informática do jornal ZH, em termos de organização retórica, descrevo e a interpreto os movimentos e passos retóricos bem como nos elementos recursivos identificados na próxima seção.

4.2.2.1 Notícia de popularização da ciência na Zero Hora

Na análise da organização retórica das notícias de PC da área de Informática de ZH, publicadas nos cadernos tomo como referência as características apuradas na análise do contexto, conforme consta, de modo resumido, no Quadro 4.8:

G	C
São produzidas por jornalistas do *The New York Times* Surgem de pesquisas desenvolvidas por cientistas em instituições de ensino superior no exterior. Têm como público leitor previsto os estudantes acima de 14 ou 15 anos e adultos interessados em pesquisas dessa natureza. Têm como foco a recontextualização de relatos de pesquisas relativos a estudos comportamentais, à construção de programas e a pesquisas experimentais e automação.	São produzidas por jornalistas do *The New York Times e* por jornalistas de ZH. Surgem de pesquisas desenvolvidas por cientistas em instituições de ensino superior, de estudos realizados por agências de pesquisa e de agências de comunicação. Têm como público o leitor leigo que se interessa em saber informações sobre recursos de Informática e aprender a lidar com eles Têm como foco a apresentação de informações que se caracterizar como novidade para o leitor em termos de apresentação de resultados e explicações de resultados de pesquisas que perpassam por temas de Informática, envolvendo alguns aspectos de lazer e trabalho.

Quadro 4.8 – Características da notícia de PC da área de Informática do jornal ZH em 2009

Considerando essas características, procuro identificar como se constitui a organização retórica das notícias de PC identificadas nas notícias de PC publicadas em cada caderno. Para tanto, adoto como ponto de partida a organização retórica proposta por Motta-Roth (2009). À medida que esse modelo de referência foi sendo usado, foram necessárias adaptações na representação esquemática para dar conta do modo de organização desse gênero em ZH. As adaptações realizadas na representação esquemática de referência constam em negrito no Quadro 4.9:

MOVIMENTOS	PASSOS	ELEMENTOS RECURSIVOS
M1 – Recrutar o leitor	**(a) Apresentar o tema da pesquisa no título E/OU** **(b) Detalhar o conteúdo da pesquisa na linha fina E/OU** **(c) Expor as credenciais da notícia E/OU** **(d) Apresentar a contextualização E/OU**	A – Elaborar comentários e narrativas – pode incluir além da voz do jornalista, a voz de(o): 1) Cientista/pesquisador (ou meta-foricamente do estudo); 2) Colega/técnico/Instituição; 3) Público - Usuário de blogs 4) Governo B – Explanar princípios e conceitos (por meio de recursos de re-escritura como aposto, glosa e metáfora) C - Destacar perspectiva social/local **D – Destacar informações por meio de:** **1) Olho, tabela, quadro, imagens** **2) Infográfico**
M2 – Ressaltar conclusões da pesquisa	**LIDE** **(a) Identificar os pesquisadores (e/ou) E** **(b) Expor as conclusões E/OU** **(c) Mencionar ao objetivo da pesquisa E/OU** **(d) Aludir ao artigo científico ou à tese/dissertação publicado E/OU**	
M3 – Mencionar conhecimento prévio	(a) Apresentar conhecimentos estabelecidos E/OU (b) Referenciar pesquisas prévias E/OU (c) Indicar limitações no conhecimento estabelecido E/OU	
M4 – Descrever a metodologia	(a) Elucidar procedimento experimental E/OU (b) Explicar a natureza dos dados (fonte, amplitude, data, local, categoria) E/OU	
M5 – Explicar os resultados	(a) Expor os resultados/trabalhos realizados E/OU (b) Esclarecer os significados dos resultados E/OU (c) Comparar pesquisas anteriores quanto a/à (1) conhecimento estabelecido (2) metodologia utilizada (3) resultados obtidos	
M6 – Indicar conclusões	(a) Mencionar a implicação da pesquisa E/OU (b) Sugerir futuras pesquisas E/OU (c) Apontar as limitações da pesquisa popularizada	

Quadro 4.9 –Organização retórica das notícias de PC da área de Informática do jornal ZH em 2009

Em síntese, conforme o Quadro 4.9, as notícias de PC analisadas apresentam variações nos passos que constituem os dois primeiros movimentos (M1 e M2) e no elemento recursivo (D).

Na próxima subseção, apresento descrevo a organização retórica do gênero notícia de PC publicado no jornal ZH.

4.2.2.1.1 O Movimento1 (**Recrutar o leitor**)

Esse Movimento tem por função atrair a atenção do leitor, por meio da apresentação de títulos, linhas finas, apresentação das credenciais do autor da

notícia e de contextualizações estabelecidos na sociedade sobre o tema em questão nas notícias de PC. Trata-se de um movimento recorrente usado para estabelecer relações interpessoais entre os leitores e o jornal e apresentar o tópico mais importante tratado em cada notícia de PC analisada, em geral, os resultados de estudos.

Essas características podem ser observadas nos exemplos 34 e 35.

Exemplo nº	**Texto**
34	D#1 COMPORTAMENTO LOUCOS POR INTERNET → DOIS TERÇOS DOS AMERICANOS NÃO VIVEM LONGE DA WEB → (1B) **(1D)** A internet vem se entranhando na vida das pessoas de forma avassaladora.
35	D#18 Cuidado com o computador → (1A) ESTUDO NOS ESTADOS UNIDOS REVELA QUE **CRIANÇAS** SÃO AS MAIORES VÍTIMAS DE ACIDENTES DOMÉSTICOS ENVOLVENDO MICROS → (1B) New York Times Nicholas Bakalar → (1C) **(1D)** A internet atualmente está infestada de crackers, programadores mal intencionados que criam softwares para atacar computadores e roubar dados.

Nos exemplos 34 e 35, os títulos e as linhas finas se destacam pelo uso de negrito, fontes em maiúscula e tipos de fontes diferentes, além disso, o uso da cor vermelha para colocar em proeminência determinadas palavras que sintetizam o tema principal da notícia e colocam em proeminência a linha editorial do jornal.

Depois do título, linha fina e da contextualização, a notícia se efetiva pela apresentação de conhecimentos do senso comum. O uso de circunstâncias de tempo e de lugar sugere ter sido usada pelo jornalista para aproximar o

conhecimento de mundo do leitor ao conhecimento a ser reportado na "recontextualização de conhecimentos da esfera pública para a esfera privada" (FAIRCLOUGH, 2003) O uso desse recurso discursivo denota certa informalidade e aponta para o uso de características de conversacionalização (FAIRCLOUGH, 2002, p. 10) na interação entre os produtores e os consumidores das notícias de PC.

4.2.2.1.2 O Movimento 2 ou *lide* (**Ressaltar conclusões da pesquisa**)

Esse Movimento tem por objetivo apresentar detalhes particulares ou essenciais de uma pesquisa a ser reportada. Nesse Movimento são incluídos discursos que identificam os pesquisadores **(2A)**, expõem conclusões dos estudos **(2B)**, mencionam o objetivo da pesquisa **(2C)** e fazem alusão ao artigo científico em que foi publicada a pesquisa **(2D).**

Nas notícias de ZH analisadas, entretanto, esse movimento está centrado de modo mais recorrente, na identificação dos pesquisadores e na exposição das conclusões. Os exemplos 36, 37 e 38 mostram como esse movimento é estruturado em termos de linguagem.

Exemplo nº	**Texto**
36	D#1.- **(C)** Nos EUA, **(2A)** uma pesquisa feita pela agência Harris Interactive, **(B)** a pedido da Intel, **(B)** a maior fabricante de processadores do mundo, **(2B)** mostrou como a rede de computadores está mudando velhos hábitos de consumo e conquistando a passos largos o espaço que **(C)** os americanos antes dedicavam a outras mídias e formas de lazer, como jantar fora, comprar roupas ou frequentar academias. A pesquisa **(2D) A Importância da internet na Economia Atual**, (...)
37	G#20 – **(A2) (2A)** O desenvolvedor italiano Giuseppe Costanza **(2B)** criou uma forma de unir uma das novas tecnologias mais comentadas no momento, a realidade aumentada **(B)** (*veja quadro*), com o prosaico ato de ir ao supermercado fazer compras (...). **(3B)** Sua invenção chama-se Food Tracer, **(B)** um programa com a **(2C)** finalidade de informar melhor ao consumidor as características dos produtos à venda nas prateleiras.
38	G#16 – O foco da experiência é dissecar a lógica de funcionamento das bootnets ou redes de computadores zumbis, pelas quais os criminosos mantém milhões e milhões de micros sob seu poder, sem que os donos percebam.

A identificação dos pesquisadores, tal como no exemplo 36 (em D#1) é realizada por meio das glosas *a pedido da Intel, a maior fabricante de processadores do mundo.* Elas apresentam especificações sobre a instituição que encomendou a pesquisa e sobre a instituição responsável pela realização da pesquisa. No exemplo 37 (em G#20), o pesquisador é identificado por meio dos atributivos *italiano* e *desenvolvedor,* seguido do nome do pesquisador *Giuseppe Costanza (...)*. A identificação dos pesquisadores é interpretada como um recurso de autoridade nas notícias de PC (MOTTA-ROTH, 2009, p. 172). Já as conclusões das pesquisas prévias são pressupostas por meio da observação de processos empregados nas orações, tal como os processos que sinalizei em verde nos exemplos 36, 37 e 38 (o primeiro processo marcado). Os objetivos dos estudos, também, são sinalizados nas notícias por meio da observação do participante e do uso de processos no infinitivo, conforme sublinhei no exemplo 37 e 38. Por fim, a alusão ao artigo científico é referida pelo título do estudo, pela alusão à edição e ao nome da revista em que um trabalho do campo primário foi publicado.

Os movimentos e passos identificados fornecem informações sobre quem faz o que, com que finalidade e de onde partem os conhecimentos a serem recontextualizados. A partir disso, o leitor pode fazer inferências sobre o conteúdo a ser tratado nas demais partes do texto.

4.2.2.1.3 O Movimento 3 (**Mencionar conhecimentos prévios**)

O Movimento 3 está voltado à apresentação de informações de cunho ideacional, fazendo menção aos conhecimentos explorados por pesquisas prévias da área de Informática. Em ZH, esse passo se configura como opcional, visto que nem sempre está presente nas notícias de PC analisadas. Quando usado, dá destaque ao conhecimento estabelecido na área **(3A)** fazendo alusão a pesquisas prévias **(3B)** e/ou indicando limitações do conhecimento **(3C)**. Uma amostra desse movimento consta nos exemplo 39 e 40.

Exemplo nº	Texto
39	D#19 – (...) **(3A)** No jargão do momento, isso é chamado de nuvem computacional, **(B)** e essa nuvem consiste de informação – **(B)** inclusive e-mails e documentos baseados na web – guardada em diversos servidores. (...) A ideia de desenvolver tecnologia que faça desaparecer dados digitais depois de um período de tempo não é nova. **(3A)** Há serviços que fazem essa função na web, **(3C)**e alguns dispositivos, como chips de memória flash, acrescentaram essa capacidade de proteger informação armazenada ao apagar automaticamente os dados após de terminado tempo.(...)
40	G#20 – (...) A ideia do Food Tracer é resultado do trabalho de conclusão do curso de Constanza para a **(C)** universidade britânica de arte e design Central Saint Martins. **(D1)** O que é **(3A)** A realidade aumentada é um campo de estudos que surgiu dentro da Ciência da Computação (...).

Nesses exemplos, os conhecimentos estabelecidos na área foram expressos por meio de processos relacionais atributivos, tal como *é,* e de processos existenciais, como *há*. No exemplo 39 (em D#19), além dos processos relacionais, o jornalista usou a glosa na apresentação de uma definição e de exemplos para apresentar informações que o produtor do texto considera como desconhecida do consumidor leigo em Informática.

Já no exemplo 40 (em G#20), o conhecimento estabelecido é expresso por meio de um elemento de destaque identificado no jornalismo como *olho*, ou seja, em um texto destacado na notícia de PC, diagramado em corpo maior e colocado em janelas no conjunto da página. Esse *olho* se encontra na parte lateral da notícia e apresenta uma fonte que está destacada tanto pelo tamanho da fonte como pelo uso do negrito e está funcionando como um recurso para apresentar uma concepção, um conhecimento estabelecido no campo da Ciência da Computação.

A alusão a pesquisas prévias é introduzida, conforme mostra o exemplo 37 (em D#19), pelo emprego de uma oração negativa que leva o leitor a fazer pressuposições sobre os conhecimentos e tecnologias existentes antes da pesquisa ser desenvolvida. A limitação no conhecimento estabelecido em (D#19), também foi sinalizada na notícia pela pressuposição.

4.2.2.1.4 O Movimento 4 (**Descrever a metodologia**)

O Movimento 4 tem por objetivo especificar os procedimentos experimentais e os materiais (fonte, amplitude, data, local, categoria) adotados nas pesquisas reportadas. Esse movimento, assim como o Movimento 3, pode ser considerado optativo, visto que se configura em 11% das notícias analisadas. Quando usado, o Movimento 4 apresenta uma descrição dos procedimentos **(4A)**, e dos recursos utilizados nas pesquisas **(4B)**, como mostram os exemplos 41 - 45.

Exemplo nº	**Texto**
41	D#1 - (2D) (B) A pesquisa A Importância da internet na Economia Atual, (4B) realizada via online entre 18 e 20 de novembro passado, ouviu 2.119 adultos com idade igual ou superior a 18 anos.
42	G#5 - **(4A)** Por isso, foi empregado **(4B)** um algoritmo evolutivo para ajudar o sistema de controle a se adaptar da melhor maneira.
43	G#16 - **(4B)** Os primeiros testes devem começar em outubro e terão colaboração do Pentágono, que **(6A)** pretende usar os estudos para montar estratégias de defesa contra ciberataques.
44	D#17 - **(4B)** A pesquisa, realizada com mil pessoas de mais de 15 anos de todo o país, revela ainda que, para 68% dos entrevistados, a maior barreira para o uso de uma rede é o medo de que outros empreguem o seu conteúdo de maneira inapropriada.
45	D#18 - Conforme a pesquisa, **(4B)** em 2006

Nesse Movimento, há uma descrição bem sucinta dos caminhos experimentais percorridos pelos pesquisadores na realização das pesquisas e da natureza dos dados. Nos exemplos, há a descrição dos procedimentos experimentais adotados nos estudos, sinalizados mediante o uso dos processos, sinalizados em verde nos extratos, como por exemplo, *ouviu, foi empregado, devem começar.* Há também referência ao modo como o procedimento foi realizado, sinalizado por circunstâncias marcadas em vermelho, como por exemplo, *via online,* ao período de investigação*, entre 18 e 20 de novembro, em outubro* e *em 2006 passado,* aos recursos utilizados, *um algoritmo evolutivo,* e aos participantes da investigação*, 2.119 adultos com idade igual ou superior a 18 anos* e *mil pessoas de mais de 15 anos de todo o país*.

4.2.2.1.5 O Movimento 5 (**Explicar os resultados**)

Esse Movimento é obrigatório nas notícias de PC, e tem por finalidade especificar os resultados obtidos nas pesquisas. Tal Movimento compreende três passos: a exposição dos resultados **(5A)**, a explicação dos significados **(5B)** e a comparação de resultados obtidos em pesquisas **(5C)**.

Em geral, o jornalista faz a explicação dos dados por meio do texto e a exposição dos dados por meio de elementos de destaque, como *box* ou quadro e tabelas. Isso indica que os elementos de destaque cumprem a função de apresentar dados apurados nas pesquisas, de modo que o leitor possa confirmar, ou não as explicações apresentadas no corpo das notícias pelo jornalista. O exemplo 46 mostra como a exposição dos dados se efetiva nas notícias de PC.

Exemplo nº **Texto**

46 D#1

LOUCOS POR INTERNET

DOIS TERÇOS DOS AMERICANOS **NÃO VIVEM** LONGE DA WEB

A internet vem se entranhando na vida das pessoas de forma avassaladora. Nos EUA, uma pesquisa feita pela agência Harris Interactive a pedido da Intel, a maior fabricante de processadores do mundo, mostrou como a rede de computadores está mudando velhos hábitos de consumo e conquistando a passos largos o espaço que os americanos antes dedicavam a outras mídias e formas de lazer, como jantar fora, comprar roupas ou frequentar academias.

A pesquisa A Importância da Internet na Economia Atual, realizada via online entre 18 e 20 de novembro passado, ouviu 2.119 adultos com idade igual ou superior a 18 anos. Para nove em cada 10 entrevistados, a vida melhorou por causa da internet. A maioria considerou o acesso à web essencial para acompanhar o dia-a-dia da atual situação econômica. Também disse preferir ficar sem TV, e até sem sexo, do que sem acesso à rede.

Na verdade, dois em cada três entrevistados disseram que não podem viver sem internet. A maioria dos adultos americanos também classifica a internet como uma ferramenta essencial para gerenciamento das finanças pessoais, para encontrar descontos e os melhores negócios.

Principais dados da pesquisa

Online
65% dos adultos sentem que não podem viver sem acesso à internet
71% consideram importante ou muito importante ter dispositivos com acesso à internet, como laptops, netbooks e outros que oferecem atualizações em tempo real sobre assuntos relevantes

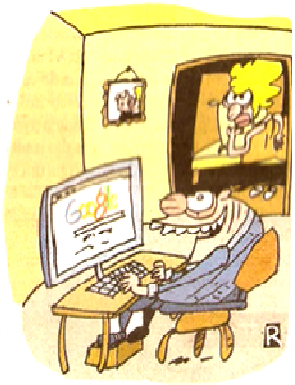
Sexo
Preferem ficar sem sexo por duas semanas do que ficar sem o acesso à internet durante o mesmo período:
46% das mulheres
30% dos homens

Economia
95% consideram muito importante, importante ou de alguma importância o acesso à internet no atual clima econômico
82% dizem que dispositivos com acesso à internet os mantêm atualizados em tempo real sobre a crise financeira
87% dizem que o acesso à internet os ajudou a economizar dinheiro

Lazer
Não podem viver sem:
Internet 65%
TV a cabo 39%
Jantar fora 20%
Comprar roupas 18%
Frequentar academias 10%

TV
Preferem ficar duas semanas sem TV do que uma semana sem internet:
67% dos adultos entre 18 e 34 anos
57% dos adultos entre 35 e 44 anos
52% dos adultos com idade igual ou superior a 45 anos

Cotidiano
91% acreditam que a possibilidade de acessar a internet melhorou pelo menos um aspecto de suas vidas
78% dizem que a capacidade de manter contato com amigos e parentes melhorou
68% dizem que compram com mais eficiência
47% dizem que gerenciam melhor suas finanças graças a atividades bancárias e ao pagamento de contas online



No penúltimo parágrafo da notícia, o produtor interpreta e expõe os resultados da pesquisa no corpo do texto, mediante a descrição dos dados levantados no estudo. No lado direito da mesma notícia, um quadro dá destaque aos dados relativos aos resultados que permitiram a interpretação do jornalista. Nesse quadro, na parte superior, há um intertítulo, ou seja, um título usado para destacar determinado tema no corpo principal do texto, dentro de um balão vermelho. A forma como o texto está organizado, um balão na parte superior do texto, um texto explicativo, do lado esquerdo, e os dados, do lado direito, sugere que há uma conversa entre o jornalista e o leitor. Nessa conversa o jornalista explica, ao leitor o

que ele ainda não sabe sobre os acontecimentos relativos à Informática e o que está acontecendo na vida.

O quadro parece ter sido empregado para dar credibilidade às informações apresentadas ao leitor no corpo da notícia. Nesse sentido, caso o leitor sinta necessidade, ele pode observar os dados disponibilizados, no interior do *box*, em duas colunas e em seis categorias, destacadas em vermelho, que identificam o que foi apurado na pesquisa, os resultados, os percentuais verificados com relação ao uso da internet na vida das pessoas. No final da leitura do Quadro, o leitor pode, ainda, divertir-se com uma figura que apresenta a imagem cômica de um usuário de PC trabalhando em um local que parece ser doméstico.

A comparação de resultados de pesquisas raramente aparece nas notícias. Esse passo foi identificado em uma notícia, em D#19, quando o produtor do texto mencionou que *Conforme a pesquisa, em 2009, houve 9276 atendimentos de emergência nos Estados unidos decorrentes de ferimentos relacionados a computadores e seus acessórios. Em 1991, quando levantamento começou a ser feito, o número de casos era apenas 1267.* Nessa passagem do texto, o produtor do texto narra, de modo assertivo, dois momentos envolvidos em uma mesma pesquisa. Essa narração é marcada pelo uso de processos no pretérito perfeito do indicativo, e relata dados obtidos em cada um desses momentos. No final da segunda narrativa, o jornalista interpreta os dados e estabelece a comparação ao citar, que *o número de casos era apenas*, e mostrar que os números aumentaram no decorrer do tempo.

A baixa recorrência desse passo parece estabelecer relação e confirmar os dados apurados na análise do Contexto, e na análise do texto, quando identifiquei as vozes, a procedência das vozes e a função de cada uma delas. Na oportunidade, os dados indicavam que os textos de PC em estudo não promoviam debates.

Essa constatação comprova que, tal como Marcuzzo (2011) verificou na análise de revistas especializadas em PC, em língua inglesa, as notícias de PC da área de Informática, publicadas no jornal ZH, em 2009, não têm por objetivo estabelecer o debate de conhecimentos científicos. As análises apontam que esse gênero tem por objetivo informar e explicar os resultados de pesquisas que se constituem como novidade tanto para alunos dos anos finais do Ensino Fundamental e Médio, quanto para leitores que se interessam por pesquisas experimentais, sobre

automação e produção de programas e para leitores leigos em Informática, interessados em saber sobre recursos de Informática que circulam na vida diária.

4.2.2.1.6 O Movimento 6 (**Indicar conclusões da pesquisa**)

Esse movimento tem como objetivo apresentar as conclusões das pesquisas e é cumprido em por meio da menção de implicações do conhecimento desenvolvido no estudo **(6A)**, sugestão de pesquisas futuras **(6B)**. Esse movimento participa em 22% das notícias deste estudo e é considerado um movimento opcional. A baixa recorrência desse passo sinaliza que nessas notícias de ZH há uma preocupação em destacar o fato noticioso, o problema tratado nas pesquisas, mas não há a mesma preocupação em indicar as implicações, ou seja, as aplicações dos resultados na vida das pessoas. Dos exemplos 47-50, os extratos elucidam como esse movimento se configura nas notícias.

Exemplo nº	**Notícia**
47	G#5 - Uma rede neural controla o robô através de um sistema formado por uma série de módulos de processadores interligados que **(6A)** podem ser programados para realizar as ações desejadas.
48	**(4B)** Os primeiros testes devem começar em outubro e terão colaboração do Pentágono, que **(6A)** pretende usar os estudos para montar estratégias de defesa contra ciberataques.
49	D#8 - **(2D)** Segundo o documento denominado Transformando o Papel da Indústria de Telecomunicação, **(6B)** os fornecedores de solução de telecomunicação devem criar novos serviços que atendam às necessidades dos usuários das redes sociais.
50	D#21 - **(6B)** "O desafio será criar uma experiência de busca que seja atraente o suficiente para fazer com que os internautas usem o serviço muitas vezes", avaliou Goodman em comunicado.

As implicações do conhecimento desenvolvido envolvem informações sobre o que o estudo indica ou sugere em termos de relevância da pesquisa para a sociedade de modo geral, tal como mostra o exemplo 47 e 49 (em G#5 e em D#8), ou local, para a área de conhecimento em que foi desenvolvido, como no exemplo 48 (em D#8). Nesses extratos textuais, as implicações foram observadas por meio

de orações projetadas e pelo uso de modalizadores que indicam ou sugerem possibilidade de uso dos resultados obtidos nas pesquisas.

Sugestões de pesquisas futuras são marcadas nas orações pelo uso de processos modais, como *deve,* e processos materiais, como *criar,* no futuro, indicando os objetos tecnológicos que necessitam ser alvo de atenção dos pesquisadores, conforme mostram os exemplos 49 (em D#8) e 50 (em D#21).

Perpassando esses movimentos e passos retóricos, as notícias de PC apresentam elementos recursivos ao longo dos textos. Esses elementos dizem respeito à inserção de vozes que comentam ou expressam opiniões sobre o estudo popularizado, o emprego de glosas e metáforas usadas para explicar termos de modo a facilitar a compreensão do conteúdo para audiência não especializada, o destaque à perspectiva social.

No Quadro 4.10, é possível verificar os movimentos e passos obrigatórios e opcionais característicos das notícias de PC de ZH, assim como os que não foram identificados, em relação aos movimentos e passos retóricos previstos na organização retórica proposta por Motta-Roth (2009).

Caderno	Nº de textos	MOVIMENTOS E PASSOS RETORICOS																				
		M1				M2				M3			M4		M5					M6		
		a	b	c	d	a	b	c	d	a	b	c	a	b	a	b	c			a	b	c
																	1	2	3			
D	#1	+	+	-	+	+	+	-	+	-	-	-	-	+	+	+	-	-	-	-	-	-
G	#5	+	-	-	+	+	+	-	+	+	-	+	+	+	+	+	+	-	-	+	-	-
D	#8	+	+	-	-	+	+	-	-	-	-	-	+	-	+	+	-	-	-	+	+	-
G	#16	+	-	-	+	+	+	+	-	+	-	-	-	+	-	+	-	-	-	+	-	-
D	#17	+	+	-	-	+	+	-	+	-	-	-	-	+	+	+	-	-	-	-	-	-
D	#18	+	+	+	+	+	+	-	+	+	-	-	-	+	+	+	-	-	+	-	-	-
D	#19	+	+	+	-	+	+	-	-	+	-	-	-	-	+	+	-	-	-	+	-	-
G	#20	+	-	-	-	+	+	-	+	+	+	-	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-
G	#21	+	-	-	-	+	+	-	-	+	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	+	-
% de ocorrência		100	55	22	44	100	100	11	55	66	11	11	22	55	77	100	11	00	11	55	22	00

ELEMENTOS RECURSIVOS									
Caderno	Nº de textos	A				B	C	D	
		1	2	3	4			1	2
D	#1	+	-	-	-	+	+	+	-
G	#5	+	-	-	-	+	+	+	-
D	#8	-	+	-	-	+	+	+	-
G	#16	+	-	-	-	+	-	+	-
D	#17	-	+	-	-	+	+	+	-
D	#18	+	-	-	-	+	+	-	-
D	#19	+	-	-	-	+	+	-	-
G	#20	+	-	-	-	+	+	+	-
G	#21	-	+	-	-	+	+	+	-
% de ocorrência		66	33	00	00	100	88	77	00

LEGENDA

Alta recorrência = 100 %a 80%

Média recorrência = 79% a 50%

Baixa recorrência = 49% a 10%

Sem ocorrência

Quadro 4.10 – Movimentos obrigatórios e optativos nas notícias de PC do jornal ZH

Observando as colunas marcadas em verde nesse Quadro, é possível perceber que as notícias de PC analisadas apresentam três Movimentos obrigatórios, em função da recorrência de uso, o recrutamento do leitor (M1), o

destaque à conclusão (M2) e à explicação dos resultados das pesquisas (M5) da área de Informática. Além desses Movimentos, são também obrigatórios os elementos recursivos que explanam princípios e conceitos ao público não especialista (B) e mobilizam vozes em torno do que o jornalista julga que é desconhecido pelo leitor, possibilitando o exame da pesquisa sob vários ângulos (A).

Estabelecendo estreita ligação com as vozes mobilizadas nas notícias em estudo, os elementos de destaque como infográfico, olho, tabelas, quadros e imagens também são obrigatórios. Desse modo, ao produzir as notícias de PC, o jornalista emprega recursos intertextuais, próprios do campo do jornalismo, que acrescentam informações e possibilitam a compreensão da ciência em diferentes gêneros de PC (D).

De acordo com o Manual de Redação da Folha de São Paulo, esses recursos são identificados como textos de apoio, como adendos que

> podem consistir numa memória histórica de fatos, em mapas, explicações didáticas, demonstrações visuais de acontecimentos, apresentação biográfica de personagens envolvidos na notícia, glossário de termos técnicos ou específicos e indicações de leituras, entre outros recursos (FOLHA DE SÃO PAULO, 2010, p. 23).

Neste estudo, com base no uso recorrente e nas funções que desempenham nas notícias de PC, nomeio esse conjunto de recursos como elementos de destaque e concebo-os como textos verbais e não verbais que motivam a instanciação de gêneros de PC no jornal. Mais especificamente, os infográficos são definidos como quadros informativos que misturam texto e elementos imagéticos (fotos, gráficos, mapas ou ilustrações) na recontextualização de relatos de discursos científicos reportadas no corpo dos textos. O olho consiste em um extrato textual destacado do corpo do texto de PC. Esse recurso é diagramado em fonte maior do que o texto de PC como um todo e é colocado em janelas no conjunto da página. O box (a caixa ou o quadro) é um espaço graficamente delimitado que normalmente inclui modalidades textuais explicativas ou descritivas sobre o assunto alvo das pesquisas. As tabelas são gráficos numéricos que têm por objetivo apresentar uma série de dados de forma ordenada, para facilitar a consulta.

Esses recursos, portanto, apresentam características distintas e são usados, nas notícias de PC, como uma segunda possibilidade para recontextualizar o relato de conhecimentos estabelecidos, os procedimentos metodológicos, os resultados de

pesquisas e s sugestões que os consumidores de gêneros de PC da área de Informática de ZH podem utilizar no ‘mundo da vida’. Nos tipos de discurso em estudo, alguns desses recursos são mais proeminentes do que em outros. Nas notícias de PC, por exemplo, os mais recorrentes são as imagens e os quadros.

Além dos movimentos, passos e elementos recursivos obrigatórios, as notícias de PC apresentam estágios textuais considerados opcionais (HALLIDAY; HASSAN, 1989, p. 63), que podem ou não aparecer nas notícias, conforme mostram, no Quadro 4.10, as colunas marcadas em amarelo. Esses Movimentos são considerados opcionais em função do índice de 79% a 50% de recorrência nos textos. São eles, a menção do conhecimento prévio (M3), a descrição da metodologia (M4) e a indicação das conclusões das pesquisas (M5). Esses elementos opcionais. Essa variabilidade no uso desses movimentos é atribuída ao contexto de produção das notícias e ao público previsto como leitor das reportagens de PC.

Já em preto, é possível verificar que não é uma prática comum nas notícias analisadas o estabelecimento de comparações envolvendo duas ou mais pesquisas sobre um mesmo tema no jornal em estudo. As notícias analisadas também dão mostras de que a metodologia não ganha, na atualidade, tanto destaque nas notícias, quanto ganhou no século XVII, quando surgiu a PC (REIS, 1972 apud GARCIA; BARICHELLO, 2003, p. 111).

Além disso, as notícias de PC não publicam também limitações sobre pesquisas recontextualizadas, nem mobilizam vozes do público e do governo. A ausência desses passos discursivos nas notícias pode denotar que a ciência é algo autônomo, que se realiza independentemente das necessidades da sociedade e de ações governamentais.

G

Cadernos	Nº de textos	MOVIMENTOS E PASSOS RETÓRICOS																				
		M1				M2				M3			M4		M5					M6		
		a	b	c	d	a	b	c	d	a	b	c	a	b	a	b	c			a	b	c
																	1	2	3			
G	#5	+	-	-	+	+	+	-	+	+	-	+	+	+	+	+	+	-	-	+	-	-
G	#13	+	+	-	+	+	+	+	+	-	-	-	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-
G	#16	+	-	-	+	+	+	+	-	+	-	-	-	+	-	+	-	-	-	+	-	-
G	#19	+	+	+	-	+	+	-	-	+	-	-	-	-	+	+	-	-	-	+	-	-
G	#20	+	-	-	-	+	+	-	+	+	+	-	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-
% de ocorrência		100	40	22	60	100	100	40	60	80	22	22	40	66	60	80	22	00	00	80	00	00

Cadernos	Nº de textos	ELEMENTOS RECURSIVOS							
		A				B	C	D	
		1	2	3	4			1	2
G	#5	+	-	-	-	+	+	+	-
G	#13		+	-	-	+	+	+	-
G	#16	+				+	-	+	
D	#19	+	-	-	-	+	+	-	-
D	#20	+	-	-	-	+	+	+	-
% de ocorrência		60	22	00	00	100	80	80	00

D

Cadernos	Nº de textos	MOVIMENTOS E PASSOS RETÓRICOS																				
		M1				M2				M3			M4		M5					M6		
		a	b	c	d	a	b	c	d	a	b	c	a	b	a	b	c			a	b	c
																	1	2	3			
D	#1	+	+	-	+	+	+	-	+	-	-	-	-	+	+	+	-	-	-	-	-	-
D	#8	+	+	-	-	+	+	-	-	-	-	-	+	-	+	+	-	-	-	+	+	-
D	#17	+	+	-	-	+	+	-	-	-	-	-	-	+	+	+	-	-	-	-	-	-
D	#21	+	-	-	-	+	+	-	-	+	-	-	+	-	+	+	-	-	-	-	+	-
% de ocorrência		100	75	00	25	100	100	00	25	25	00	00	50	50	100	100	00	00	00	80	50	00

Cadernos	Nº de textos	ELEMENTOS RECURSIVOS							
		A				B	C	D	
		1	2	3	4			1	2
D	#1	+	-	-	-	+	+	+	-
D	#8	-	+	-	-	+	+	+	-
D	#17	-	+	-	-	+	+	+	-
D	#21	-	+	-	-	-	-	-	-
% de ocorrência		25	22	00	00	100	80	80	00

LEGENDA

Alta recorrência = 100% a 80%	Baixa recorrência = 49% a 10%
Média recorrência = 79% a 50%	Sem ocorrência

Quadro 4.11 – Movimentos e passos retóricos presentes nas notícias de PC dos cadernos G e D de ZH em 2009

Considerando os movimentos e passos obrigatórios, que definem o gênero notícia de PC em cada caderno separadamente, tal como mostra o Quadro 4.11, é possível afirmar que as notícias do caderno G são mais informativas do que as notícias do caderno D, tendo em vista que aquelas notícias apresentam mais movimentos e passos recorrentes do que essas.

No caderno G, as notícias de PC recrutam os leitores, a partir da apresentação do título (M1), do destaque às conclusões das pesquisas, mediante a identificação dos pesquisadores e da exposição das conclusões das pesquisas (M2) no lide, da menção ao conhecimento prévio, considerando a apresentação do conhecimento estabelecido (M3), a explicação dos resultados das pesquisas, buscando esclarecer os significados desses resultados, incluindo conclusões das pesquisas (M5) e mencionando as implicações dos estudos na sociedade (M6) (C). Essas informações são apresentadas a partir da voz do pesquisador (A1), do uso da glosa (B) e de elementos de destaque (D).

As notícias do caderno D recrutam os leitores, por meio de títulos (M1) para promover a apresentação das conclusões das pesquisas, mediante a apresentação dos pesquisadores e da exposição das conclusões dos estudos (M2). Na sequência, essas notícias ampliam as informações sobre os estudos realizados, esclarecendo o significado dos resultados (M5). Na recontextualização dos relatos de pesquisa as vozes dos técnicos (A2) são mais recorrentes do que a dos pesquisadores de IES. Além disso, na produção das notícias a apresentação de glosa (G), o foco no contexto social (C) e o uso de elementos de destaque (D) são obrigatórios.

A diferença no modo de organizar as notícias de PC, em termos de movimentos e passos obrigatórios, ocorre em função dos diferentes produtores dos textos, do público leitor e do objetivo de cada caderno.

Na sequência, detenho-me na análise da organização retórica das reportagens de PC do *corpus*.

4.2.2.2 Reportagem de popularização da ciência em Zero Hora

Bonini (2009, p. 7), ao fazer uma ampla revisão da literatura na área de Comunicação Social, enfatizou ser complicado definir e caracterizar os gêneros jornalísticos no Brasil, especialmente no que tange à notícia e à reportagem.

Entretanto, associando os estudos dessa área do conhecimento com os estudos sócio-retóricos de Miller (1984), Swales (1990) e Bazerman (1994; 2004), o pesquisador estabelece a concepção de notícia e reportagem. A partir do princípio de que a produção desses gêneros participa de um mesmo sistema de atividades de um jornal, Bonini (2009, 12) defende a ideia de que há um *continuum* entre a notícia e a reportagem. A reportagem é, assim, um aprofundamento da notícia e caracteriza-se por contemplar tópicos distantes, em termos cronológicos, dos fatos reportados nas notícias dos jornais. Para o pesquisador (BONINI, 2009, p.12-15), esse gênero pode ser produzido e guardado em um arquivo por um tempo e ser publicado quando o jornal não tiver muitas notícias com conteúdos importantes para divulgar.

Assim, o elemento que distingue a notícia da reportagem é, segundo o linguista (2009), o tipo de informação veiculada em cada gênero. A notícia cobre fatos, enquanto a reportagem cobre temas. O tema é entendido como uma informação, cujo conteúdo é de interesse permanente na sociedade em geral. Já, o fato é compreendido como uma informação que apresenta um conteúdo de interesse passageiro em uma coletividade.

A partir disso, Bonini (2009, p. 7), reformula e reafirma alguns componentes da notícia apresentados por Van Dijk (1988), bem como identifica oito tipos de reportagens e seus respectivos propósitos, conforme consta no Quadro 4.13.

GROUP	GENRE	PURPOSE
Factual	News	Reporting a fact or an event
	Retrospective reportage	Explaining the fact origin
	Opinion reportage	Approaching a fact or subject through surveyed opinion(s)
	Profile reportage	Describing a person or institution related to a fact, a current theme, socially prestigious or famous theme
	Coverage reportage	Reporting the day-to-day of an institution, big event/feast, or a lasting fact
Thematic	Product reportage	Describing a new product
	Research reportage	Presenting data on the interpretation of a current problem or to social behavior tendency
	Didactic reportage	Explaining a subject, trouble situation or service
	Itinerary reportage	Presenting tour possibilities

Quadro 4.12– Notícia e variantes de reportagem.

Fonte – Bonini (2009), a partir dos estudos de Van Dijk (1988)

Observando a coluna *Genre* no Quadro 4.12*,* é possível perceber a existência de reportagens que estão mais próximas das características das notícias. Nesta pesquisa interassa a organização retórica de reportagem didática, de pesquisa e de produto, as quais se situam no *continuum,* na parte mais distante de gêneros factuais.

A reportagem de didática, conforme Bonini (2009, p.18-19), é muito semelhante à reportagem de pesquisa, uma vez que ambas focalizam em algum objeto do conhecimento. Na reportagem didática, entretanto, a explicação ao invés de destacar um conhecimento novo, tem como foco um conhecimento já estabelecido que orienta na transmissão de instruções e a apresentação de dicas/sugestões e aconselhamentos. Já a reportagem de pesquisa, conforme o mesmo pesquisador tem como foco a apresentação de dados e a maior parte da informação é originária de entrevistas com especialistas.

A reportagem de produto é um tipo de resenha de um produto novo ou recentemente lançado. No entanto, como ela nunca apresenta uma crítica sobre o produto, é também semelhante à apresentação de um perfil. A descrição dos aspectos e principais características do produto são centrais na organização desse gênero (BONINI, 2009, p. 18-19).

Partindo dessas reflexões, identifiquei nove reportagens no *corpus* em estudo. São elas:

Textos
G#3. MARKOFF, J. Uma arma contra fraudes digitais. **Zero Hora,** Porto Alegre, 2, fev. 2009. Globaltech: ciência, tecnologia e inovação, p. 1. G#4. CHANG, K. Não é fantasia, é quântica. **Zero Hora**, Porto Alegre, 9 fev. 2009. Globaltech: ciência, tecnologia e inovação, p. 1. D#7. Viveiro de bactérias. **Zero Hora**, Porto Alegre, 25 fev. 2009. ZH Digital, Contracapa, p.1. G#22. A parte do CD no efeito estufa. **Zero Hora**, Porto Alegre, 31 ago. 2009. Globaltech: ciência, tecnologia e inovação, p. 1. D#23. Cinema na tela do micro. **Zero Hora**, Porto Alegre, 02 set. 2009. ZH Digital, p. 1. G#24.Um sopro de vida digital. **Zero Hora**, Porto Alegre, 05 out. 2009. Globaltech: ciência, tecnologia e inovação, p. 1. D#25. 123456. **Zero Hora**, Porto Alegre, 14 out. 2009. ZH Digital, p. 1. G#26. Hora de acelerar. **Zero Hora**, Porto Alegre, 30 nov. 2009. Globaltech: ciência, tecnologia e inovação, p. 1. G#27. O motorista sumiu. **Zero Hora**, Porto Alegre, 14 dez. 2009. Globaltech: ciência, tecnologia e inovação, p. 1.

Quadro 4.13 – Reportagens publicadas na seção de Economia de ZH em 2009.

Essas reportagens foram agrupadas, em função das características apresentadas por Bonini (2009), como reportagem de pesquisa e reportagem de produto. Assim, dentre as nove reportagens identificadas em ZH, seis são nomeadas como reportagem de pesquisa e três como reportagem de produto. Neste estudo, uso termo reportagem pesquisa para me referir tanto às pesquisas didáticas quanto às de pesquisas, propostas por Bonini (2009), por entender que ambas assumem funções semelhantes, tendo por foco o desenvolvimento do conhecimento.

Desse modo, a partir desse momento, os textos que constam no Quadro 4.13 são nomeados como pertencentes ao gênero reportagem em decorrência da função que desempenham e da forma que apresentam no jornal:

Reportagem de pesquisa	Reportagem de produto
D#7. Viveiro de bactérias. **Zero Hora**, Porto Alegre, 25 fev. 2009. ZH Digital, Contracapa, p.1. D#23. Cinema na tela do micro. **Zero Hora**, Porto Alegre, 02 set. 2009. ZH Digital, p. 1. D#25. 123456. **Zero Hora**, Porto Alegre, 14 out. 2009. ZH Digital, p. 1. G#22. A parte do CD no efeito estufa. **Zero Hora**, Porto Alegre, 31 ago. 2009. Globaltech: ciência, tecnologia e inovação, p. 1. G#4. CHANG, K. Não é fantasia, é quântica. **Zero Hora**, Porto Alegre, 9 fev. 2009. Globaltech: ciência, tecnologia e inovação, p. 1. G#24.Um sopro de vida digital. **Zero Hora**, Porto Alegre, 05 out. 2009. Globaltech: ciência, tecnologia e inovação, p. 1.	G#3. MARKOFF, J. Uma arma contra fraudes digitais. **Zero Hora,** Porto Alegre, 2, fev. 2009. Globaltech: ciência, tecnologia e inovação, p. 1. G#26. Hora de acelerar. **Zero Hora**, Porto Alegre, 30 nov. 2009. Globaltech: ciência, tecnologia e inovação, p. 1. G#27. O motorista sumiu. **Zero Hora**, Porto Alegre, 14 dez. 2009. Globaltech: ciência, tecnologia e inovação, p. 1.

Quadro 4.14 – Reportagens de pesquisa e de produto publicadas no ZH em 2009.

Na sequência, apresento exemplos e exploro a organização retórica da reportagem, a partir dos aspectos peculiares desse gênero.

4.2.2.3 Reportagem de pesquisa no jornal ZH

O exemplo 51 possibilita a visualização de algumas características da organização retórica de uma reportagem de didática de Informática publicada no caderno D, em ZH.

Exemplo 51	**Texto**
Título	**(1A)**123456
Linha de apoio	**(1B) (1D)** Acredite, há quem use isso aí acima como senha. Não é à toa que viram alvos fáceis.
Credenciais	**(1C)** Vanessa Nunes
1º§	**(2B)** Na análise de 10 mil senhas do Hotmail que vazaram na internet no início deste mês, a combinação “123456” predominou, seguida por “123456789”. **(A1) (2A)** Foi o que descobriu o pesquisador Bogdan Calin, **(B)** da empresa de segurança Acunetix, **(2D)** que publicou a lista em seu blog *(http://tinyurt.com/analisesenha)*.**(5A)** ”Iloveyou” e “tequiero” também estavam entre os mais usados.
2º§	**(5B)** O episódio revelou o hábito de muitos internautas de usarem o que se chama de “senha fraca”,**(B)** que são fáceis de lembrar, e também de serem descobertas pelos outros.
3º§	**(A2) -** As pessoas procuram fazer as coisas de uma maneira muito difícil, o que é perigoso – **(B)** alerta **(2A)** o gerente de treinamento das empresas de segurança F-Secure **(C)** no Brasil, Bruno Ricardo.

4º§ **(3A)** Os criminosos têm técnicas cada vez mais avançadas para descobrir códigos de segurança, que vão de algoritmos que tentam "quebrar" senhas a softwares que interceptam o que é digitado no teclado ou em que ponta da tela a pessoa clicou.

5º§ **(5B)** Mas o vazamento que foi notícia no início do mês, ao afetar e-mails do Google, do Yahoo! E principalmente o Hotmail da Microsoft, foi causada pela ingenuidade dos usuários. **(3A)** Os ataques usaram a chamada engenharia social. É quando o internauta recebe uma mensagem que o leva a colocar suas credenciais em uma página falsa, **(B)** o tal de phishing. **(6A) (7B)** Por isso é preciso tomar cuidado antes de sair digitando seus dados de login por aí. Também é bom desconfiar de softwares de terceiros que pedem essas informações.

6º§ **(3A)** Com o incidente, esses serviços forçaram o usuário a trocar de senhas. **(7B)** Mas esse é um hábito que deveria fazer parte da rotina online de todo internauta:

7º§ **(A2) (3A)** - A dica é que se troque a senha com a maior freqüência possível, mas de modo que não seja necessário ficar anotada. **(7A)** É preciso criar algum elemento que facilite a lembrança, misturando letras, números e caracteres especiais – sugere o gerente de vendas para a América Latina da Websense, Fernando Fontão.

8º§ **(7D)** Agora, não adianta ter senhas fortes se a pessoa acreditar em tudo que é e-mail que recebe. E não tomar aquele outro cuidado básico: ter antivírus atualizado na máquina.

Box 1 **(D1) (7B)** Preste atenção

Já que é bom trocar sua senha com freqüência,**(7A)** veja como fazer:

(3A) Gmail, do Google: **(7A)** acesse as configurações (no canto superior da tela). Na aba Contas e importação, **(7A)** clique na opção Configurar conta do Google.

Yahoo! Mail: **(7A)** acesse Minha conta (no topo superior da tela). Depois é só clicar em Alterar sua senha.

Hotmail, da Microsoft: **(7A)** clique em Opções/Mais opções/Exibir e editar suas informações pessoais. Em informações pessoais de redefinição de senha, clique em Alterar.

> A Microsoft tem uma ferramenta que ajuda a checar se seu código é forte. **(7B)** O teste pode ser feito em *tinyurt.com/microsoftsenhas.*

> Há ferramentas que fazem o gerenciamento de várias senhas em seu computador. **(7B)** Uma opção é o software livre KeePass, disponível para download gratuito em www.keepass.info

(7B)O Centro de Estudos, Resposta e Treinamento em Incidentes de Segurança no Brasil, ligado ao Comitê Gestor da Internet no país, tem uma cartilha sobre as boas práticas de segurança na web, incluindo um capítulo sobre senhas. Confira em *cartilha.cert.br*

Box 2 **(7A)** Proteja-se

O Cômodo perigoso

Nome do usuário XXXXXXXX

Faça login em XXXXXXXXXX

(3A) Senha fraca: Senha precisa ser lembrada depois. Aí, você decide colocar o nome do cachorro, a data do aniversário. Ok, não tem a desculpa de esquecer depois, mas assim também fica fácil para os outros advinha-la.

Senha única: Você sabe que não pode dar bobeira, aí cria um código bem difícil, bagunçando letras, números e caracteres especiais. Mas já parou para pesar quantas senhas são necessárias para navegar nos seus serviços preferidos? Então, decide usar a mesma combinação para tudo.

Senha imutável: Você tem senhas difíceis e diferentes para cada serviço, mas são as mesmas há anos.

OK Cancelar

(3A) Como é o uso correto das senhas

Nome do usuário XXXXXXXX

Faça login em XXXXXXXXXX

Senha forte: Tenha "senhas fortes" como são chamadas as combinações longas, misturando letras, números e aqueles caracteres especiais, como &%$*©. Quanto mais bagunçada melhor.

Senha diferente: Use senhas diferentes para cada lugar. Se alguém descobrir uma combinação sua, tentará usá-la para acessar outros serviços.

Senha nova: Troque as senhas com periodicidade. A recomendação Comitê Gestor da Internet no Brasil é de a cada dois ou três meses.

OK Cancelar

Nessa reportagem, a jornalista procura recrutar o leitor leigo em Informática por meio da apresentação do título da linha fina e das credenciais do autor do texto. No primeiro parágrafo, ela expõe os resultados da pesquisa e as credenciais dos responsáveis pelo estudo, uma empresa de segurança. Na sequência, ela apresenta explicações sobre os resultados apurados. No terceiro parágrafo, a jornalista reporta a voz de um especialista em segurança, de modo a garantir confiabilidade às informações. O especialista, por sua vez, transmite saberes e faz um alerta aos leitores.

No quarto e quinto parágrafo, a jornalista menciona conhecimentos prévios ao leitor, sobre o tópico tratado na reportagem, por meio do emprego de glosa. Além desse recurso de linguagem, a jornalista apresenta novos conselhos ao leitor. No parágrafo seguinte, outros conhecimentos prévios são apresentados aos leitores e, em seguida, outra voz, a de um gerente de engenharia de vendas, é inserida, no texto, para trazer novas sugestões e conselhos aos leitores, de modo que esses possam mudar hábitos de navegação na internet. Os conselhos giram em torno de cuidados que o leitor deve ter ao usar senhas na *web* e a manutenção de antivírus

atualizado no computador. Por fim, em três quadros, são apresentadas as últimas informações e orientações sobre como o leitor pode alterar senhas e proteger-se dos internautas criminosos.

Nessa reportagem, há a apresentação de conclusões de uma pesquisa produzida por uma empresa da área de Informática, a seleção de mais de duas vozes para apresentar conhecimentos estabelecidos sobre o tema em questão, conclusões obtidas, sugerir e aconselhar os leitores sobre uso de senhas na internet e como prevenir-se contra ataques de "criminosos" virtuais. Nesse sentido, essa reportagem é identificada como uma reportagem de pesquisa, de caráter pragmático.

Seguindo o princípio do *continuum*, no *corpus* em estudo, a reportagem de pesquisa populariza conhecimentos com foco em conhecimentos relativos a um conteúdo específico, como por exemplo, o *teletransporte*, que está relacionado com pesquisas experimentais ou a estudos relacionados com questões comportamentais, tais como *A parte do CD no efeito estufa.*

Na recontextualização de pesquisas comportamentais, o jornalista tem por função interpretar os conhecimentos científicos e mobilizar vozes de especialista (professores, médicos, técnicos, usuários de *internet*, etc) para, além de recontextualizar relatos de resultados e conclusões de estudos, apresentar sugestões que o jornal considera úteis aos leitores e que podem ajudá-los a alterar hábitos adquiridos com relação ao uso de recursos de Informática.

O jornalista parece assumir o papel de transmissor de informações, com o objetivo de influenciar o leitor quanto à mudança de comportamento ou ampliar a visão dos leitores sobre determinado tema. A transmissão de informações com vista à mudança de hábitos é elucidada nos textos pela repetição nas reportagens da palavra *hábito* ou expressões que fazem alusão a atos que são repetidos pelo leitor leigo em Informática no dia-a-dia, conforme mostram os extratos apresentados nos exemplos, 51-54.

Exemplo nº	**Texto**
51	D#7 - Comer próximo ao micro é outro hábito condenável.
52	G#22 – Quem diria que *a* maneira que escolhemos para consumir música pode ter implicações no aquecimento global.
53	D#23 - O que não se explora ainda é (*o hábito*) de as pessoas começarem a

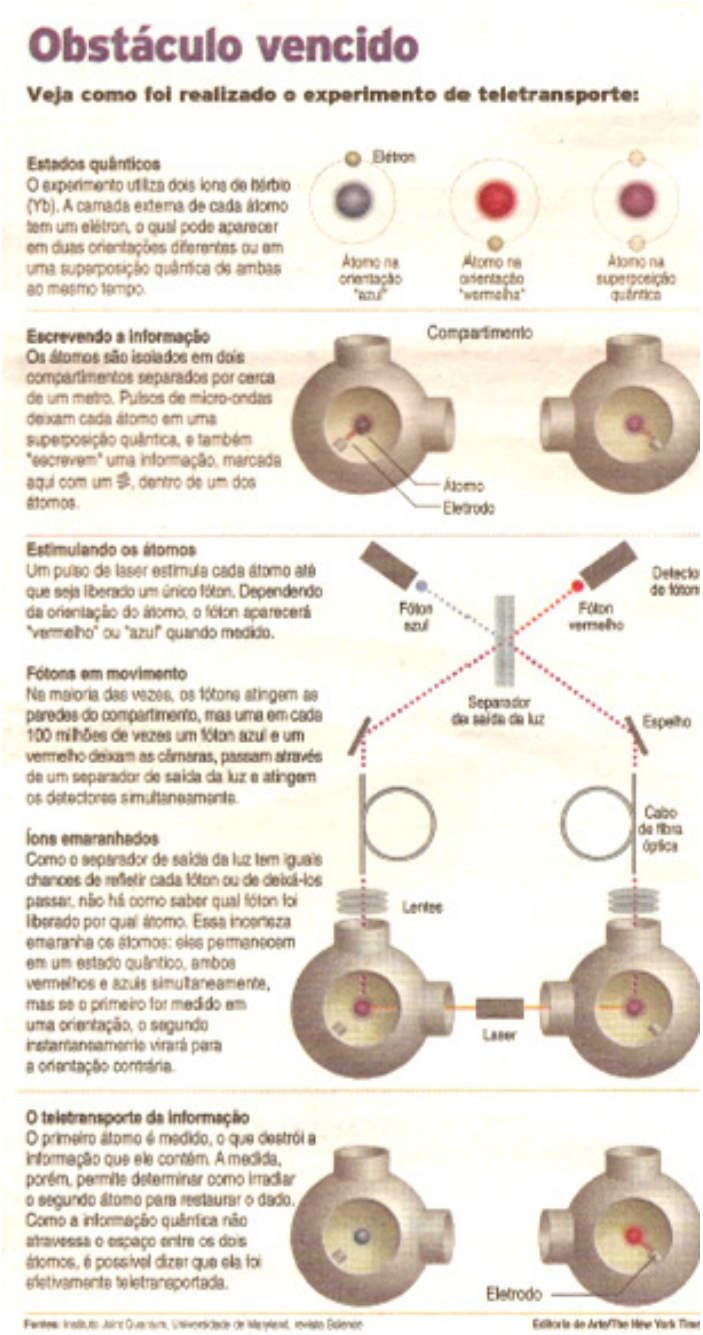
	pagar por isso (...)
54	G#25 - O episódio revelou o hábito de muitos internautas de usarem o que se chama de “senha fraca”

A transmissão de informações que recontextualizam relatos de pesquisas envolvendo a apresentação de conceitos e procedimentos desenvolvidos em pesquisas científicas, com foco em leitores que se interessam por questões sobre ciência é elucidada nas reportagens sobre estudos experimentais, como ilustram os exemplos 55 e 56.

Exemplo nº	**Texto**
55	G#4 – O teletransporte está relacionado a uma das características mais complexas da mecânica quântica, o emaranhamento que ocorre somente em escala atômica ou subatômica. É como se, ao jogar uma moeda, ela pudesse cair com a cara e a coroa viradas para cima ao mesmo tempo.

Exemplo nº **Texto**

56



Na recontextualização de relatos de pesquisas sobre temáticas comportamentais ou experimentais, há variações em termos organização retória na produção da reportagem. Entretanto, é possível afirmar que a reportagem de pesquisa em ZH envolve sete Movimentos retóricos, conforme consta no Quadro 4.15.

MOVIMENTOS	PASSOS	ELEMENTOS RECURSIVOS
M1 – Recrutar o leitor	(a) Apresentar o tema da pesquisa no título E/OU (b) Detalhar o conteúdo da pesquisa na linha fina E/OU (c) Expor as credenciais da reportagem E/OU (d) Apresentar contextualização sobre o tema da pesquisa E/OU	A – Elaborar comentários e narrativas – pode incluir além da voz do jornalista, a voz de(o): 1) Cientista/pesquisador (ou metaforicamente do estudo); 2) Colega/técnico/Instituição; 3) Público **- Usuário de *internet* e de blogs** 4) Governo B – Explanar princípios e conceitos (por meio de recursos de re-escritura como aposto, glosa e metáfora) C - Destacar perspectiva social/local D – Destacar informações por meio de (a) Quadros, imagens e gráficos (b) Infográfico
M2 – Ressaltar conclusões da pesquisa	LIDE (a) Identificar os pesquisadores E/OU (b) Expor as conclusões da pesquisa E/OU (c) Mencionar ao objetivo da pesquisa E/OU (d) Aludir ao artigo científico ou à tese/dissertação publicado E/OU **(e) Apontar um problema corrente** E/OU	
M3 – Mencionar conhecimento prévio	**(a) Citar exemplos que ilustram o problema** E/OU (b) Apresentar conhecimentos estabelecidos E/OU (c) Referenciar pesquisas prévias E/OU (d) Indicar limitações no conhecimento estabelecido E/OU	
M4 – Descrever a metodologia	(a) Elucidar procedimento experimental E/OU (b) Explicar a natureza dos dados (fonte, amplitude, data, local, categoria) E/OU	
M5 – Explicar os resultados	(a) Expor os resultados/trabalhos realizados E/OU (b) Esclarecer os significados dos resultados E/OU (c) Comparar pesquisas anteriores quanto a/à (1) conhecimento estabelecido (2) metodologia utilizada (3) resultados obtidos	
M6 – Indicar conclusões	(a) Mencionar a implicação da pesquisa E/OU (c) Sugerir futuras pesquisas E/OU (d) Apontar as limitações da pesquisa popularizada	
M7 – Apresentar recomendações	**(a) Apresentar sugestões** **(b) Aconselhar ou recomendar aspectos relativos ao tema da pesquisa**	

Quadro 4.15 – Organização retórica de reportagens didáticas de PC publicadas na seção de Economia de ZH em 2009

No Quadro 4.15, o **Movimento 1** recruta o leitor por meio da apresentação do título, das linhas finas, da identificação do autor dos textos e da contextualização do conteúdo das reportagens, tal como nas notícias de PC.

Na sequência, **o Movimento2**, dá ênfase às conclusões das pesquisas. Na organização retórica de reportagens de PC, esse movimento agregou mais um passo com relação a organização retórica da notícia de PC. Além da identificação dos pesquisadores, da exposição de conclusões das pesquisas, da menção aos objetivos, da alusão ao contexto de publicação da pesquisa, há agora o passo da

apresentação de um problema corrente na sociedade, como em *G#22 – Quem diria que a maneira que escolhemos para consumir música pode ter implicações no aquecimento global.* Nesse exemplo, a interrogação é apresentada de modo implícito, visto que apresenta um interrogativo, mas não apresenta um ponto de pergunta no final da oração.

O **Movimento 3**, menciona o conhecimento prévio e, por meio da representação esquemática de reportagens de PC, quando comparada com a organização textual da notícia de PC. Além desse passo, exemplos são citados nos textos como em *D#23 – Basta acessá-lo pelo navegador de internet. O portal de vídeo YouTube funciona assim.* O termo *assim* remete ao sentido semelhante à expressão *por exemplo.* Esse movimento se efetiva, ainda, por meio dos passos referenciar as pesquisas prévias e indicar contestações ao conhecimento estabelecido.

Os **Movimentos 4, 5** e **6**, permaneceram com os mesmos passos da notícia de PC. O M4 se efetiva por meio da menção aos procedimentos experimentais e da explicação da natureza dos dados. O M5 expõe os resultados, esclarece os significados desses e compara pesquisas anteriores. Por fim, o M6 faz menção à implicação da pesquisa, sugere futuras pesquisas e indicar limitações de pesquisas prévias.

Por fim, na organização retórica de reportagem de pesquisa de ZH, o **Movimento 7**, apresenta recomendações ao leitor sobre o tema da pesquisa reportada. As recomendações nem sempre são retiradas da própria pesquisa que deu origem à reportagem. Os conselhos e sugestões, que podem constar no corpo ou em quadros disponibilizados abaixo ou ao lado das reportagens, normalmente, são apresentados por outras vozes que o jornalista mobiliza e inclui nas reportagens, tal como mostra o exemplo 51, no início dessa seção.

Constam também nas reportagens, os elementos recursivos envolvidos na elaboração de comentários (A), a explanação de princípios e conceitos (B), o destaque à perspectiva social (C) e os elementos de destaque (D) nas reportagens de PC.

Nas reportagens de pesquisa do G, constitui-se como obrigatório o recrutamento ao leitor por meio de título, linha fina, apresentação de credenciais do autor da notícia, a contextualização do tema da pesquisa, a apresentação das conclusões (M1), a apresentação de exemplos, que ilustram os conhecimentos

apresentados (M2), por meio da glosa (B) e a explicação dos dados (M5). Isso significa que as reportagens de pesquisa do caderno G apresentam conhecimentos de caráter pedagógico.

Nas reportagens de pesquisa do caderno D, os movimentos obrigatórios consistem em atrair a atenção do leitor desde a apresentação do título e da linha fina, de modo a promover a apresentação de conclusões de pesquisas (M1), associadas às vozes de técnicos (A2), por exemplo, a apresentação de conhecimentos prévios (M3), por meio de glosa (B), seguido da exposição de resultados (M5), das implicações das pesquisas (M6) e da apresentação de sugestões (M7). Levando em consideração esses movimentos, entendo que as reportagens de pesquisa do caderno C se configuram como reportagens de pesquisa, de caráter pragmático.

O que distingue as reportagens dos dois cadernos é a finalidade da apresentação das informações, de modo a atender os objetivos e o público leitor previsto para cada caderno, conforme destacou J. na análise do Contexto de Situação.

Muitas características da reportagem de pesquisa não são identificadas na reportagem de produto do *corpus* em estudo. Por isso, tal como procedi ao tratar sobre notícia de PC e reportagem de pesquisa, apresento um exemplo ilustrativo da reportagem de produto, na próxima seção.

4.2.2.4 Reportagem de produto no jornal Zero Hora

Todas as reportagens de produto foram identificadas no caderno G. em ZH. O exemplo 57 mostra algumas características da organização retórica desse gênero.

Exemplo nº 57	**Texto**
Título	**(1A)** O motorista sumiu
Linha fina	**(1B) (2A)** <u>Táxi robô</u> **(C)** <u>londrino</u> pode ser o <u>pioneiro</u> do transporte do século 21
Credenciais	**(1C)** The Guardian
1º§	**(2A)** Um sistema de táxi totalmente automatizado começou a ser testado no aeroporto **(C)** Heathrow, de Londres **(B)** (Grã-Betanha). **(2B)**

	Trata-se de um pequeno táxi com motor elétrico, **(B)** que circula sem motorista, levando passageiros da classe executiva do estacionamento até a área de embarque do terminal 5.
2º§	**(2C)** Capaz de transportar até quatro pessoas e suas bagagens, **(4A)** o veículo é controlado por computadores e corre por trilhos em uma rota projetada, **(B)** como o trenzinho de um parque infantil. **(6A)** Além de oferecer aos passageiros uma alternativa de transporte ambientalmente amigável, o veículo pode ser uma solução para os congestionamentos de trânsito e para o futuro do transporte pessoal.
3º§	**(3B)** Diferentemente de outros sistemas sem motorista já existentes, **(B)** como o trilho magnético do trem Maglev, o veículo testado em Heathrow **(C)**, chamado ULTra e **(2F)** projetado pela empresa Britânica ATS, **(2C)** é feito sob medida para o transporte individual ou de pequenos grupos de pessoas. **(3B)** E não é único em desenvolvimento atualmente **(C)** na Europa. **(2G)**Enquanto isso, **(C)** a cidade espanhola de Castellon está criando uma linha especial de tráfego na área central para ônibus sem motorista.
4º§	**(4C)** Os três projetos têm recursos de cerca de 40 milhões de euros (cerca de R$ 100 milhões) do programa Citymobil, patrocinado **(C)** pela União Europeia. **(3C)** Outros estão na linha de produção. **(3B)** Em todos, companhias e institutos de pesquisa de 10 países europeus trabalham com soluções paralelas.
5º§	**(A1) (3A)** O Britânico Martin Lowson, **(B)** inventor dos veículos a bateria de Heathrow, diz que **(6A)** esse é o caminho para os deslocamentos urbanos, reduzindo o uso de carro em vez de substituí-lo completamente.
6§	**(A1) (3D)** - O transporte por carro não funciona porque eles ficam presos no trânsito. **(5C3)** Com o nosso sistema isso não acontece. Os carros continuarão a existir, mas podemos é oferecer uma alternativa.
7º§	**(6A)** Se a experiência do Terminal 5 de Heathrow for bem-sucedida, os administradores planejam estendê-la para o aeroporto inteiro, substituindo todos os ônibus e, eventualmente, concectando os hotéis próximos.

Infográfico

(D2) (5A)

(B)ULTra (Transportador Urbano Leve)

(4E)Comprimento: 3,7m
Altura: 1,8m
Peso: 820 kg

(D1)IMAGEM COM ÊNFASE NA IDENTIFICAÇÂO DE PARTES EXTERNAS DO TÁXI

(4E)Energia: quatro baterias montadas na traseira, recarregadas por eletricidade nas estações ou em portos de espera.

Motor: 7 kw elétrico
Velocidade máxima: 40km/h

(4E) Roda dianteira Distância direcional entre as rodas: 2,14m.

Alcance: 10km

(4F)1. Passageiro escolhe o destino
2. O centro de controle indica o próximo veículo disponível e determina a rota e o tempo de percurso
3. A viagem é feita sem paradas

(4F)Segurança: câmaras no interior da cabine permitem contato auditivo e visual com o centro de controle

Passageiros: 4, mais a bagagem

(4F) IMAGEM COM ÊNFASE NA IDENTIFICAÇÂO DE PARTES INTERNAS DO TÁXI

Fonte: Advanced Transport System Grafic News

Nessa reportagem, tal como normalmente nas outras descrições apresentadas, o título, a linha fina e as credenciais do autor do texto apresentam breves informações sobre a reportagem e procuram capturar a atenção do leitor. Nesse passo, porém, o produtor do texto menciona já no título uma apresentação positiva do produto e anuncia uma possível data de lançamento do objeto de Informática. No parágrafo seguinte, o autor define o produto a ser lançado. Essa informação parece ser relevante para que os atores envolvidos na interação estabeleçam postos de contato em comum. Depois da definição do que seja o produto, no segundo parágrafo, o leitor passa a ter informações ampliadas sobre as características e potencialidade do produto. No quarto parágrafo, novamente, o produto ganha destaque, ao ser diferenciado de outros produtos existentes e é apresentado o seu nome. No parágrafo seguinte, o leitor tem acesso a informações que reportam outros produtos semelhantes à tecnologia em lançamento, para na sequência receber informações sobre os valores financeiros avaliados na realização do material criado e os patrocinadores do investimento. No quinto parágrafo, a voz de um inventor de veículos, portanto de um especialista no assunto, é inserida no texto de modo indireto para conferir credibilidade às informações apresentadas e mencionar as implicações do produto na sociedade. No penúltimo parágrafo, por meio de uma representação direta do discurso, o especialista menciona um problema social, um conhecimento previamente estabelecido na sociedade, para, no final da oração, destacar novamente o produto, mostrar as implicações desse e possíveis ações a serem realizadas.

Neste exemplo, o texto faz alusão a movimentos e passos bem distintos das notícias e reportagens de PC descritas até essa seção. Assim, além de ilustrar como a organização retórica do gênero reportagem de produto, é possível compreender melhor porque Bonini (2009) situa essa reportagem em uma posição bem distante da notícia no quadro em que identifica e atribui as funções de cada gênero que integra a perspectiva do *continuum,* que se estende da notícia a diferentes tipos de reportagens, no Quadro 4.12.

Além desse exemplo apresentado, outras duas reportagens são publicadas no caderno G. Uma delas faz referência a um produto criado que simula uma experiência e reproduz a criação do mundo. A outra cria um sistema de verificação de autencidade de arquivos. Essas reportagens visam informar somente os aspectos positivos dos produtos lançados.

Evidências obtidas nas três reportagens de produto analisadas mostram que, nesse gênero, os textos compreendem as seguintes informações:

1. Apresentação do tema e do conteúdo da reportagem
2. Menção às credenciais dos autores dos textos
3. Apresentação positiva do lançamento de um produto
4. Menção a conhecimentos prévios sobre o tipo de produto criado
5. Descrição de procedimentos realizados
6. Descrição e apresentação dos testes e experimentos relativos à criação do produto
7. Apresentação das implicações positivas do produto na sociedade.

Orientada pelos itens acima, observei que os jornalistas empregam seis movimentos retóricos na organização das reportagens de produto. Esses movimentos são semelhantes à notícia e às reportagens de pesquisa. Entretanto, os passos encontrados são organizados de acordo com os que constam no Quadro 4.16.

MOVIMENTOS	PASSOS	ELEMENTOS RECURSIVOS
M1 – Recrutar o leitor	(a) Destacar o produto criado no título E/OU (b) Apresentar positivamente o produto na linha fina E/OU (c) Expor as credenciais do autor da reportagem E/OU	A – Elaborar comentários e narrativas – pode incluir além da voz do jornalista, a voz de(o): 1) Cientista/pesquisador/inventor/desenvolvedor (ou metaforicamente do estudo); B – Explanar princípios e conceitos (por meio de recursos de re-escritura como aposto, glosa e metáfora) C - Destacar perspectiva social/local D – Destacar informações por meio de infográfico
M2 – Apresentar o produto criado	LIDE (a) Apresentar, a data de lançamento do produto E/OU (b) Definir o produto E/OU (c) Estabelecer a finalidade do produto E/OU (d) Mencionar as expectativas com relação ao produto E/OU (e) Citar a importância do produto E/OU (f) Citar exemplos de produtos semelhantes E/OU (g) Mencionar os financiadores do produto E/OU	
M3 – Mencionar conhecimento prévio	(a) Apresentar conhecimentos estabelecidos E/OU (b) Referenciar pesquisas prévias relativas a produtos semelhantes E/OU (c) Mencionar o processo de desenvolvimento do produto	
M4 – Descrever a metodologia	(a) Descrever período e o local de desenvolvimento do produto E/O (b) Apresentar valor orçado no desenvolvimento do produto E/OU (c) Descrever procedimentos empregados na testagem do produto (d) Descrever o funcionamento do produto E/OU (e) Descrever as características do produto E/OU (f) Descrever como o usar o produto E/OU	
M5 – Explicar os resultados	(a) Expor os resultados obtidos na aplicação do produto E/OU (b) Mencionar críticas a testes realizados E/OU (c) Comparar pesquisas anteriores quanto aos resultados obtidos	
M6 – Indicar conclusões	(a) Mencionar a implicação do produto E/OU (b) Citar futuras ações envolvendo o produto	

Quadro 4.16 – Organização retórica de reportagens de produto publicadas na seção de Economia de ZH em 2009.

O Movimento 1, recrutar o leitor, tem por função, bem como os demais gêneros jornalísticos deste estudo, sensibilizar e atrair o leitor para ler o texto. É frequente o uso de palavras destacadas nos títulos, com a finalidade de sintetizar o tema a ser tratado na reportagem. Na sequência, as linhas finas dão destaque positivo ao lançamento do produto, como nos exemplos 58 e 59.

Exemplo **Texto**

58 G#26

59 **G#27**

O Movimento 2, apresentar o produto criado, é a parte mais importante da reportagem, pois coloca em destaque o novo produto criado. Esse movimento começa apresentando a data prevista para o lançamento do objeto criado, a definição, a finalidade, as expectativas, importância e os valores investidos na construção do produto. Nesse movimento, também foram identificados exemplos de projetos que de algum modo se assemelham ou estabelecem relação com a novidade lançada ou em lançamento, tal como mostra o exemplo 60.

Exemplo **Texto**

60 **(1D)**Uma tecnologia digital simples de usar poderá tornar mais difícil distorcer a história no futuro.**(2A)** Na última semana, pesquisadores da Universidade de **(C)** Washington (EUA) lançaram as bases para um sistema público de autenticação dos arquivos de vídeo de entrevistas com promotores e outros membros do Tribunal Criminal Internacional para **(C)** **(2F)**o Genocídio de Ruanda.

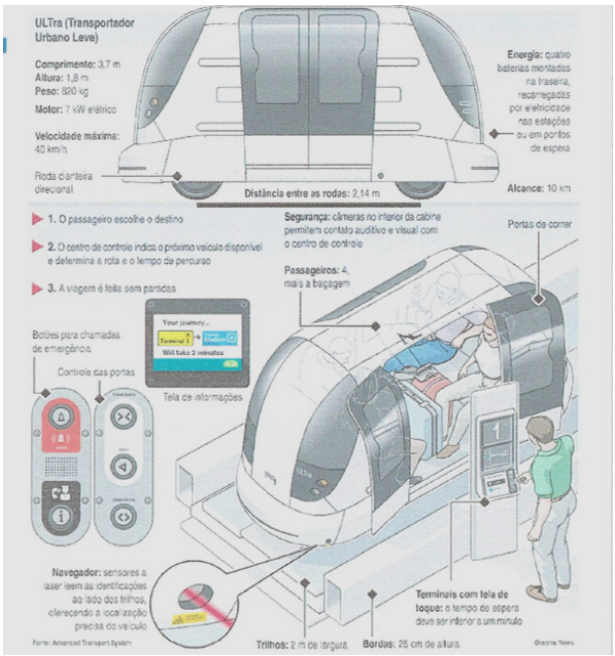
(2C) A intenção é que o sistema (veja quadro ao lado) esteja disponível para uso futuro na preservação digital e na comprovação de registros originais de julgamentos de crimes de guerra genocídios e outras atrocidades. **(2E)**Um instrumento como esse tornou-se importante porque hoje é possível alterar texto, áudio e vídeo em formato digital de maneira imperceptível. **(A1)** Conforme os cientistas, **(2F)** a história da humanidade é repleta de episódios de adulteração, eliminação e negação de registros. Agora, afirmam **(6A)** a autenticidade de documentos como vídeos, transcrições de depoimentos e atas de julgamentos poderá ser indiscutivelmente provada pela primeira vez.

O Movimento 3, mencionar conhecimento prévio, inclui a apresentação de conceitos ou menção de pesquisas relacionadas com o produto criado. Um exemplo desse passo consta no exemplo 61.

Exemplo	Texto
61	A solução proposta pelos pesquisadores é criar uma espécie de (B) "impressão digital" ou assinatura dos arquivos, (B) conhecida como hash criptográfico, que permitirá a qualquer um determinar que os documentos são autênticos. (3A) O conceito de hash (3B) remonta às pesquisas feitas por Hans Peter Luhn para a IBM no começo da década de 1950.

O Movimento 4, descrever a metodologia, tem por finalidade apresentar informações que envolvem a produção e o uso do produto, mediante a apresentação de cinco passos, sendo dois relativos à produção, e dois, ao uso do produto. A realização desse Movimento podem se efetivar no corpo das reportagens ou em infográficos, como mostram os exemplos 62 e 63.

Exemplos	Texto
62	**G#26** - O imenso acelerador **(B)** (a maior máquina já construída) **(4A)** foi montado ao longo de 15 anos pelo Centro Europeu de Pesquisas Nucleares (Cern) **(C)** nos arredores de Genebra (Suíça). (...) **(4A)** As primeiras colisões foram basicamente testes da capacidade do sistema de sincronizar o jato de prótons, que viajam a velocidades próximas à da luz, e fazê-los colidir em certos pontos.
63	**G#26**



Nesse infográfico, além das características do táxi robô (na parte superior da figura), constam também procedimentos sobre como usar o produto (na parte inferir da figura).

O Movimento 5, explicar os resultados, é efetivado mediante a apresentação de constatações obtidas na realização de testes, durante o desenvolvimento do produto. Esse passo parece ter sido empregado, para mais uma vez atribuir qualidades ao produto criado, como pode ser percebido no exemplo nº 64. Outro passo identificado na explicação dos resultados é a comparação do produto novo com os produtos existentes. Na comparação, o jornalista apresenta as semelhanças, de modo a evidenciar as diferenças que o novo objeto tecnológico, em fase de lançamento, apresenta, tal como mostram os exemplos 65.

Exemplo	**Texto**
64	Batya, porém diz que seu **(5A)** trabalho vai além da simples preservação dos dados. A iniciativa pretende criar um registro histórico digital que oferecerá continuidade pelas próximas gerações.
65	Diferentemente de outros sistemas sem motorista já existentes, como o trilho magnético do trem Maglev, o veículo testado em Heathrow, chamado ULTra e projetado pela empresa Britânica ATS, **(5A)** é feito sob medida para o transporte individual ou de pequenos grupos de pessoas. E não é único em desenvolvimento atualmente na Europa. Enquanto isso, a cidade espanhola de Castellon está criando uma linha especial de tráfego na área central para ônibus sem motorista.

O Movimento 6, indicar conclusões, envolve a menção das implicações do produto na sociedade, conforme mostra o exemplo número 66, e a apresentação de críticas e comentários recebidos durante o desenvolvimento do produto, no que se refere aos problemas enfrentados na realização dos testes, como mostra o exemplo número 67. Além desse passo, o Movimento 6 realiza a apresentação de comparações envolvendo o produto novo com produtos existentes e a apresentação de ações futuras com relação ao produto criado. Esse último passo, é marcado pela valorização do produto que está sendo lançado, conforme é possível verificar no exemplo número 68.

Exemplo	**Texto**
66	G#3 **- (6A)** A despeito de existirem aplicações comerciais que permitem verificar a data de criação de um documento e suas alterações, (A1) os pesquisadores afirmam que desenvolveram um sistema gratuito e capaz de sobreviver a sucessivas mudanças tecnológicas.

67 **(6A)** Em 2008, o acelerador ganhou o noticiário devido à possibilidade teórica de produzir buracos negros que poderiam destruir a terra.

68 **(6A)** Se a experiência do Terminal 5 de Heathrow for bem-sucedida, os administradores planejam estendê-la para o aeroporto inteiro, substituindo todos os ônibus e, eventualmente, concectando os hotéis próximos.

A exposição de críticas recebidas no desenvolvimento de um produto parece ter a função de mostrar que os comentários realizados são infundados teoricamente e valorizar, ainda mais, o produto.

Nas análises realizadas por Bonini (2009, p. 18), esse passo não foi identificado e o pesquisador mencionou que a ausência de crítica ao produto se constituía como uma característica desse gênero. Nos três textos do nosso *corpus,* esse passo foi encontrado em um texto. Embora o número de reportagens de produto incluídas neste estudo não seja significativamente grande, é possível mencionar que os resultados obtidos, no momento, parecem confirmar a constatação de Bonini. Desse modo, a reportagem de produto tem por função principal apresentar aos leitores as descrições de um novo produto. Trata-se, portanto, de um discurso de comodificação que tem por objetivo promover um produto, a fim de convencer um público consumidor da qualidade desse e, dessa maneira, persuadir esse público a consumi-lo.

Estabelecendo uma comparação com a notícia de PC, reportagem de pesquisa e a reportagem de produto, esse último gênero é o que apresenta significativa diferença, em relação aos demais, em termos de organização retórica.

O terceiro gênero que recontextualiza relato de resultados de pesquisas no jornal ZH é identificado neste estudo como infomercial.

4.2.2.5 Infomerciais de PC

Motta-Roth; Hendges (2010, p. 3) ao tentarem elaborar uma discussão teórica relacionada ao conceito de multimodalidade e ao conceito de “modalidade retórica”, a partir dos estudos de Meurer (2002, p. 66-67), para quem modalidades retóricas são “estratégias de textualização” para realizar atos de fala de diferentes tipos, como *argumentar, descrever, expor* nos diferentes gêneros discursivos de cada sistema

social, ilustram uma análise das imagens considerando um anúncio publicitário. Nesse trabalho, as pesquisadoras (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010, p.8-9), tomam como referência os estudos de Pateman ([1983] 1990) e Cheong (2004) para definir, especificar o propósito comunicativo e apresentar uma estrutura retórica do gênero anúncio, que são usadas neste estudo como ponto de partida na realização da análise do gênero infomercial identificado em ZH.

Tomando por base os estudos Motta-Roth e Hendges (2010, p. 3), ao explorarem as modalidades retóricas do gênero anúncio sob a perspectiva da multimodalidade, esse evento discursivo é definido como um gênero que constantemente incorpora recursos semióticos verbais e não-verbais, com propósito comunicativo central próprio da atividade social que o gênero anúncio instancia: vender produtos ou idéias (PATEMAN, 1990). Associando esse conceito como as características encontradas nas análises realizadas até o momento, o infomercial pode ser compreendido como um gênero que incorpora resultados de pesquisas e recursos semióticos com fins de comercialização de ideias ou produtos.

Com base nesse conceito, os textos publicados nas páginas C de ZH não se caracterizam como anúncio, visto que não há ocorrência de recursos não-verbais. Considerando, entretanto, o contexto em que os textos foram publicados (nas páginas C do ZH, voltado para empresários e leitores de anúncios) e o campo semântico de compra e venda de produtos e ideias neles encontrado, como por exemplo, em C#6 *sistema de anúncio Google Ad Sense – publicidade colocada no site e que remunera o blogueiro à medida que os internautas usam o link,* evidenciam que a recontextualização de relatos de resultados de pesquisas desenvolvidas por empresas privadas da área de Informática, como a McAfee, têm por função influenciar o comportamento do leitor e promover a venda de produtos de Informática

No gênero anúncio, Motta-Roth e Hendges (2010), com base nos estudos de Cheong (2004), destacam que a organização retórica é formada por sete movimentos: o lide, a ilustração, o emblema, o anúncio, o intensificador, a observação e o contato. Embora as análises da organização retórica de gêneros discursivos multimodais são diferentes daquelas comumente desenvolvidas sobre gêneros de natureza verbal, alguns dos movimentos acima foram identificados nos infomerciais do *corpus*, conforme consta no Quadro 4.17.

Textos
C#2. Crianças preferem a internet. **Zero Hora**, Porto Alegre, 24 jan. 2009. ZH Classificados, Informática, p. 1. C#6. Blogs chegam à maturidade. **Zero Hora**, Porto Alegre, 22 fev. 2009. ZH Classificados, Informática, p. 2. C#9. Spams custam US$ 182,5 mil. **Zero Hora**, Porto Alegre, 22 mar. 2009. Classificados, Informática, p. 1. C#10. Banda larga domina internet doméstica. **Zero Hora**, Porto Alegre, 29 mar. 2009. ZH Classificados, Informática, p. 1. C#11. Piratas vão às compras. **Zero Hora**, Porto Alegre, 26 abr. 2009. ZH Classificados, Informática, p. 1. C#12. Unanimidade nacional. **Zero Hora**, Porto Alegre, 03 mai. 2009. ZH Classificados, Informática, p. 1. C#13. Cuidado com o que buscas. **Zero Hora**, Porto Alegre, 07 jun. 2009. ZH Classificados, Informática, p. 1. C#14. Cada vez mais ligado na internet. **Zero Hora**, Porto Alegre, 07 jun. 2009. ZH Classificados, Produtos e serviços, p. 1. C#15. Porteira aberta. **Zero Hora**, Porto Alegre, 14 jun. 2009. ZH Classificados, Informática, p. 1.

Quadro 4.17 – Infomerciais publicados na seção de Economia de ZH em 2009.

Considerando essas reflexões, identifiquei algumas características da organização retórica do gênero infomercial publicados nas páginas C do corpus em estudo, bem como características do modelo esquemático do gênero notícia de PC, tais como, recrutar o leitor por meio de título e linha fina, ressaltar conclusões da pesquisa, por meio da identificação dos pesquisadores e exposição das conclusões no lide, apresentação de conhecimentos estabelecidos, mediante o emprego de glosa, descrição de metodologia com foco na natureza dos dados e explicação dos resultados e indica conclusões das pesquisas. Esses movimentos e passos retóricos são observadas no exemplo 69.

Exemplo 69	Texto
Título	**(1A)** Spams custam US$182,5 mil
Linha de apoio	**(1B) (4A)** Cálculo das perdas das empresas é baseado na queda de produtividade (6A) para eliminar mensagens indesejadas
1º§	**(2B)**Os spams custam, em média, US$ 182,5 mil por ano em **[(C)**perda de produtividade para as empresas**]**. **(4A)**0 dado foi divulgado pela **(2A)** McAFee,**]**que analisou os altos custos gerados por esse tipo de ameaça as empresas de todo o mundo. **(5B)**O estudo revelou o impacto do crescimento astronômico dessas mensagens indesejadas para 0 mundo corporativo.
2º§	**(6A)** Os níveis recordes de propagação dos e-mails não solicitados se tornam mais do que um incômodo para as organizações, pois podem levar ao crime virtual e ainda afetar seus resultados financeiros. **[(4B(2A)(A1)** Segundo o relatório da McAfee, **(B)(4B)** feito com base em companhias com uma media de mil funcionários que ganham US$ 30 por hora,**]** **(5A)** a perda de produtividade causada por spams custa mais de US$ 41 mil para cada 1 % de spam que entra na empresa. **(C)(5B)** O tempo gasto para ler um spam, eliminá-lo e voltar ao trabalho é de 30 segundos. Para um funcionário que ganha US$ 30 por hora, isso equivale a 50 centavos por dia. Isso se ele receber apenas dois spams diários. Em um ano, o custo atinge US$ 182,50 por funcionário. **(A2)** - 0 spam está custando às empresas mais do que elas imaginam - diz Jeff Green, **(B)** vice-presidente senior do McAfee Avert Labs.
3º§	**(D1 –) (5A)** O tamanho do prejuízo **Cálculos de perdas de produtividades ocasionados por spams** Total de e-mails diarios por usuario comum, provenientes de fora 50 Percentual de e-mail "inadequados" 90% Numero total de spam por usuario/dia 45 Percentual de precisão de filtragem generica de spam' 95 E-mails de spam que chegam a caixa de correia do usuario por dia 2 Tempo gasto para ler o spam, Jimina-la e *voltar* ao trabalho 30s Custo em perda de produtividade por dia por usuario (considerando um salario de uso .... US$ 0,50
Quadro	Custo em perda de produtividade por funcionario/ano US$ 128,50 Fonte: McAFee

O infomercial, tal como no exemplo:

1. recruta o leitor (título e linha fina)
2. apresenta conclusões da pesquisa com foco em estatísticas que apontam para aumento ou perda na lucratividade de empresas,
3. menciona o instituição privada que desenvolveu a pesquisa
4. detalha e explica os resultados
5. descreve procedimentos metodológicos (participantes e circunstâncias da pesquisa, etc)
6. apresenta implicações do estudo para leitores/empresários

Orientada por essas características, percebi no texto a presença de movimentos e passos retóricos verificados nas notícias de PC. O anúncio é constituído, não por um movimento específico, mas pela combinação de elementos como: a realização de pesquisa por uma instituição privada e foco nas implicações do estudo no público empresarial, com vistas ao aumento do lucro e/ou diminuição de perdas. Tais características revelam nesse gênero influências de uma abordagem de comodificação.

Desse modo, a análise realizada indica que os textos de PC da seção de Economia de ZH apresentam três configurações retóricas distintas e podem ser classificados como 1) notícia de PC, 2) reportagem de PC e 3) infomercial, conforme organizados no Quadro 4.18.

NOTÍCIAS DE PC	REPORTAGENS DE PC	INFOMERCIAIS DE PC
D#1. Loucos por internet. **Zero Hora**, Porto Alegre, 14 jan. 2009. ZH Digital, Comportamento, p. 5.	G#3. MARKOFF, J. Uma arma contra fraudes digitais. **Zero Hora**, Porto Alegre, 2, fev. 2009. Globaltech: ciência, tecnologia e inovação, p. 1.	C#2. Crianças preferem a internet. **Zero Hora**, Porto Alegre, 24 jan. 2009. ZH Classificados, Informática, p. 1.
G#5. Um robô que aprende. **Zero Hora**, Porto Alegre, 9 fev. 2009. Globaltech: ciência, tecnologia e inovação, p. 3.	G#4. CHANG, K. Não é fantasia, é quântica. **Zero Hora**, Porto Alegre, 9 fev. 2009. Globaltech: ciência, tecnologia e inovação, p. 1.	C#6. Blogs chegam à maturidade. **Zero Hora**, Porto Alegre, 22 fev. 2009. ZH Classificados, Informática, p. 2.
D#8. Todo mundo na rede. Zero Hora, Porto Alegre, 11 mar. 2009. ZH Digital, p.1.	D#7. Viveiro de bactérias. **Zero Hora**, Porto Alegre, 25 fev. 2009. ZH Digital, p.1.	C#9. Spams custam US$ 182,5 mil. **Zero Hora**, Porto Alegre, 22 mar. 2009. Classificados, Informática, p. 1.
G#16. No encalço dos crackers. **Zero Hora**, Porto Alegre, 03 ago. 2009. Globaltech: ciência, tecnologia e inovação, p. 3.	G#22. A parte do CD no efeito estufa. **Zero Hora**, Porto Alegre, 31 ago. 2009. Globaltech: ciência, tecnologia e inovação, p. 1.	C#10. Banda larga domina internet doméstica. **Zero Hora**, Porto Alegre, 29 mar. 2009. ZH Classificados, Informática, p. 1.
D#17. O Orkut em números. **Zero Hora**, Porto Alegre, 05 agos. 2009. ZH Digital, p.1.	D#23. Cinema na tela do micro. **Zero Hora,** Porto Alegre, 02 set. 2009. ZH Digital, p. 1.	C#11. Piratas vão às compras. **Zero Hora**, Porto Alegre, 26 abr. 2009. ZH Classificados, Informática, p. 1.
D#18. Cuidado com o computador. **Zero Hora**, Porto Alegre, 05 agos. 2009. ZH Digital, p. 4.	G#24.Um sopro de vida digital. **Zero Hora**, Porto Alegre, 05 out. 2009. Globaltech: ciência, tecnologia e inovação, p. 1.	C#12. Unanimidade nacional. **Zero Hora**, Porto Alegre, 03 mai. 2009. ZH Classificados, Informática, p. 1.
D#19. Mensagem com data de vencimento. **Zero Hora**, Porto Alegre, 12 ago. 2009. ZH Digital, p. 4.	D#25. 123456. **Zero Hora**, Porto Alegre, 14 out. 2009. ZH Digital, p. 1.	C#13. Cuidado com o que buscas. **Zero Hora**, Porto Alegre, 07 jun. 2009. ZH Classificados, Informática, p. 1.
G#20. Realidade aumentada no supermercado. **Zero Hora**, Porto Alegre, 17 ago. 2009. Globaltech: ciência, tecnologia e inovação, p. 3.	G#26. Hora de acelerar. **Zero Hora**, Porto Alegre, 30 nov. 2009. Globaltech: ciência, tecnologia e inovação, p. 1.	C#14. Cada vez mais ligado na internet. **Zero Hora**, Porto Alegre, 07 jun. 2009. ZH Classificados, Produtos e serviços, p. 1.
D#21. Usuários do Google são mais fiéis. **Zero Hora**, Porto Alegre, 19 ago. 2009. ZH DIGITAL, p. 3.	G#27. O motorista sumiu. **Zero Hora**, Porto Alegre, 14 dez. 2009. Globaltech: ciência, tecnologia e inovação, p. 1.	C#15. Porteira aberta. **Zero Hora**, Porto Alegre, 14 jun. 2009. ZH Classificados, Informática, p. 1.

Quadro 4.18 – Organização dos textos do corpus, conforme o gênero.

Assim, os resultados obtidos neste estudo indicam que, na recontextualização do discurso científico da área de Informática, divulgado em 2009, na seção de Economia do jornal ZH, são usados três gêneros: notícia, infomercial e reportagem (de pesquisa e de produto, conforme Bonini (2009)). Além disso, ocorre a emergência de um discurso híbrido (FAIRCLOUGH, 2001, p. 149) que mistura o discurso jornalístico com características do discurso científico, do pedagógico e da abordagem de comodificação.

A presença dessa abordagem de comodificação no ZH corrobora a posição de Braga (1996, p.60), citada por Garcia e Barichello (2003, p. 133) de que técnicas de publicidade são aliadas ao discurso científico de forma a construir um cenário de verdades absolutas. Para este autor, os jornalistas “apoiam-se na ciência para vender produtos de ‘qualidade inquestionável’”. Isso indica que a concepção de ciência divulgada no jornal ZH estabelece relação com a ciência moderna e com a concepção de PC tradicional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho de doutorado, tive por objetivo analisar criticamente a notícia de PC da área de Informática, mediante a descrição textual e contextual, com vistas à interpretação de como o conhecimento científico é discursivamente elaborado nos textos da maior mídia impressa estadual, representada pelo jornal ZH.

Na análise e interpretação das notícias de PC, adotei a perspectiva teórica e metodológica ACG, articulada com estudos da ACD, do Gênero do discurso na perspectiva Socior-retórica e da Linguística Sistêmico-Funcional. Também empreguei como referência os conceitos de ciência e de popularização da ciência, assim como o processo espiralado de PC. Por fim, o gênero notícia de PC recebeu atenção especial antes de analisar, contextual e textualmente, 27 notícias de PC da área de informática divulgadas no jornal ZH.

Na análise do contexto, constatei que os textos de informática no jornal ZH são editados nos cadernos G, D, e páginas C da área de Economia. Em cada um desses espaços, constatei o envolvimento de três tipos de produtores (jornalistas do *The New York Times,* do jornal ZH e de profissionais de agências de comunicação vinculados à empresas privadas) e de leitores (estudantes e interessados em ciência, leitores leigos em Informática que se interessam por obter informações sobre Informática para mudar hábitos e aprender a usar tecnologias na vida diária e leitores de anúncios/empresários que visam diminuir perdas e aumentar lucros em suas empresas).

Na análise dos textos, percebi a identificação de três gêneros discursivos: a notícia, o infomercial e a reportagem na recontextualização de relatos de resultados e conclusões de PC da área de Informática em ZH. Esses gêneros veiculam um discurso híbrido que articula os discursos do jornalismo, da ciência, e pedagógico, voltados à comodificação de ideias e produtos. Os discursos mencionados são evidenciados, respectivamente, pela apresentação de fatos ou temas que o jornal ZH entende ser relevante recontextualizar os resultados das pesquisas aos leitores, pela apresentação de princípios e conceitos que ampliam o conhecimento do leitor, pela apresentação de exemplos e propostas pragmáticas que possibilitem mudança

de hábitos, pela apresentação positiva de produtos criados e pela ênfase no lucro e redução de perdas econômicas para o setor empresarial.

Esses discursos apontam para uma visão moderna de ciência que atribui ao conhecimento do contexto científico como um caráter de verdade absoluto e uma visão de PC calcada na perspectiva tradicional, em que o jornalista exerce o papel de tradutor da ciência, na medida em que não compara resultados de pesquisas sobre um mesmo tema, não aponta, recorrentemente, implicações que as descobertas podem trazer à sociedade em geral, tão pouco se preocupa em recrutar vozes que promovam debates.

Esses resultados apontam para a necessidade de desenvolver estudos sobre o ensino de PC em língua materna desde a Educação Básica até o Ensino Técnico. Nesse sentido, a escola necessita resignificar o seu papel, de modo que se perceba como um espaço de formação de leitores críticos, possibilitando aos alunos a desconstrução e desnaturalização de discursos hegemônicos, ao mesmo tempo em que se posicionam frente aos diferentes discursos que constituem as esferas de atividade humana.

Diante desses resultados, acredito que a implicação central desta pesquisa está nos procedimentos analíticos adotados neste estudo e no desvelamento do discurso de PC da área de Informática no ZH. Com a realização deste estudo, é possível começar a delinear, em linhas gerais, uma possível proposta de letramento científico calcado nos estudos de análise crítica de gênero, na desconstrução de notícias, reportagens e infomerciais de PC do jornal impresso e na construção de novos textos. O professor pode, por exemplo, ensinar o aluno a ler criticamente notícias de PC, observando aspectos do contexto e do texto, ou seja, as marcas linguísticas empregadas nos textos que apontam para o contexto. Além disso, o docente pode orientar o aluno na produção ou na recontextualização de textos de PC, sob uma perspectiva pós-moderna de ciência, em que o conhecimento científico é visto como um processo complexo que envolve participantes de vários quadrantes da espiral da cultura científica que correspondem a diferentes atores sociais situados em diferentes contextos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBAGLI, S. Divulgação científica: informação cientifica para a cidadania? *Ciência da Informação*, Brasília: v. 25, n. 3, p. 396-404, 1996.

ANJ - ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. Disponível em: <http://www.anj.org.br>. Acesso 21 em março de 2011.

ARAÚJO, L. *A metamorfose da Zero Hora*: seleção, agendamento e enquadramento das notícias sobre o crime e segurança pública durante as administrações do PT e do PMDB no Rio Grande do Sul. 2006. 201f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em <http://repositorio.bce.unb.br/handle/10482/2437> Acesso em 31 de julho de 2011.

ASKEHAVE, I; SWALES, J. M. Identificação de gênero e propósito comunicativo: um problema e uma possível solução. In: BEZERRA, Benedito Gomes; BIASI-RODRIGUES, Bernadete; CAVALCANTE, Mônica Magalhães (Orgs.) *Gêneros e sequências textuais.* Recife: Edupe. 2009. p. 159-195.

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. Tradução: Maria Ermantina Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARBARA, L; MACÊDO, C. M. M. de. Linguística sistêmico-funcional para análise de discurso: um panorama introdutório*. Cadernos de Linguagem e Sociedade*, Brasília, v. 10, n. 1, p. 89-107, 2009.

BAZERMAN, C. *Shaping written knowledge*: the genre and activity of the experimental article in science. Madison, WI: University of Wisconsin Press. 1988. Disponível em < http://wac.colostate.edu/books/ bazerman_shaping>. Acesso em 20 de abril de 2009.

BAZERMAN, C. Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: como os textos organizam atividades e pessoas. In. BAZERMAN, C. ; DIONÍSIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C. (Orgs). *Gêneros textuais, tipificações e interação*. São Paulo: Cortez, 2005, p. 19-46.

BAZERMAN, C. A produção de tecnologia e a produção de significado humano. In. HOFFNAGEL, J. C.; DIONÍSIO, A.P.; (Orgs.) *Gênero, agência e escrita*. São Paulo: Cortez, 2006a, p. 79-86.

BAZERMAN, C. Intertextualidade: como os textos se apoiam em outros textos. In. HOFFNAGEL, J. C.; DIONÍSIO, A. P.; (Orgs.) *Gênero, agência e escrita*. São Paulo: Cortez, 2006b, p. 87-103.

BAZERMAN, C. A vida do gênero, a vida na sala de aula. In. BAZERMAN, C.; HOFFNAGEL, J. C.; DIONÍSIO, A. P. (Orgs). *Gênero, agência e escrita.* São Paulo: Cortez, 2006c, p. 23-34.

BAZERMAN, C. Escrevendo bem científica e retoricamente: consequências práticas para escritores da ciência e seus professores. In. BAZERMAN, C.; HOFFNAGEL, J. C.; DIONÍSIO, A. P. (Orgs). *Gênero, agência e escrita.* São Paulo: Cortez, 2006d, p. 59-77.

BEACCO, J-C.; CLAUDEL, C.; DOURY, M.; PETIT, G.; REBOUL-TOURÉ, S. Science in media and social discourse: new channels of communication, new linguistic forms. *Discourse Studies*, London, v. 4, n. 3, p. 277-300, jun. 2002.

BERNSTEIN, B. *The Structuring of Pedagogic Discourse*, Londres: Routledge, 1990.

BHATIA, V. K. *Analysing genre*: language use in professional settings. London: Longman, 1993.

BHATIA, V. K. *Worlds of written discourse*: a genre-based view. London: Continuum, 2004.
BONINI, A. *Gêneros textuais e cognição:* um estudo sobre a organização cognitiva da identidade dos textos. Florianópolis: Insular, 2002.

BONINI, A. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil? *Linguagem em (Dis)Curso*, Tubarão/SC, v. 4, n. 1, p. 205-231, 2003.

BONINI, A. The Distinction Between News and Reportage in the Brazilian Journalistic Context: A Matter of Degree. In.: BONINI, A.; FIGUEIREDO, D.C.; BAZERMAN, C. (Orgs). *Genre in a changing world* – advances in genre theory, analysis and teaching. International Association for the Improvementof Mother Tongue Education, v. 9, n. 2: Special issue "L1 studies in Brazil", 2009. Disponível em: <http://l1.publication-archive.com/public?fn=lookup&repository=1&string=Special%20issue%20L1%20Studies%20in%20Brazil>. Acesso 20 de abril de 2010.

BUENO, W. da C. *Jornalismo científico*. Curso de curta duração ministrado/Extensão. São Paulo. 2006. Disponível em < http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/conceitos/jornalismocientifico.php> Acesso em 02 de janeiro de 2009.

CABRAL, S. R. S. *Complexo oracional:* material didático apresentado em sala de aula. Santa Maria: UFSM. 2011.

CABRAL, S. S. *A mídia e o presidente:* o julgamento com base na teoria da valoração. 2007. 249f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

CAPRA, F. *O ponto de mutação.* Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARVALHO, G. Gênero como ação social em Miller e Bazerman: o conceito, uma sugestão metodológica e um exemplo de aplicação. In: MEURER, J.L.; BONINI, A; MOTTA-ROTH, D (Orgs.) *Gêneros*: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola. 2005, p. 130–149.

CHIAPELLO, E.; FAIRCLOUGH, N. Understanding the new management ideology: a transdisciplinary contribution from critical discourse analysis and new sociology of capitalism. *Discourse Society*, London, v. 13, n. 2, p. 185-208, 2002.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity*: rethinking Critical Discourse Analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

FAIRCLOUGH, N. *Discourse and social change.* Cambridge: Polity Press, 1992.

FAIRCLOUGH, N. *Language and power*. New York: Longman, 1996.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social.* Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, N. *Media discourse*. London/New York/Sydney/Auckland: Edward Arnold, 2002.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse*: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.

FELIPPI, A. C. T. *Jornalismo e identidade cultural* – construção da identidade gaúcha em Zero Hora. 2006. 178 f. Tese (Programa de Pós-Graduação da em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul PUCRS, 2006. Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=574> Acesso em 19 de jan. de 2012.

FIORIN, J. L.; PLATÃO, F. *Para entender o texto*: leitura e redação. São Paulo: 2003.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Manual de redação*: Folha de São Paulo. São Paulo: Publifolha, 2010.

FONSECA, A. L. da. *Jornalismo e interesses econômico-políticos* – o caso das montadoras e o governo do pt em zero hora: 1999, o ano em que o jornal abandona o neoliberalismo e se torna “keynesiano”. 2003. 290f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <*www.direitoacomunicacao.org.br/index2.php?option*=com_docman&task=doc_view &gid=337&Itemid=> Acesso em Acesso em 19 de jan. de 2012.

FUZER, C; CABRAL, S. R. S. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras Vernáculas, Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa, 2010.

GARCIA, S. C.; BARICHELLO, E. M. Mídia impressa: a percepção de jornalistas e pesquisadores sobre a divulgação da ciência. In: SILVEIRA, A. C.M. da (Org.). *Divulgação científica e tecnologias de informação e de comunicação*. Santa Maria: FACOS – UFSM, 2003, p. 107-172.

GENRO FILHO, A. Jornalismo já tem sua teoria. *Revista da Fenaj*, Brasília, ano 1, n. 1, p. 1-14, 1996.

GENRO FILHO, A. *O segredo da pirâmide*: para uma teoria marxista do jornalismo. 3. ed. Porto Alegre: Editora Ortiz, 1997.

GERHARDT, L. B. A reformulação através de aposto e glosa em textos de popularização científica. In: ENCONTRO DO NÚCLEO DE ESTUDOS LINGUAGEM, CULTURA E SOCIEDADE: GT LABLER, 5., 2009, Santa Maria. *Caderno de Resumos...* Santa Maria: LABLER, 2009. Disponível em: <http://coralx.ufsm.br/labler/grpesq/eventos/index/eventos.html>. Acesso em: 15 mar. 2010.

GERMANO, M. G. Popularização da ciência como ação cultural libertadora. In: V COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE: DESAFIOS À SOCIEDADE MULTICULTURAL. *Anais.* Recife: 2005. p. 1-18.

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade.* São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GOMES, I. A. *A divulgação científica em Ciência Hoje*: características discursivotextuais. Recife: UFPE, 2000. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

GOMES, I. A.; HOLZBACH, A. D.; TAVEIRA, M. A. Mídia impressa: a construção da identidade da ciência nas revistas semanais de informação. In: SILVEIRA, A. C. M. da (Org.). *Divulgação científica e tecnologias de informação e de comunicação*. Santa Maria: FACOS – UFSM, 2003, p. 216-236.

GOUVEIA, C. A. M. Texto e gramática: uma introdução à linguística sistêmico-funcional. *Matraga*, Rio de Janeiro: UERJ, v.16, n. 24, p. 13-47. 2009.

GRUPO REDE BRASIL SUL DE COMUNICAÇÃO. *Guia de ética, qualidade e responsabilidade social.* 2007. Disponível em < http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jspx?uf=1&local=1&action=getZhRespondeMateria&newsID=a2217485.xml&treeName=Responde&section=zhrespondee&origem=zhresponde> Acesso em 10 de novembro de 2009.

HALLIDAY, M. A. K. *Language as social semiotic:* the social interpretation of Language and Meaning. London: Edward Arnold, 1986.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press,1989.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *Introduction to functional grammar*. London: Arnold, 2004.

HEBERLE, V. M. Critical Reading: Integrating principles of critical discourse analysis and genre studies. *Revista Ilha do Desterro*. Florianópolis, n. 38, p. 115-138, jan./jun. 2000.

HENDGES, G. R. Procedimentos e categorias analíticas para o estudo do contexto de notícias de popularização da ciência. In: V ENCONTRO DO NÚCLEO DE ESTUDOS LINGUAGEM, CULTURA E SOCIEDADE: GT LABLER Módulo 2: Interação universidade e escola, 2009, Santa Maria. *Resumos*… Santa Maria, 2009.

HENDGES, G. R. Procedimentos e categorias para a análise da estrutura textual de gêneros. In: MOTTA-ROTH, D.; CABAÑAS, T.; HENDGES, G. R. (Orgs). *Análises de textos e de discursos:* relações entre teorias e práticas. Santa Maria: PPGL Editores, 2008, p. 101-129.

HENDGES, G. R. *Tackling genre classification*: the case of HTML research articles. Tese (Doutorado em Letras/Inglês e Literaturas correspondentes) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2007.

HILGARTNER, S. The dominant view of popularization: conceptual problems, political uses. *Social Studies of Science*, v.20, n. 3, p.519-539, 1990.

HYLAND, K. Writing without conviction: hedging in research articles. *Applied Linguistics*, v. 17, n. 4, p.433-454, 1996.

HYON, S. Genre in three traditions: Implications for ESL. *TESOL Quarterly*, v. 30, n. 4, p. 693-722, 1996.

INSTITUTO VERIFICADOR DE CIRCULAÇÃO. São Paulo /SP - Rio de Janeiro/RJ. 2011. Disponível em: http://www.ivc.org.br. Acesso 15 em março de 2011.

JAPIASSÚ, H. *Nascimento e morte das ciências humanas*. 2 ed., Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1982.

JAPIASSÚ, H. *O mito da neutralidade da ciência.* Rio de Janeiro: Imago, 1975.

KINDERMANN, C. A.; BONINI, A. A reportagem jornalística: uma caracterização inicial do gênero a partir de exemplares publicados no Jornal do Brasil. In: MOTTA-ROTH, D.; BARROS, N. C. de; RICHTER, M. G. (Org.) *Linguagem, cultura e sociedade*. 1 ed. Santa Maria, RS: Programa de Pós-Graduação em Letras-UFSM, 2006, p. 39-56.

KUHN, T. *O caminho desde a estrutura*: ensaios filosóficos, 1970-1993, com uma entrevista autobiográfica. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

LAGE, N. *A reportagem:* teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro : Record, 2001.

LATOUR, B. *Jamais fomos modernos:* ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Ed 34, 1994.

LOVATO, C. dos S. *Análise de gênero:* investigação da organização retórica de notícias de popularização da ciência na revista Ciência Hoje Online.2010. 102 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos)- Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010a.

LOVATO, C. dos S. Recontextualizando os saberes científicos: a glosa e m notícias de popularização da ciência. *Revista de Letras*, v. 1, n. 13, p. 1-16, 2010b.

LUSTOSA, E. *O texto da notícia*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

MACHADO, M. B. da C.; GIORDANO, N. C. Publicidade eleitoral no jornal: a campanha da RBS no RS. In. IV ENCONTRO DA COMPOLÍTICA: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM COMUNICAÇÃO E POLÍTICA. *Anais* Disponivel em: < www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2010/11/programa.pdf > Acesso em 31de julho de 2011.

MAGALHÃES, I. Introdução à análise crítica do discurso. *DELTA*, São Paulo, v. especial, n. 21, p. 1-9, 2005.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In KARWOSKI A. M., GAYECZKA, B. & BRITO K. S. (Orgs.) *Gêneros textuais:* reflexões e ensino. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 57-71, 2005.

MARCUZZO, P. *Um estudo de relatos de pesquisa em análise de gênero*. 2006. 101f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2006.

MARCUZZO, P. *Ciência em debate?:* uma análise das vozes em notícias de popularização científica. 2011. 176f. Tese (Programa de Pós-graduação em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

MARCUZZO, P. MOTTA-ROTH, D. Polifonia e avaliação em notícias de popularização da ciência. In: CÍRCULO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO SUL (CELSUL), 8., 2008, Porto Alegre. *Anais*... Porto Alegre: UFRGS/CELSUL, 2008. p. 1-11.

MARCUZZO, P. O jogo de vozes em notícias de popularização da ciência. In: MOTTA-ROTH, D.; GIERING, M. E. (Orgs.) *HIPER@SABERES* - Discursos de popularização da ciência.1 ed. Santa Maria, RS: PPGL Editores, 2009. v. 1, p. 90-100. Disponível em <http:/w3.ufsm.br/hipersaberes/volumeI> Acesso em 10 de janeiro de 2010.

MARTIN, J. E. *English text:* system and structure.Philadelphia/Amsterdam: John Benjamins. 1992.

MARTIN, J. E. *Factual writing*: exploring and challenging social reality. Oxford: Oxford University Press. (1985) 1989.

MASSARANI, L; BUYS, B. A ciência em jornais de nove países da América Latina. In: MASSARANI, L; POLINO, C. *Los desafíos ya la evolución del periodismo científico em Iberomérica: Jornadas Iberoamericanas sobre la ciencia em los medios masivos.* Santa Cruz de la Sierra (Bolívia) : AECI, RICYT, CYTED, SciDevNet, OEA, 2007. p. 21-37. Disponível em: <http://www.nupejoc.cce.ufsc.br/paginas/bibli/jornalismo-cientifico.pdf>. Acesso em 30 de julho de 2008.

MASSONI, N. T. Ilya Prigogine: uma contribuição à filosofia da ciência. *Revista Brasileira de Ensino de Física*, v. 30, n. 2, p. 1-8, 2308. Disponível em: <www.sbfisica.org.br> Acesso em 12 de dezembro de 2011.

MENDES, M. Gestão da tecnologia da informação. *Revista científica da UFPA,* v. 8, n. 1, p. 1-6, 2009. Disponível em <http://www2.ufpa.br/rcientifica/artigos_cientificos/ed_08/pdf/marcos_mendes2.pdf> Acesso em 15 de julho de 2012.

MEURER, J. L. Uma dimensão crítica do estudo de gêneros textuais. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Org.) *Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem*. Bauru: EDUSC, 2002. p. 17-29.

MEURER, J. L. *Análise crítica de gêneros textuais*: texto e contexto a partir da linguística sistêmica funcional com ênfase no componente sociológico da linguagem. Brasília: CAPES, 2003. Projeto de Pesquisa (estágio pós-doutoral na Macquarie University, Sydney).

MEURER, J. L. *Análise crítica de gêneros textuais*: texto e contexto a partir da linguística sistêmico-funcional com ênfase no componente sociológico da linguagem. Projeto submetido ao CNPq para Bolsa de Produtividade em Pesquisa, 2005.

MEURER, J. L. Integrando estudos de gêneros textuais ao contexto da cultura. In: KARWOSKI, A.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.) *Gêneros textuais*: reflexões e ensino. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2006, p. 165-185.

MEURER, J. L.; DELLAGNELO, A. *Introdução à análise do discurso.* Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

MILLER, C. R. Rhetorical community: the cultural basis of genre. In: Freedman, A. & Medway, P. *Genre and the new rhetoric.* London, Taylor & Fracis, pp. 67-78. 1994.

MILLER. C. R. Comunidade retórica a base cultural do gênero. In.: MILLER. C.; DIONÍSIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C. (Orgs). *Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia*. Recife: Editora Universitária da Universidade Federal de Pernambuco, 2009, p. 45-58.

MILLER. C. R. Gender as social action. *Quarterly Journal of Speech*, London, v. 70, n. 2, p. 151-176, 1984.

MILLER. C. R. Gênero como ação social. In. MILLER. C.; DIONÍSIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C. (Orgs). *Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia*. Recife: Editora Universitária da Universidade Federal de Pernambuco, 2009, p. 21–58.

MOREIRA, I. de C. A inclusão social e a popularização da ciência e tecnologia no Brasil. *Revista Ciência da Informação*. Brasília: v. 1, n. 2, p. 11-16, abr./set. 2006. Disponível em: <http://revista.ibict.br/inclusao/index.php/inclusao/article/view/29/50> Acesso em 20 de novembro de 2009.

MOREIRA, T. M. Análise de gêneros de popularização da ciência na mídia jornalística local, estadual e regional. In: MOTTA-ROTH, D.; GIERING, M. E. (Orgs.) *HIPER@SABERES* - Discursos de popularização da ciência.1 ed. Santa Maria, RS: PPGL Editores, 2009. v. 1, p. 101 - 129. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/hipersaberes/volumeI/> Acesso em 20 de janeiro de 2010.

MOREIRA, T. M.; MOTTA-ROTH, D. Popularização da ciência: uma visão panorâmica do Diário de Santa Maria. In: CÍRCULO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO SUL (CELSUL), 8, 2008. Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS/CELSUL, 2008. 1 CD-ROM.

MORIN, E. Para a ciência. In: MORIN, E. *Ciência com consciência.* 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 15-36.

MOTION, J. DOOLIN, B. Out of the laboratory: scientists‘ discursive practices in their encounters with activists. *Discourse Studies*, v. 9, n. 1, p. 63–85, 2007.

MOTTA-ROTH, D. *Rhetorical features and disciplinary cultures:* a genre based study of academic book reviews in linguistics, chemistry, and economics. 1995 311f. Tese (Doutorado em Inglês) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995. In: LEFFA, V. J. (Ed.) TELA: textos em Lingüística Aplicada. Publicação eletrônica da Revista Linguagem & Ensino. Pelotas: Mestrado em Letras/Universidade Católica de Pelotas, 2000.

MOTTA-ROTH, D. Questões de metodologia em análise de gêneros. In KARWOSKI, A.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.) *Gêneros textuais:* reflexões e ensino. União da Vitória- PR: Editora Kaygangue, 2005. p.179-202.

MOTTA-ROTH, D. Questões de metodologia em análise de gêneros. In KARWOSKI, A.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.) *Gêneros textuais*: reflexões e ensino. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 145-163.

MOTTA-ROTH, D. *Análise crítica de gêneros com foco em artigos de popularização da ciência*. Projeto de Produtividade em Pesquisa PQ/CNPq (nº 301962/2007-3), 2007. Disponível em: <http://coralx.ufsm.br/desireemroth/Projeto_Comite_Etica.pdf> Acesso em 30 de março de 2007.

MOTTA-ROTH, D. Para ligar a teoria à prática: roteiro de perguntas para orientar a leitura/análise crítica de gênero. In: MOTTA-ROTH, D., CABANÃS, G. E HENDGS, G. R. (Orgs.) *Análises de textos e de discursos:* relações entre teorias e práticas. 2ª ed. Santa Maria : PPGL, Editores, 2008a. p. 243 – 272.

MOTTA-ROTH, D. Análise crítica de gêneros: contribuições para o ensino e a pesquisa de linguagem. *DELTA*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 341-383. 2008b.

MOTTA-ROTH, D. A popularização da ciência como prática social e discursiva. In: MOTTA-ROTH, D.; GIERING, M. E. (Orgs.) In: MOTTA-ROTH, D.; GIERING, M. E. (Orgs.) *HIPER@SABERES* - Discursos de popularização da ciência.1 ed. Santa Maria, RS: PPGL Editores, 2009. v. 1, p. 130-195. Disponível em <http://w3.ufsm.br/hipersaberes/volumeI/>. Acesso em 25 de março de 2010.

MOTTA-ROTH, D. Sistema de gêneros e recontextualização da ciência na mídia eletrônica. *Gragoatá*. Rio de Janeiro. v. 1, n. 28, p. 153-174, 2010.

MOTTA-ROTH, D. GERHARDT, L; LOVATO, C. Organização retórica do gênero notícia de popularização da ciência: um estudo comparativo entre português e inglês. In: CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL (CELSUL), 8, 2008. Porto Alegre. *Anais*... Porto Alegre: UFRGS/CELSUL, 2008. 1 CD-ROM.

MOTTA-ROTH, D.; HEBERLE, V. M. O conceito de "estrutura potencial do gênero" de Ruqaya Hasan. In: BONINI, A.; MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. *Gêneros:* teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. A genre analysis study in computer science.. In: XIV ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE LÍNGUA INGLESA (ENPULI), XIV ENPULI, 1999, Belo Horizonte. *Anais*... Belo Horizonte, MG: UFMG, 1999. p. 103-109.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. Explorando modalidades retóricas sob a perspectiva da multimodalidade*. Revista Letras*, Santa Maria, v. 20, n. 40, p. 43-66, 2010.

MOTTA-ROTH, D.; MARCUZZO, P. Ciência na mídia: análise crítica de gênero de notícias de popularização científica. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte: v. 10, n. 3, p. 511-538, jul./set. 2010.

MOTTA-ROTH, D.; MARCUZZO, P.; NASCIMENTO, F. S.; SCHERER, A. Polifonia em noticias de popularização da ciência sob a ótica sistêmico- funcional. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO DE LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL DA AMERICA LATINA, 4., 2008, Florianópolis. *Anais*... Florianópolis: ALSFAL-UFSC, 2008.

MOTTA-ROTH, D.; LOVATO, C. S. Organização retórica do gênero notícia de popularização da ciência: um estudo comparativo entre português e inglês. *Linguagem em (Dis)Curso*. Tubarão, SC. v. 9, n. 2, p. 273-302, maio/ago 2009.

MOTTA-ROTH, D.; ROSSI, A. E. Estudos sobre análise crítica do gênero notícia de popularização científica. In: Simone Sarmento. (Org.) PROCEEDINGS OF THE 17TH ANNUAL CONVENTION: what about teachers' development – 1ed. Canoas: ULBRA, 2011, v. 1, p. 31-43.

MUELLER, S. Popularização do conhecimento científico. *DataGramaZero – Revista de Ciência da Informação*. Rio de Janeiro. v.3, n. 2, abr, 2002. Disponível em < http://www.dgz.org.br/abr02/F_I_art.htm> Acesso em 30 de novembro de 2009.

MYERS**,** G. Discourse studies of scientific popularization: questioning the boundaries. *Discourse Studies*, v. 5, n. 2, p. 265-279, 2003.

NASCIMENTO, F. S. *'GM crops may be harmful to the environment'*: graus de autoridade e assertividade em notícias de popularização da ciência. 2011. 114f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos)- Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

NASCIMENTO, F. S.; SCHERER, A. S.; MOTTA-ROTH, D. Popularização da ciência estatuto e função. In: JORNADA ACADÊMICA INTEGRADA, 22, 2007, Santa Maria. *Resumos eletrônicos...* Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2007. 1 CD-ROOM.

NAVAS, A. M. *Concepções de popularização da ciência e da tecnologia no discurso político: impactos* nos museus de ciências. 2008. 126f. *Dissertação* (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração : Ensino de Ciências e Matemática) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.casadaciencia.ufrj.br/Publicacoes/Dissertacoes/concepcoesdepopularizacao.pdf>. Acesso em 23 de setembro de 2011.

PAUL, D. Spreading chaos: the role of popularization in the diffusion of scientific ideas. *Written communication*, v. 21, n. 1, p. 32-68, 2004.

PATEMAN, T. How is understanding an advertisement possible? In: DA VIS, H.; WALTO N, P. (Eds.). *Language, image, media*. Oxford: Basil Blackwell, p. 187-204, 1990. Disponível em: <http://www.selectedworks.co.uk/advertisement.html>. Acesso em: 18 nov. 2012.

PINTON, F. M. *Análise crítica de gênero de reportagens didáticas sobre o ensino de produção textual na revista Nova Escola (2006-2010)*. 2012. 198f. Tese (Programa de Pós-graduação em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

PRATES, N. D.; SCHERER, A. S.; MOTTA-ROTH, D. Organização retórica e uso de aposto em artigos de popularização da ciência. In: 56º SEMINÁRIO DO GEL - GRUPO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS, 2008, São José do Rio Preto, SP. *Resumos eletrônicos.* São José do Rio Preto, SP: GRUPO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS/UNIP - Universidade Paulista e UNESP - Universidade Estadual de São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.gel.org.br/novo/resumos_det.php?resumo=4934>. Acesso em: 28 de janeiro de 2009.

RUBLESCKI, A. Jornalismo científico: problemas recorrentes e novas perspectivas. *Revista Ponto de Acesso*. v. 3, n. 3, p. 407–427, dez. 2009. Disponível em < http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/viewArticle/3357 > Acesso em 15 de julho de 2011.

SANTI, V. J.; AMARAL, M. F. O jornal Zero Hora pelos Sem-terra e as representações no ato da leitura. *Revista Verso e reverso,* v. 24, n. 55, p. 27 – 36. 2010/1.

SANTOS, R. L. Metáforas lexicais em estruturas verbais e mentais em notícias de popularização da ciência. 2010. 95 f. *Dissertação* (Mestrado em Estudos Lingüísticos)- Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria: 2010.

SCHERER, A. S. Intertextuality in science popularization news. *Ao pé da letra.* v. 12, n. 2, p. 25–50, 2010. Disponível em < *www.revistaaopedaletra.net/volume12-2-home.html*> Acesso em 15 de outubro de 2011.

SILVA, E. A. Verbal and mental processes in science popularization news. *Ao pé da letra.* v. 12, n. 2, p. 25–50, 2010. Disponível em <http://www.ufsm.br/labler> Acesso em 15 de outubro de 2011.

SILVEIRA, M. I. M. *Análise de gênero textual*: concepção sócio-retórica. Maceió: EDUFAL, 2005.

SNOW, C. P. *As duas culturas e uma segunda leitura*: uma versão ampliada das duas culturas e a revolução científica. Tradução de Geraldo Gerson de Souza; Renato de Azevedo Rezende Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

SOUZA SANTOS, B*. Introdução a uma ciência pós-moderna.* Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SOUZA SANTOS, B. *Um discurso sobre as ciências.* 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SWALES, J. *Aspect of article introductions*. Birmingham: University of Aston, 1981.

SWALES, J. *Genre analysis:* english in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press. 1990.

SWALES, J.*Other floors, other voices*: a textography of a small univerity building. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 1998.

SWALES, *Research genres:* exploration and applications. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

SWALES, J.; FEAK, C. B. *Academic writing for graduate students.* Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1994.

THOMPSON, G. *Introducing functional grammar*. London: Arnold, 2004.

TRAQUINA, N. *O estudo do jornalismo no século XXI*. São Leopoldo:Editora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2001.

VALÉRIO, M. Os desafios da divulgação científica sob o olhar epistemológico de Gaston Bachelard. In: V ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 2005, Bauru. *Anais...* Disponível em: <http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/venpec/conteudo/artigos/3/pdf/p153.pdf>. Acesso em 30 de junho de 2011.

VAN DIJK, T. A. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2008.

VAN LEEUWEN, T. The representation of social actors. In: CALDAS-COULTHARD, C. R.; COULTHARD, M. (Ed.). *Texts and practice*. London: Routledge, 1996. p. 32-70.

VAN LEEUWEN, T. *Introducing Social Semiotics.* London, New York: Routledge, 2005.

VAN LEEUWEN, T. *Discourse and Practice*: new tools for critical discourse analysis. Oxford: Oxford University Press, 2008.

VOGT, C. A. . A espiral da cultura científica. *ComCiência – Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*, Campinas, n. 45, 2003. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/cultura/cultura01.shtml> Acesso em: 16 de março de 2008.

VOGT, C. A. *Ciência e bem-estar cultural***.** 2010. Disponível em: <http://www.oei.es/cienciayuniversidad/spip.php?article1234> Acesso em: 16 de outubro de 2010.

APÊNDICES E ANEXOS

Em cd-rom anexo a esta Tese.